

FACULDADE UNIDA DE VITÓRIA

Ângelo Vieira da Silva

**A LITERATURA APOCALÍPTICA E O LIVRO DOS
VIGILANTES: O PROBLEMA DO MAL NO LIVRO ETÍOPE DE
ENOQUE**

Vitória
2013

ÂNGELO VIEIRA DA SILVA

**A LITERATURA APOCALÍPTICA E O LIVRO DOS
VIGILANTES: O PROBLEMA DO MAL NO LIVRO ETÍOPE DE
ENOQUE**

Dissertação apresentada à Faculdade Unida de Vitória em cumprimento às exigências do Mestrado Profissional em Ciências das Religiões, na linha de pesquisa em Análise do Discurso Religioso.

Orientador: Prof. Dr. José Adriano Filho

Vitória
2013

ÂNGELO VIEIRA DA SILVA

**A LITERATURA APOCALÍPTICA E O LIVRO DOS
VIGILANTES: O PROBLEMA DO MAL NO LIVRO ETÍOPE DE
ENOQUE**

Dissertação apresentada à Faculdade Unida de Vitória em cumprimento às exigências do Mestrado Profissional em Ciências das Religiões, na linha de pesquisa em Análise do Discurso Religioso.

Aprovada em ____ / ____ / _____

BANCA EXAMINADORA

Dr. José Adriano Filho – Orientador

Dr. Paulo Augusto de Souza Nogueira – UMESP

Dr. Osvaldo Luiz Ribeiro – Faculdade Unida

Dedico essa Dissertação de Mestrado ao Conselho da Primeira Igreja Presbiteriana de Resplendor/MG, um conjunto de companheiros que possibilitaram esse essencial período de estudos, repleto de novos conhecimentos e realizações.

Toda gratidão a Deus.

Meu sincero reconhecimento à família: à amada esposa Keila, ao amado filho Rafael, à afetuosa Primeira Igreja Presbiteriana de Resplendor/MG e à dedicada Neide Carrijo, que muito colaborou na revisão desse texto. À instigante Faculdade Unida de Vitória e ao atencioso orientador, Dr. José Adriano Filho, meus cordiais agradecimentos.

“Os Anjos proporcionaram-me a visão d’Ele, e deles é que eu aprendi tudo; por meio deles também me foi dado compreender as coisas que pude ver, mas não em relação à geração presente, mas sim em relação a uma geração futura” (1 Enoque 1.1).

“É bom que as literaturas apocalípticas do passado estejam sendo redescobertas”
(Paul D. Hanson)

RESUMO

SILVA, Ângelo Vieira. *A Literatura Apocalíptica e o Livro dos Vigilantes: o Problema do Mal no Livro Etíope de Enoque*. Dissertação de Mestrado Profissional em Ciências das Religiões, nos termos da linha de pesquisa em Análise do Discurso Religioso, Vitória/ES, Faculdade Unida de Vitória, 2013.

Essa dissertação propõe analisar o problema do mal a partir do Livro dos Vigilantes, obra apocalíptica etíope atribuída ao patriarca bíblico Enoque. Para tanto, é essencial o desenvolvimento de matérias como a literatura apocalíptica, o primeiro livro de Enoque e a etiologia do mal. Quanto à apocalíptica, o objetivo é estabelecer as distinções e harmonia entre os apocalipses, a escatologia e o apocalipticismo, comprovar que o gênero é resultante de diversas perseguições e fontes e sugerir um núcleo comum ao gênero. A respeito de 1 Enoque, o objetivo é estabelecer as noções elementares de toda a obra e imergir no conteúdo do Livro dos Vigilantes, reconhecendo o valor da figura pseudônima do sétimo depois de Adão e destacando seu conteúdo em perspectivas temáticas gerais. Quanto ao problema da origem do mal, a análise do discurso verificará a atividade e inatividade do Deus do pseudoenoque diante do mal advindo pelos vigias caídos, focando-se no registro mítico sobre a origem, proliferação e julgamento do mal que, em hipótese, é resultado textual apocalíptico de crises pontuais profundas vividas pelo povo de Israel nos tempos da helenização.

Palavras-chave: Apocalíptica, Enoque, Vigilantes, Mal, Apocalipticismo, Livro dos Vigilantes, Sofrimento, Escatologia, Perseguições, Helenização.

ABSTRACT

SILVA, Angelo Vieira. *The Apocalyptic Literature and the Book of Watchers: the Problem of Evil in the Ethiopian Enoch's Book*. Professional Dissertation in Religion Sciences in the terms of research line in Religious Discourse Analysis, Vitória/ES, United Faculty of Victoria, 2013.

This thesis proposes to analyze the problem of evil from the Book of the Watchers, a work apocalyptic Ethiopian attributed to biblical patriarch Enoch. Therefore, it is essential to develop materials as apocalyptic literature, the first book of Enoch and the etiology of evil. As the apocalyptic, the goal is to establish distinctions and harmony among the apocalypses, eschatology and apocalypticism, proving that gender is the result of several persecutions and sources and suggest a common nucleus gender. Regarding 1 Enoch, the objective is to establish the basic notions of the whole work and immerse yourself in the content of the Book of the Watchers, recognizing the value of pseudonymous figure of the seventh from Adam, and emphasizing its contents in general thematic perspectives. Regarding the problem of the origin of evil, discourse analysis will verify the activity and inactivity of the God of pseudo-Enoch before the evil arising by fallen watchers, focusing about the record mythical origin, proliferation and judgment of evil that, in hypothesis, is the result textual apocalyptic of crisis punctual profound lived by the people of Israel in the days of Hellenization.

Key-words: Apocalyptic, Enoch, Watchers, Evil, apocalypticism, Book of Watchers, Suffering, Eschatology, Persecutions, Hellenization.

LISTA DE ABREVIATURAS, SIGLAS E SÍMBOLOS

[]	interpolações/acrécimo de informações no texto citado
[...]	supressão de palavras no texto citado
4Q201	fragmento/pergaminho da caverna 4, 23cm, 27 linhas
4Q202	fragmento/pergaminho da caverna 4, 30cm, 28 linhas
4Q204	fragmento/pergaminho da caverna 4, 24cm, 30 linhas
4QHen ^c	outra designação para o fragmento/pergaminho 4Q204
a.E.C.	antes da Era Comum
Apud	citado em
Ap	Apocalipse
AT	Antigo Testamento
Cf.	conforme
E.C.	Era Comum
Ed.	editor ou edição
Eds.	editores ou edições
Et al.	e outros
Heb.	conforme a língua hebraica
Hn	1 Enoque
i.e	isso é
In:	encontrado em
Lv	livro vétero-testamentário de Levítico
LXX	Septuaginta
NT	Novo Testamento
Nº	número
Org.	organizador
PUC	Pontifícia Universidade Católica
RA	bíblia Revista e Atualizada
Ss.	versos ou páginas seguintes
Tr.	tradutor ou tradução
Trs.	tradutores ou traduções
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro
UMESP	Universidade Metodista de São Paulo
USA	Estados Unidos da América

LISTA DE TABELAS E FIGURAS

Harmonia entre Apocalipses, Escatologia e Apocalipticismo	027
Diferenças Essenciais entre 1, 2 e 3 Enoque	054
Comparação entre Enoque e Enmeduranki	057
Tópicos Literários do Livro dos Vigilantes	064
Desestabilização do Sistema entre Mulheres e os Vigilantes.....	095
Relação das Ações Angelicais Proibidas.....	099
Proposta de Derivação das Temáticas na Dissertação.....	109
Correntes de Tradição do Período do Segundo Templo.....	126
Esquematização da Hipótese Essênia.....	127

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
CAPÍTULO I	
A LITERATURA APOCALÍPTICA	19
1. A HISTÓRIA DA APOCALÍPTICA	19
1.1. Os Aspectos Histórico-Literários	20
1.1.1. Os Apocalipses	21
1.1.2. A Escatologia	23
1.1.3. O Apocalipticismo	24
1.1.4. A Harmonia entre Apocalipse, Escatologia e Apocalipticismo	26
1.2. Os Aspectos Histórico-Sociais	28
1.2.1. Uma Literatura Resultante de Perseguição	29
1.2.2. Uma Literatura Composta por Diversas Fontes	31
2. O CONTEÚDO DA APOCALÍPTICA	35
2.1. A Perspectiva Escatológica	37
2.2. A Significação Histórica	38
2.3. A Defesa Radical dos Justos	39
2.4. A Utilização de Pseudônimos	40
2.5. A Qualificação Hermética	42
2.6. A Manifestação de Visões	43
2.7. A Eficiência Simbólica	44
2.8. A Natureza Dramática	45
2.9. O Antagonismo Dualista	46
2.9.1. Os Anjos e os Demônios	48
2.9.2. A Era Presente e a Era Vindoura.....	48
2.10. A Recriação do Cosmos	49
3. CONSIDERAÇÕES FINAIS DO CAPÍTULO	51

CAPÍTULO II

O LIVRO DOS VIGILANTES..... 52

1. O PRIMEIRO LIVRO DE ENOQUE.....	52
1.1. A Figura de Enoque	54
1.2. Os Aspectos do Livro de Enoque	58
2. O LIVRO DOS VIGILANTES	62
2.1. Introdução à Revelação dos Vigilantes (1-5)	65
2.1.1. Os Agentes da Revelação	65
2.1.2. A Revelação sobre a Criação	66
2.1.3. A Revelação sobre Salvação e Condenação.....	67
2.2. Os Vigilantes e o Livro Judaico de Gênesis (6-11).....	68
2.2.1. A Relação com a Queda dos Vigilantes.....	68
2.2.2. A Relação com a Punição dos Vigilantes	71
2.3. O Escriba da Justiça e o Julgamento dos Vigilantes (12-16)	73
2.3.1. O Translado de Enoque.....	73
2.3.2. A Sentença Divina Anunciada por Enoque	74
2.4. A Primeira Jornada Cósmica de Enoque (17-19).....	77
2.5. A Segunda Viagem Cósmica de Enoque (20-36).....	78
2.5.1. Os Nomes e as Funções dos Anjos Vigias	79
2.5.2. Os Lugares de Julgamento dos Anjos Caídos	79
3. CONSIDERAÇÕES FINAIS DO CAPÍTULO	81

CAPÍTULO III

O PROBLEMA DO MAL NO LIVRO DOS VIGILANTES..... 83

1. A TEODICEIA E A ETIOLOGIA DO MAL.....	85
1.1. O Conceito de Teodiceia	85
1.2. O “Problema do Mal” e o “Pecado”	86
2. O DEUS DE ENOQUE E O PROBLEMA DO MAL	87
2.1. A Inatividade de Deus Diante do Mal.....	88
2.2. A Atividade de Deus Diante do Mal	90
2.2.1. O Anuncio do Dilúvio	90

2.2.2. As Ordens aos Santos Anjos	90
2.2.3. A Convocação de Enoque	91
3. OS HOMENS, OS VIGILANTES E O PROBLEMA DO MAL.....	92
3.1. A Origem do Mal: a Rebelião Angelical.....	93
3.2. A Proliferação do Mal: os Ensinos Angelicais e os Gigantes	96
3.2.1. Os Ensinos Proibidos.....	96
3.2.1.1. <i>O Mal na Manufaturação</i>	99
3.2.1.2. <i>O Mal na Feitiçaria</i>	100
3.2.1.3. <i>O Mal na Adivinhação</i>	101
3.2.2. O Nascimento e a Violência dos Gigantes.....	102
3.2.2.1. <i>O Surgimento dos Espíritos Maus</i>	104
3.3. O Julgamento do Mal: o Resultado das Ações Angelicais.....	105
3.3.1. Um Julgamento Imediato do Mal	105
3.3.2. O Julgamento Escatológico do Mal.....	105
3.3.3. A Bem-Aventura após o Julgamento do Mal	106
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS DO CAPÍTULO	107
CONSIDERAÇÕES FINAIS	109
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	112
ANEXO A – CORRENTES DE TRADIÇÃO NO PERÍODO DO SEGUNDO TEMPLO.	126
ANEXO B – ESQUEMATIZAÇÃO DA HIPÓTESE ESSÊNIA	127

INTRODUÇÃO

Apocalíptica... Que confusão semântica!

Inusitadamente, na preparação desse texto não foram poucos teólogos, estudantes da religião e curiosos que, ao indagarem sobre o tema da dissertação, descreviam a literatura apocalíptica como o próprio Apocalipse canônico de João ou como a escatologia, enquanto matéria da teologia sistemática cristã; até mesmo suporam que fosse alguma das hermenêuticas milenaristas bem mais recentes, como o dispensacionalismo. A maioria das indagações, entretanto, tinha fulcro no desconhecimento dos interlocutores sobre esse campo de estudo. Desenvolvido um espanto inesperado, gerou-se uma suspeita diária que a apocalíptica necessitava ser mais evidenciada; o que estava obscuro precisava ser esclarecido ou, literalmente, revelado.

Apesar disso, a temática está em constante ascensão entre os estudiosos — principalmente estrangeiros — e as palavras aqui descritas evidenciarão essa realidade. Como atesta Paul D. Hanson,¹ a atualidade do assunto é realmente notória, já que existe uma “renovação do interesse em movimentos apocalípticos do passado”,² de fato, uma epígrafe apropriada para as páginas desse estudo discursivo.

George W. E. Nickelsburg³ introduz seu novo livro⁴ destacando a mudança dramática nas últimas duas décadas quanto à apocalíptica, uma vez que novos estudos, artigos, ensaios monográficos, cátedras em estudos judaicos em universidades, cursos, etc., têm demonstrado convincentemente o crescimento desse tema no mundo acadêmico. Motivação a mais para os estudantes e justificação ampliada para a elaboração desse material. Logo, a aurora raiou; eis a aurora da apocalíptica!

Essa dissertação é um ensaio vigoroso de creditar valor a um conteúdo

¹ Professor na Faculdade de Teologia da Universidade de Harvard, USA, e considerado um dos maiores especialistas na área de apocalíptica, profecia hebraica, literatura judaica do Segundo Templo e religião das antigas culturas mesopotâmicas e Egito.

² HANSON, Paul D. *The Dawn of Apocalyptic: the Historical and Sociological Roots of Jewish Apocalyptic Eschatology. Revised Edition*. Philadelphia: Fortress Press, 1989, p. 2, 3.

³ Especialista em literatura do Segundo Templo e professor emérito na Universidade de Iowa, USA, no Departamento de Estudos da Religião.

⁴ NICKELSBURG, George W. E. *Literatura Judaica, entre a Bíblia e a Mixná: uma Introdução Histórica e Literária*. São Paulo: Paulus, 2011, p. 11.

desconhecido, outrora esquecido, mal interpretado ou, até mesmo, ignorado. Não obstante, por onde começar? Entre um patriarca bíblico conhecido por ter andado com Deus em sua geração — e não conhecer a morte — e duas centenas de anjos caídos que blasfemaram contra seu Deus — por transmitirem o mal aos homens — há uma singular literatura intitulada “Livro dos Vigilantes”, composta pelos trinta e seis capítulos iniciais da pseudoepígrafa obra etíope imputada ao patriarca Enoque. Eis o ponto de partida que alumiará o território obscurecido da apocalíptica.

Reconhecidamente, atribui-se ao sétimo depois de Adão, filho de Jared (Gênesis 5.18-24) e progenitor de Matusalém, uma considerável quantidade de literatura judaica de revelação pseudonímica,⁵ com destaque comprovado nas referências bibliográficas examinadas para o “Mito dos Vigilantes” (1 Enoque 6-11), geralmente aplicado como uma revelação extra-bíblica do texto canônico de Gênesis 6.1-4 (ou Gênesis 6-9)⁶ e como uma produção extravagante ampliada da história antediluviana.⁷

Os estudos preliminares no primeiro livro de Enoque e nas principais obras literárias de especialistas da área, bem como a consideração e lamentação pessoais quanto ao escasso material específico sobre o tema no vernáculo,⁸ isso é, comparado com a farta literatura estrangeira,⁹ fomentaram a busca por uma proposição que atendesse dúvidas quanto à história e conteúdo da literatura apocalíptica, origem e narrativas do Livro dos Vigilantes e o problema do mal desenvolvido no contexto da obra pseudoepígrafa.

Naturalmente, há problemas quanto ao significado latente da literatura

⁵ Literalmente, um “*texto composto no nome de outro*”, conforme REED, Annette Yoshiko. *Fallen Angels and History of Judaism and Christianity: the Reception of Enochic Literature*. New York: Cambridge University Press, 2005, p. 2. Os pseudoepígrafos recebiam os nomes de célebres varões piedosos da antiguidade, sob cujo nome um autor de época tardia esperava encontrar audiência. Enoque era um deles. A pseudonímia será esmiuçada dentro do primeiro capítulo dessa dissertação.

⁶ Para uma proposta de interpretação relacionando o texto canônico (Gênesis) ao pseudoepígrafo (Livro dos Vigilantes) recomendo a leitura da obra de WRIGHT, Archie T. *The Origin of Evil Spirits*. Tübingen: Mohr Siebeck, 2005.

⁷ DAVIS, John D. *Dicionário da Bíblia*. 5ª Ed. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1977, p. 188.

⁸ O que se considera uma das poucas obras específicas sobre a apocalíptica em nosso país desde o início dos estudos em 1970 (já esgotada), foi compilada por NOGUEIRA, Paulo Augusto de S. (Ed.). *Apocalíptica e as Origens Cristãs*. Revista Estudos da Religião. São Bernardo do Campo: UESP, Volume XIV, nº 19, 2000. Sobre a lamentação pessoal quanto a escassez de boas pesquisas em língua portuguesa recomendo leitura da resenha crítica sobre a apocalíptica brasileira, p. 227-245.

⁹ Uma excelente obra propõe informar sobre os melhores livros que englobam a literatura apocalíptica em língua estrangeira. Ver SANDY, D. Brent & O’HARE, Daniel M. *Prophecy and Apocalyptic: an Annotated Bibliography*. Michigan: Baker Academic, 2007, p. 191-234.

apocalíptica, da obra enóquica e da explicação sobre o mal advindo aos homens pelos Vigilantes caídos. Também há dificuldades preconceituosas em boa parte dos pesquisadores de textos bíblicos¹⁰ (principalmente os protestantes, círculo de onde proveem as maiores críticas a apócrifos¹¹ e pseudoepígrafos). No entanto, a despeito desses ficarem “de fora do cânon judaico e cristão, não deixaram por isso de constituir verdadeiros desenvolvimentos da tradição bíblica anterior, oral ou escrita”.¹² Assim, entre o oculto, o preconceito¹³ e uma proposta tolerante, a utilização de um texto pseudoepigrafado — seja pelos argumentos da familiarização, fins de ênfase, simpatia ou validação da profecia, dentre outros — não compromete o teor do texto canônico, tanto para esse como para aquele.

Não é adequado rechaçar quaisquer literaturas não canônicas sem um minucioso estudo de caso, pelo menos. O pseudoepígrafo livro etíope de Enoque (composto entre os séculos IV a.E.C e I E.C.¹⁴), por exemplo, pode ser fatalmente excluído de círculos acadêmicos, sua possível contribuição aos escritos judaicos e sua utilização no cânon bíblico não ser explicada ao cristão¹⁵ e seu valor literário

¹⁰ Para mais pontos de vista acerca das obras apócrifas e pseudo-epígrafas, consulte, por exemplo, McARTHUR, John. *Novo Testamento: Comentário*. Chicago: Moody Publishers, 2005, p. 62; e GREEN, Michael. *2 Pedro e Judas: Introdução e Comentário*. São Paulo: Vida Nova, 1983, p. 169; e BOOR, Werner. *Cartas de Tiago, Pedro, João e Judas*. Curitiba: Esperança, 2008, p. 176; e CALVIN, John. *Commentaries on the Epistle of Jude*. Michigan: Grand Rapids, 1979, p. 442-443; e BRUCE, F. F. *Comentário Bíblico NVI: Antigo e Novo Testamentos*. São Paulo: Vida, 2008, p. 2000; e BARCLAY, Willian. *Judas*. São Paulo: Vida, 1989, p. 53.

¹¹ Ver o conceito de apócrifo usado por Jerônimo em GABEL, J. B. & WHEELER, Charles B. *A Bíblia como Literatura*. 2ª Ed. São Paulo: Loyola, 1990, p. 158.

¹² BARRERA, Julio Trebolle. *A Bíblia Judaica e a Bíblia Cristã: Introdução à História da Bíblia*. 2ª Ed. Petrópolis: Vozes, 1999, p. 207. Mais especificidade no Anexo “A” da dissertação.

¹³ COLLINS, John J. *A Imaginação Apocalíptica: uma Introdução à Literatura Apocalíptica Judaica*. São Paulo: Paulus, 2010, p. 17. Esse preconceito também se dá pelo esoterismo, atribuindo à obra enóquica as origens da Cabala, como sugerido em PUGLIESI, Márcio & LIMA, Norberto de Paula (Trs.). *O Livro de Enoch: o Livro das Origens da Cabala*. Curitiba: Hemus, 2003. Consulte também Reed, 2005, p. 2; e LAURENCE, Richard. *The Book of Enoch, the Prophet*. Oxford: S. Collingwood, 1838, p. LV.

¹⁴ Procurou-se utilizar uma terminologia cronológica mais neutra, tendo como determinante a existência comum de Judaísmo e Cristianismo: consequentemente, a Era Comum (E.C.) e antes da Era Comum (a.E.C.). Dentre outros, esse é o modelo utilizado por NICKELSBURG, 2011, p. 31.

¹⁵ A despeito do tempo atual e do assunto principal da dissertação, inteirar-se que há muitas discussões na história da Igreja cristã sobre a possível utilização de um pseudoepígrafo em textos canônicos é indispensável. Mesmo que não seja o foco aqui, para mais detalhes sugere-se as obras de TERTULIANO; *The Apparel of Women*. Whitefish: Kessinger Publishing, 2004, p. 6; e SCHAFF, Philip. *Nicene and Post-Nicene Fathers – Series II – Volumn 3*. Michigan: Christian Classics Ethereal Library, 1892, p. 832; e NICHOLAS Jr., Willian C. *I Saw the World End: an Introduction to the Bible's Apocalyptic Literature*. New Jersey: Paulist Press, 2007, p. 16; e HALE, Broadus David. *Introdução ao Estudo do Novo Testamento*. Rio de Janeiro: JUERP, 1983, p. 294; e FABRIS, Rinaldo (Org.). *Problemas e Perspectivas das Ciências Bíblicas*. São Paulo: Loyola, 1993, p. 48.

esquecido. Há esperança, porém; é o alvorecer da apocalíptica!

Para tanto, a natureza geral das fontes será bibliográfica. Para o campo da literatura apocalíptica e o estudo de caso quanto ao problema do mal, os referenciais teóricos são os já citados peritos americanos Hanson, John J. Collins,¹⁶ Nickelsburg, Annette Yoshiko Reed,¹⁷ dentre outros. A fonte primária do livro enóquico será a tradução da obra publicada pela Editora Cristã Novo Século,¹⁸ bem como os livros singulares de James H. Charlesworth.¹⁹

Metodologicamente, além da introdução e considerações finais, há três divisões que se constituirão os três capítulos da dissertação. A proposta é centrípeta, ou seja, considerando o estudo de caso (o problema do mal no Livro dos Vigilantes) como o centro da pesquisa, o texto se dirigirá para seu propósito de fora (estudo da literatura apocalíptica) para dentro (exame do Livro dos Vigilantes). O objetivo é procurar aproximar-se eficazmente do centro, solidificando um bom texto em português e concluindo a dissertação com êxito.

O primeiro capítulo evidenciará a literatura apocalíptica. A partir do seu desenvolvimento histórico-literário-social, pretende-se demonstrar o propósito da apocalíptica e desenvolver um conjunto das principais características que encorpam o conteúdo desse gênero literário. Naturalmente, as principais obras apócrifas, deutero-canônicas e pseudoepígrafas de caráter apocalíptico serão citadas e, dentre elas, a obra etíope atribuída a Enoque.

Identificado o gênero literário que prevalece na obra enóquica em seu escopo, o segundo capítulo consiste de uma pesquisa no Livro dos Vigilantes, no qual o seu *corpus* será estudado em perspectivas temáticas gerais. A proposta é imergir no contexto literário da obra e emergir suas temáticas principais. Antes, porém, serão elucidados aspectos importantes e abrangentes do livro etíope de Enoque para que o Livro dos Vigilantes seja examinado em seu contexto, sem

¹⁶ Professor de crítica e interpretação do Antigo Testamento na Faculdade de Divindade de Yale, USA. Pesquisador nas áreas de apocalíptica, sabedoria, judaísmo helenístico, manuscritos do Mar Morto, textos hebraicos e obras do período do Segundo Templo.

¹⁷ Doutora pela Universidade de Princeton, USA, especialista em Judaísmo do Segundo Templo e línguas antigas, incluindo o etíope Ge'ez.

¹⁸ RODRIGUES, Cláudio J. A. *Apócrifos da Bíblia e Pseudo-epígrafos*. São Paulo: Editora Cristã Novo Século, 2004, p. 260-275.

¹⁹ Especialista em literatura enóquica, livros apócrifos e pseudoepígrafos nas Bíblias hebraica e cristã. Professor de literatura e linguagem do Novo Testamento e Diretor do Projeto "Pergaminhos do Mar Morto", do Seminário Teológico de Princeton, USA.

prejuízos para o estudo dos textos.

Com foco nas Ciências da Religião, o último capítulo da dissertação é o estudo de caso propriamente dito. É a análise do discurso religioso quanto ao problema do mal ensinado pelos anjos caídos aos homens, conforme o registro no Livro dos Vigilantes. Partindo da relação epistemológica da Teodiceia e a etiologia do mal, entre o problema do mal e o conceito de pecado, a análise verificará a atividade e inatividade do Deus do pseudoenoque diante do mal advindo pelos vigilantes caídos, focando-se no registro mítico da origem (rebelião angelical), proliferação (ensinamentos proibidos e nascimento dos gigantes) e julgamento do mal (imediate e escatologicamente) como resultado textual apocalíptico de crises pontuais profundas vividas pelo povo de Israel nos tempos da helenização.

Ao término da pesquisa a expectativa é que a natureza e o conteúdo da literatura apocalíptica com suas particularidades estejam mais acessíveis ao leitor em geral. Além disso, respaldar o Livro dos Vigilantes e, conseqüentemente, o primeiro livro de Enoque como importantes obras apocalípticas nos círculos acadêmicos é desejo do autor da dissertação, pois

há uma salutar abertura para o universo cultural e religioso dos primeiros cristãos. E como eles eram, em sua maioria, judeus ou gentios afeitos à cultura judaica do seu tempo, o mergulho na literatura religiosa judaica do seu tempo é imperativo.²⁰

Que essa dissertação possa reintegrar as discussões sobre o valor da literatura apocalíptica não canônica como escritos humanos de destaque na história. Que as amplas discussões sobre o problema do mal possam se utilizar desse rico material, afinal, como destacou o pseudoenoque,

os Anjos proporcionaram-me a visão d'Ele, e deles é que eu aprendi tudo; por meio deles também me foi dado compreender as coisas que pude ver, mas não em relação à geração presente, mas sim em relação a uma geração futura.²¹

Quiçá a visão enoquita possibilite ao leitor algum primoroso aprendizado e compreensão da realidade obscura e ascendente no decorrer dos anos.

²⁰ TERRA, Kenner Roger Cazzoto. *Os Anjos que Caíram do Céu: o Livro de Enoque e o Demoníaco no Mundo Judaico-Cristão*. São Paulo: Fonte Editorial, 2012, p. 9.

²¹ RODRIGUES, 2004, p. 260.

CAPÍTULO I

A LITERATURA APOCALÍPTICA

A literatura por si já é uma arte. Quando acrescida à linguagem apocalíptica judaica torna-se um rico gênero literário, o que é possível perceber pela história e conteúdo abundantes de suas composições. Tal riqueza precisa ser garimpada, o que denota conhecer o conjunto de características que criam e sustentam tal literatura. Nessa exploração literária o valor intrínseco da apocalíptica precisa vir à tona, já que os judeus reputavam as obras apocalípticas de tal maneira que, às vezes, “gozavam do mesmo respeito de alguns dos Escritos que acabaram por se tornar canônicos [...] o que explica a popularidade desse tipo de literatura”.²²

A busca pelos elementos constitutivos da apocalíptica está profundamente presente nos livros sobre o assunto e é um desafio conhecido dos especialistas da área. Todo o esforço se concentra na procura ou definição da estrutura e conteúdo da literatura apocalíptica, como o paradigma-mestre sugerido por John Collins.²³ O procedimento não pode mudar, visto que é fundamental para a compreensão dos textos desse gênero peculiar aos judeus. Identificar as noções elementares da história e do conteúdo que formaram a apocalíptica é o que se propõe elaborar nas páginas adiante.

1. A HISTÓRIA DA APOCALÍPTICA

Para compreender a literatura apocalíptica deve-se lidar primeiro com o intervalo de tempo,²⁴ o qual remete ao ambiente histórico formador nas bases social e política.²⁵ Simples não é. Como um fenômeno extremamente complicado, o próprio estudioso de apocalíptica judaica, David Syme Russell, credita complexidade aos

²² BERGANT, Dianne & KARRIS, Robert J. (Org.). *Comentário Bíblico*. 3ª Ed. São Paulo: Loyola, 2001, p. 20. Para mais informações sobre a popularidade da literatura apocalíptica ver a obra de RUSSELL, David Syme. *Desvelamento Divino*. São Paulo: Paulus, 1997, p. 58-59; e COLLINS, John J. *Between Athens and Jerusalem: Jewish Identity in the Hellenistic Diaspora*. 2nd Ed.. Michigan: Eerdmans Publishing, 2000, p. 111 e 248.

²³ COLLINS, John J. (Ed.). *Apocalypse: The Morphology of a Genre*. Semeia: an Experimental Journal for Biblical Criticism, Atlanta: The Society of Biblical Literature, nº 14, 1979, p. 5-8.

²⁴ NICKELSBURG, 2011, p. 33.

²⁵ ARENS, Eduardo & MATEOS, Manuel Díaz. *Apocalipse: a Força da Esperança – Estudo, Leitura e Comentário*. São Paulo: Loyola, 2004, p. 324.

seus estudos com a frase “ver a floresta em vez das árvores”.²⁶ Hanson igualmente reconhece a dificuldade da reconstrução da origem da apocalíptica, pois “os estudos bíblicos com base num método comparativo são tão deficientes como o método de analogia contemporânea”.²⁷

Consequentemente, para subtrair os riscos é necessário abrir mão de preconceitos e critérios individuais, neutralizar pressuposições religiosas (possivelmente cristãs) ou depreciativas²⁸ para que a apocalíptica possa ser lida como é:²⁹ um gênero que engloba estrutura e conteúdo. Adiante, com a finalidade de esclarecer como se desenvolveu o gênero, a estrutura apocalíptica será abordada por meio de aspectos histórico-literários (desenvolvimento de sua definição) e histórico-sociais (ambientes de sua formação). Logo após, o conteúdo da apocalíptica será o objeto de estudo, propondo e justificando as principais características da literatura.

1.1. Os Aspectos Histórico-Literários

O estudo do tema dentro do judaísmo antigo pressupõe conceitos literários que estão arraigados à apocalíptica. Seguindo a tese de Hanson³⁰ e as contribuições de John Collins,³¹ a literatura apocalíptica refere-se a, pelo menos, três diferentes aspectos literários em sua forma: o apocalipse, a escatologia e o apocalipticismo. Compreendê-los é indispensável.³²

²⁶ RUSSELL, 1997, p. 5.

²⁷ HANSON, 1989, p. 4.

²⁸ NICKELSBURG, 2011, p. 33.

²⁹ A advertência é sobre o dever de postergar o julgamento teológico até o domínio da literatura. Do contrário, de acordo com a tradição eclesial e teológica prevalecentes, a apocalíptica será, no mínimo, um sintoma suspeito de tendências heréticas. Uma admoestação prudente encontrada em COLLINS, 2010, p. 18. Talvez seja esse o sentido atribuído à expressão “exegese jornalística” em WILKINSON, Bruce & BOA, Kenneth. *Descobrendo a Bíblia*. 2ª Ed. São Paulo: Arte Editorial e Candeia, 2007, p. 598. Por conseguinte, alguns erros comuns no ensino da literatura apocalíptica são apresentados resumidamente na introdução da obra cristã de HELM, David R. *An Approach to Apocalyptic Literature: a Primer for Preachers*. Chicago: The Simeon Trust, 2009, p. 3-4.

³⁰ HANSON, Paul D. *Apocalypse, Genre; Apocalypticism*. In: CRIM, Keith (Ed.). *The Interpreter's Dictionary of the Bible – Supplementary Volume*. Nashville: Abingdon Press, 1976, p. 27-34, 279-292.

³¹ BOCCACCINI, Gabriele & COLLINS, John J. *The Early Enoch Literature*. Danvers: Brill Academic Pub, 2007, p. 143.

³² Há quem discorde do referencial teórico adotado nessa dissertação. Michael A. Knibb, como outros, discorda de Hanson, sugerindo o abandono do termo “apocalíptica” e “apocalipticismo” e a retenção da expressão “escatologia apocalíptica” ao lado de “apocalipses”. Mais detalhes sobre essa discussão podem ser encontrados em RUSSELL, 1997, p. 31.

Apesar da certa diferença de cada um dos aspectos, às vezes, esses fundamentos da apocalíptica são inconvenientemente confundidos uns com os outros,³³ o que pressupõe a intitulada “confusão semântica”.³⁴ O passado e o presente se cruzam nessa dificuldade, pois, segundo John Collins, a literatura apocalíptica “não era claramente reconhecida e definida na antiguidade e não tem sido precisamente esboçada pelos estudos modernos”.³⁵ De viés, o estudioso Leon Morris³⁶ ressaltou que, enquanto a maioria dos especialistas reconhecem o valor da apocalíptica, porque não há nada semelhante a ela, não há consenso a respeito do que exatamente a mesma signifique.³⁷

Portanto, se as confusões podem ser encontradas tanto hoje como no passado — e espera-se que decresçam no futuro —, essa pesquisa requer elevada atenção para que se possa comprovar que os aspectos literários supracitados, reunidos, constituem uma completa e moderna explicação histórico-literária do gênero. É o que se intenta a seguir, a começar pelos apocalipses.

1.1.1. Os Apocalipses³⁸

Dentre os aspectos literários que compõem a literatura em estudo talvez os apocalipses sejam o melhor ponto de contato com o leitor atual, em virtude da ampla divulgação do livro neo-testamentário que recebe o mesmo nome, provavelmente, sendo o mais apreciado da categoria. Tratado como um gênero literário³⁹ identificado

³³ Sugere-se que essa confusão ocorra quando o conteúdo ou aspectos literários da apocalíptica são aplicados tanto aos apocalipses, quanto à escatologia ou ao apocalipticismo. A partir do referencial teórico nota-se, porém, que, embora se almeje diferenciar os aspectos histórico-literários, as definições se entremearão, pois um conceito está ligado ao outro.

³⁴ COLLINS, 2010, p. 18.

³⁵ COLLINS, 1979, p. 4.

³⁶ Doutor pela Universidade de Cambridge, ENG, e especialista em Novo Testamento, lecionou na condição de professor-visitante na Trinity Evangelical Divinity School, Deerfield, USA.

³⁷ MORRIS, Leon. *Apocalyptic*. 2nd Ed.. London: Inter-Varsity Press, 1973, p. 21.

³⁸ Distinguem-se, pelo menos, dois tipos de apocalipses, um cósmico e o outro histórico. O primeiro é mais antigo que o segundo. Os apocalipses do tipo cósmico (como o enóquico Livro Astronômico e Testamento de Abraão) não manifestam ainda a esperança escatológica e concepção da história, características dos apocalipses históricos (como Daniel e 4 Esdras). O primeiro livro de Enoque possui ambos os tipos, por isso denominado apocalipse compósito. Essa dupla distinção é igualmente respaldada por CHARLESWORTH, James H. *The Old Testament Pseudepigrapha – Volume 1: Apocalyptic Literature and Testaments*. 2nd Ed..Peabody, USA: Hendrickson Publishers Marketing, 2011, p. 6; e BARRERA, 1999, p. 231; e COLLINS, 2010, p. 24; e TERRA, 2012, p. 18.

³⁹ DITOMASSO, Lorenzo & TURCESCU, Lucian (Ed.). *The Reception and Interpretation of the Bible in Late Antiquity*. Danvers: Brill Academic Pub, 2008, p. 146; e HANSON, 1989, p. 428 e 430.

tardiamente, os apocalipses⁴⁰ inicialmente precisam ser distinguidos da escatologia e do apocalipticismo, inda que se relacionem com os mesmos. Segundo John Collins, um apocalipse é

um gênero de literatura revelatória com estrutura narrativa, no qual a revelação a um receptor humano é mediada por um ser sobrenatural, desvendando uma realidade transcendente que tanto é temporal, na medida em que vislumbra salvação escatológica, quanto espacial, na medida em que envolve outro mundo, sobrenatural.⁴¹

Gabriele Boccaccini⁴² explica que essa definição de Collins pode abarcar todos os textos pertencentes ao gênero apocalipse,⁴³ mesmo os subtipos.⁴⁴ Talvez, seja por isso que é encontrada em quase todas as obras pesquisadas sobre o assunto em estudo. Assim, a tese é que esse estilo componha a apocalíptica, não que lhe seja igual. Pretende-se retratá-lo como um subgênero⁴⁵ literário não exclusivo para a compreensão da literatura apocalíptica. Portanto, os apocalipses estão dentro da apocalíptica; dão-lhe formação.

Aparentemente, os apocalipses tinham um propósito preciso: interpretar a história, ser a revelação de uma dimensão não evidente do mundo onde se vive,⁴⁶ desvelando ou revelando o plano de Deus para o universo. Divulgados largamente

⁴⁰ “*Apokalypsis*” (αποκαλυψις) provém do verbo “*apokalyptô*” (αποκαλυπτω), composto por duas palavras: “*apo*” (απο) que significa “*de*” e “*kalyptô*” (καλυπτω) traduzida por “*encobrir, ocultar*”. Logo, a palavra “apocalipse” significará “*revelar, descobrir, desvendar*”. Tradução a partir de GINGRICH, F. Wilbur & DANKER, Frederik W. *Léxico do Novo Testamento Grego-Português*. São Paulo: Vida Nova, 1984, p. 30. O sentido judaico do termo refere-se à revelação dos segredos divinos, conforme OTZEN, Benedikt. *O Judaísmo na Antiguidade: a História Política e as Correntes Religiosas de Alexandre Magno até o Imperador Adriano*. São Paulo: Paulinas, 2003, p. 208. Outrossim, é preciso registrar que não há atestação que o uso do título grego para “*revelação*” é obrigatório como rótulo desse gênero, ainda que seja a primeira palavra do apocalipse neo-testamentário. Concordo que “a presença ou ausência de um título não pode, de forma alguma, ser considerada como um critério decisivo para a identificação de um gênero”, em COLLINS, 1979, p. 2; e COLLINS, 2010, p. 20 e 21.

⁴¹ COLLINS, 2010, p. 22; e COLLINS, 1979, p. 9. Merece ser conferido o registro de uma extensa lista dos principais livros apocalípticos em MORRIS, 1973, p. 22-23.

⁴² Professor de Judaísmo do Segundo Templo e literatura rabínica antiga na Universidade de Michigan, USA, sendo o diretor fundador do Seminário Enoque, um grupo internacional que organiza reuniões e seminários sobre Judaísmo do Segundo Templo e as origens cristãs. Disponível em: <<http://www.enochseminar.org>> Acesso em: 10 jan. 2013.

⁴³ BOCCACCINI & COLLINS, 2007, p. 143.

⁴⁴ Essa linha de tratamento afirma que o apocalipse é um gênero identificável que partilha algumas de suas características e motivações importantes com outros gêneros literários, conforme descrito por RUSSELL, 1997, p. 32-33; e TERRA, 2012, p.149.

⁴⁵ É retratado como um sub-gênero de “literatura revelatória” por COLLINS, 2010, p. 29.

⁴⁶ ARENS & MATEOS, 2004, p. 93.

pelos escribas,⁴⁷ dentre os muitos exemplos de apocalipses no judaísmo primitivo, podem-se considerar porções⁴⁸ do primeiro livro de Enoque (que possui uma coleção de apocalipses), dentre outros. Estudar tais textos resultará na intrínseca necessidade de compreender o sentido da escatologia.

1.1.2. A Escatologia⁴⁹

Se na literatura teológica o “*eschaton*” pode abarcar as profecias sobre o futuro, assinalar uma mudança na história ou expor uma nova era mundial, na literatura apocalíptica a escatologia⁵⁰ não lhe é igual, ainda que se refiram um ao outro. Na apocalíptica, a escatologia é parte integrante, lhe confere formação. Nesse sentido, pode-se determinar a partir do referencial teórico que toda apocalíptica é escatológica,⁵¹ mas nem toda escatologia é apocalíptica.

O “*eschaton*” é a expectativa do fim, é a descrição dos “pormenores do fim dos tempos; denota conteúdo, uma doutrina que afirma as realidades do fim”,⁵² o limite da história e do mundo.⁵³ É a esperança religiosa que vê a realização dos projetos divinos na história humana, movendo-se do presente para o futuro, enquanto o apocalíptico, começando do futuro, opera de volta ao presente.⁵⁴

⁴⁷ Há indícios que os escribas tenham sido os autores dos apocalipses, de acordo com STEGEMANN, Ekkehard W. & STEGEMANN, Wolfgang. *História Social do Proto-Cristianismo: os Primórdios no Judaísmo e as Comunidades de Cristo no Mundo Mediterrâneo*. São Paulo e São Leopoldo: Paulus e Sinodal, 2004, p. 175. Mais detalhes sobre a relação da literatura apocalíptica e o escribismo podem ser vistos em RUSSELL, 1997, p. 44-46.

⁴⁸ Geralmente, obras consideradas como apocalipses possuem outras formas literárias em sua composição. O quarto livro de Esdras, o segundo livro de Baruc e até mesmo o Apocalipse atribuído a João podem ser incluídos como exemplos.

⁴⁹ Evitarei chamar a escatologia de “escatologia apocalíptica” em virtude do referencial teórico adotado, bem como para evitar confusão semântica. Sabe-se que existem diferentes tipos de “escatologia apocalíptica” e até a “escatologia cristã”, cuja abordagem não é o foco aqui. Entretanto, mais informações podem ser observadas na obra de RUSSELL, 1997, p. 33-34; e NOGUEIRA (Ed.), 2000, p. 87 e 134.

⁵⁰ A palavra “escatologia” é formada pelo grego “*eschatos*” (εσχρατος) e “*logos*” (λογος). A primeira significa “último, o fim, de tempo final”; a segunda significa “palavra, declaração, discurso, tratado”. A definição fundamental seria: escatologia é a doutrina que trata do último tempo. Tradução a partir de GINGRICH & DANKER, 1984, p. 86 e 127.

⁵¹ Uma vez que todos os apocalipses envolvem uma escatologia transcendente, segundo COLLINS, 2010, p. 32. Ressalta-se que há opiniões diferentes sobre “toda” a apocalíptica ser escatológica.

⁵² FITZMYER, Joseph A. *101 Perguntas sobre os Manuscritos do Mar Morto*. São Paulo: Loyola, 1997, p. 60.

⁵³ GRADL Felix & STENDEBACH, Franz Josaef. *Israel e Seu Deus*. São Paulo: Loyola, 2001, p. 174.

⁵⁴ DUE, Willian J. La. *O Guia Trinitário para a Escatologia*. São Paulo: Loyola, 2007, p. 88.

Destarte, na apocalíptica a escatologia é a perspectiva religiosa⁵⁵ não exclusiva para sua própria compreensão, visto que a literatura apocalíptica denota a “forma que a doutrina escatológica pode assumir”.⁵⁶ Ela é uma forma de ver os planos divinos em relação com as realidades terrenas.⁵⁷ É uma cosmovisão.⁵⁸ Logo, o “*eschaton*” está presente nos apocalipses⁵⁹ e é percebido no apocalipticismo.

1.1.3. O Apocalipticismo⁶⁰

Definidos os significados de um apocalipse e da escatologia, vê-se o apocalipticismo como o próximo desafio. Reputado como repleto de antigas mitologias cósmicas⁶¹ e interpretado como corrente religiosa, assunto de seitas e comunidades mistericas no judaísmo pós-exílico,⁶² o apocalipticismo pode ser visto ainda como sistema de pensamento,⁶³ de diversos símbolos, uma simples ideologia,⁶⁴ um movimento apocalíptico (religioso-cultural) em um lugar próprio de uma comunidade oprimida e necessitada de esperança que “codifica sua identidade e interpretação da realidade”.⁶⁵

Definitivamente, entende-se que o apocalipticismo não é a escatologia ou um apocalipse, propriamente ditos.⁶⁶ Se nesse ambiente, por outro lado, possa ser empregado tanto um como o outro, o uso da escatologia e o surgimento dos

⁵⁵ HANSON, 1989, p. 431.

⁵⁶ FITZMYER, 1997, p. 60. Ou seja, uma perspectiva religiosa encontrada nos apocalipses, conforme RICHTER, Amy E. *The Enochic Watcher's Template and the Gospel of Matthew*. Milwaukee: UMI Dissertation Publishing, 2010, p. 13.

⁵⁷ NOGUEIRA (Ed.), 2000, p. 86.

⁵⁸ COLLINS, John J. *Apocalypticism in the Dead Sea Scrolls*. New York: Routledge, 1997, p. 6-7.

⁵⁹ A literatura acadêmica se preocupou de modo desproporcional com a escatologia. Essa não é, de modo algum, a única preocupação dos apocalipses, segundo COLLINS, 2010, p. 30.

⁶⁰ Para o estudo do apocalipticismo desde os tempos antigos até hoje, ler a obra de MCGINN, Bernard; COLLINS, John J.; STEIN, Stephen J. *The Continuum History of Apocalypticism*. New York & London: Continuum, 2003; e COLLINS, 1997.

⁶¹ NOGUEIRA, Paulo Augusto de S. (Org.). *Religião de Visionários: Apocalíptica e Misticismo no Cristianismo Primitivo*. São Paulo: Loyola, 2005, p. 91.

⁶² STEGEMANN & STEGEMANN, 2004, p. 174.

⁶³ GABEL & WHEELER, 1990, p. 121.

⁶⁴ DITOMASSO & TURCESCU, 2008, p. 146. A ideologia, ou maneira particular de abordar a história e a cultura, é teleológica (orientada para o fim) na apocalíptica. Em ARENS & MATEOS, 2004, p. 124.

⁶⁵ COLLINS, 2010, p. 34.

⁶⁶ Alguns consideram essas distinções artificiais e caducas, como Rudolf Bultmann, citado por BERGER, Klaus. *Hermenêutica do Novo Testamento*. 3ª Ed. São Leopoldo: Sinodal, 1999, p. 355.

apocalipses se dá em um ambiente favorável para a apocalíptica. Esse local no tempo se refere ao apocalipticismo, um movimento religioso que “tem por base de identificação de elementos encontráveis na literatura apocalíptica, mas que não se utilizam necessariamente da leitura dos textos apocalípticos”.⁶⁷

Provavelmente, nesse ponto qualquer pesquisador estará ciente de que pode haver diferentes tipos de movimentos apocalípticos, assim como há diferentes tipos de apocalipses.⁶⁸ Daí a perspicácia de John Collins, resumindo

que o apocalipticismo não é simplesmente profecia antiga, mas antes é um novo fenômeno da era helenística, na qual atraiu muitas correntes de tradição. Nesse sentido devemos esperar encontrar ênfases variáveis em diferentes obras apocalípticas.⁶⁹

Ainda que não tenha produzido apocalipses,⁷⁰ um famoso grupo apocalíptico no judaísmo antigo era a comunidade de Qumrã⁷¹ — principalmente os essênios⁷² — que “compartilhava muitas das esperanças apocalípticas e messiânicas dos cristãos primitivos”,⁷³ promovidas grandemente pelos sacerdotes.

⁶⁷ LABORATÓRIO DE HISTÓRIA ANTIGA DA UFRJ. Revista Phoenix. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, nº 8, 2002, p. 373.

⁶⁸ RICHTER, 2010, p. 13.

⁶⁹ COLLINS, 1997, p. 7. Nesse prisma, deve-se reconhecer que pode ter havido diferentes tipos de movimentos apocalípticos, assim como existem diferentes tipos de apocalipses. Subscervo que se deve manter uma distinção clara entre apocalipse e apocalipticismo, como sugerido por COLLINS, 2010, p. 34-35. Confirma o Anexo “A” da dissertação para mais informações.

⁷⁰ COLLINS, 2010, p. 34.

⁷¹ A biblioteca de Qumrã incluía um conjunto versátil de escritos apocalípticos, que abrangiam literatura enoquiana, o que mostra a predileção da seita por expectativas de catástrofe cósmica, política e religiosa e renovação através da intervenção divina numa história sem-saída do mundo. De modo algum está claro, em todos os casos, quais documentos se originaram em Qumrã, ou entre os essênios em geral, e quais provinham de círculos não essênios, segundo GOTTWALD, Norman K. *Introdução Sócioliterária à Bíblia Hebraica*. São Paulo: Paulinas, 1988, p. 320; e VANDERKAN, James & FLINT, Peter. *The Meaning of the Dead Sea Scrolls*. New York: T&T Clark International, 2002, p. 363. Para um estudo mais aprofundado sobre os textos de Qumrã recomendo a leitura de YADIN, Azzan (Tr.). *Judaism of the Second Temple Period – Volume 1 – Qumran and Apocalypticism*. Michigan: Eerdmans Publishing, 2007; e FITZMYER, 1997; e NICKELSBURG, 2011, p. 237-243.

⁷² Os essênios eram apocalípticos. Contando com a intervenção de Deus na história, viveram no deserto de Judá, perto do Mar Morto, preparando-se para serem dignos de participar do combate sagrado. Preparavam-se por meio da disciplina, banhos de purificação e jejuns, conforme QUEIROZ, Antonio Celso. *A Leitura Profética da História*. São Paulo: Loyola, 1994, p. 228. Outro grupo apocalíptico destacável foi o *Hassidim*, segundo COLLINS, 2010, p. 47. Tal círculo era composto de homens piedosos do período macabaico, considerados os precursores dos fariseus e essênios, segundo SOARES, Dionísio Oliveira. *A Literatura Apocalíptica: o Gênero como Expressão*. Revista Horizonte. Belo Horizonte: PUC Minas, volume 7, nº 13, 2008, p. 110. Informações mais aprofundadas sobre o grupo *Hassidim* e a origem dos fariseus, essênios e comunidade apocalíptica do Mar Morto podem ser estudadas na obra de HANSON, Paul D. *The People Called: the Growth of Community in the Bible – With a New Introduction*. Louisville: Westminster John Knox Press, 2001, p. 343-371. Para uma ilustração desses grupos confira o Anexo “A” da dissertação.

⁷³ BERGANT & KARRIS, 2001, p. 20.

O desafio, por conseguinte, é encontrar o ponto de contato entre a perspectiva religiosa desses grupos, os textos apocalípticos produzidos e o movimento dos indivíduos inerentes nesse contexto histórico literário. Enfim, o que se pretende agora é demonstrar a harmonia existente entre os aspectos histórico-literários vistos até aqui.

1.1.4. A Harmonia entre Apocalipse, Escatologia e Apocalypticismo

A necessidade de se combinar os aspectos histórico-literários é notória. Uma vez que os conceitos já foram particularmente esclarecidos nos tópicos anteriores, é o momento de responder a questão “como harmonizá-los?”. Para tanto, a destacada triple definição da apocalíptica judaica feita por Hanson (1976),⁷⁴ reconhecida por James C. Vanderkam,⁷⁵ que vai além da sistematização de Klaus Koch (1972),⁷⁶ de J. M. Schimidt (1969),⁷⁷ de Ernst Kasernann (1969),⁷⁸ Harold Henry Rowley (1947)⁷⁹ e o protestante alemão Adolfo Hilgenfeld (1857),⁸⁰ contribui para os esclarecimentos essenciais.⁸¹

⁷⁴ HANSON, 1989, p. 429-431; e HANSON apud CRIM, 1976, p. 27-34; 279-292.

⁷⁵ Professor de Bíblia Hebraica no Departamento de Teologia da Universidade de Notre Dame e membro da equipe internacional responsável pela preservação e tradução manuscritos do Mar Morto. Ver VANDERKAM, James C. & ADLER, William (Eds.). *The Jewish Apocalyptic Heritage in Early Christianity*. Minneapolis: Fortress Press, 1996, p. 5.

⁷⁶ Diante da ambiguidade vista na apocalíptica e termos derivados, Koch, especialista em Antigo Testamento, distinguiu entre “*apocalipse*” como um tipo literário e “*apocalíptica*” como um movimento histórico, em KOCH, Klaus. *The Rediscovery of Apocalyptic*. Naperville: Alec R. Anderson, 1972, p. 18-35; e BOCCACCINI & COLLINS, 2007, p. 143; e COLLINS, 1979, p. 3-4.

⁷⁷ COLLINS, 1979, p. 21.

⁷⁸ Ver KÁSERNANN, Ernst. *Ensayos Exegéticos*. Salamanca: Ediciones Sígueme, 1978, p. 211. Em 1969, o especialista em Novo Testamento postulou que a apocalíptica é a mãe de toda teologia cristã na referida obra, entretanto, em língua inglesa.

⁷⁹ A contribuição de Rowley, perito em Antigo Testamento, está na publicação do livreto *The Relevance of Apocalyptic: A Study of Jewish and Christian Apocalypses from Daniel to Revelation*. 2nd Ed.. London: Lutterworth Press, 1947. “A relevância da Apocalíptica”, já revisto e ampliado, foi e ainda é indispensável ao desenvolvimento do estudo do tema, levando especialistas modernos, como Nickelsburg, comentarem seu legado. Disponível em: <http://www.sbl-site.org/assets/pdfs/Nickelsburg_Study.pdf> Acesso em: 12 abr. 2013. Ao que parece, naquela época os estudiosos pensavam que a apocalíptica e a escatologia eram idênticas, conforme OTZEN, 2003, p. 217.

⁸⁰ Com a publicação da obra alemã “A Literatura Apocalíptica no seu Desenvolvimento Histórico” (*Die Jüdische Apokalyptik In Ihrer Geschichtlichen Entwicklung*, em alemão), segundo COSTA, Hermisten Maia Pereira. *A Literatura Apocalíptico-Judaica*. São Paulo: CEP, 1992, p. 24-25.

⁸¹ Parece haver uma forte discussão entre a escola inglesa e alemã quanto a história da apocalíptica, focados na origem, na mensagem teológica ou na hermenêutica dos livros. Mais informações em FABRIS, 1993, p. 341.

Se cada um dos aspectos literários é, individualmente, não exclusivos para a compreensão da apocalíptica, a soma dos conhecimentos de todos eles proporciona a revelação mais exata da literatura apocalíptica para os olhos do leitor, como uma “designação coletiva”.⁸² Nesse caso, conclui-se que os apocalipses necessitam ser distinguidos como gênero literário, a escatologia como uma perspectiva religiosa e o apocalipticismo como um movimento social,⁸³ uma vez que as pesquisas acadêmicas mais recentes abandonaram

o uso do termo “apocalíptica” como um substantivo e fazem distinção entre apocalipse como um gênero literário, apocalipticismo como uma ideologia social e escatologia apocalíptica como um conjunto de ideias e motivos literários que também podem ser encontrados em outros gêneros literários e contextos sociais.⁸⁴

Centrado no sistema religioso israelita, o aparecimento da literatura apocalíptica ocorreu quando houve uma plena manifestação dos três aspectos supracitados na história judaica e no conteúdo das obras do gênero. Os apocalipses, portanto, são meios de dar expressão à perspectiva da escatologia e veículos para expressar a ideologia de um determinado movimento apocalíptico.⁸⁵

Veja a tabela abaixo. As colunas se alinham de conformidade com o sentido de cada um dos aspectos literários mencionados, tentando mais clareza na exposição do conceito.

Apocalipses	Escatologia	Apocalipticismo
Gênero literário	Perspectiva religiosa	Movimento social
Meio	Expressão	Ideologia
Literatura	Revelação	Corrente Intelectual

Finalmente, a escatologia judaica (perspectiva religiosa), harmonizada com o

⁸² OTZEN, 2003, p. 208.

⁸³ GRABBE, Lesser L. & HAAK, Robert D. *Knowing the End from the Beginning: the Prophetic, the Apocalyptic and their Relationships*. London: T & T Clark International, 2003, p. 44.

⁸⁴ COLLINS, 2010, p. 18.

⁸⁵ HANSON, 1989, p. 430; e RICHTER, 2010, p. 13; e FREEDMAN, David Noel (Ed.). *Eerdmans Dictionary of the Bible*. Michigan: Eerdmans Publishing, 2000, p. 72-73. Também recomendo a leitura do artigo de BOER, Martinus de. *A Influência da Apocalíptica Judaica sobre as Origens Cristãs: Gênero, Cosmovisão e Movimento social*. Disponível em: <http://editora.metodista.br/textos_disponiveis/er19cap1.pdf> Acesso em: 27 ago. 2012.

mito⁸⁶ (apocalipse), durante uma época de perseguição (movimento social), formou o tripé apocalíptico que sustenta a literatura apocalíptica, ao lado dos aspectos histórico-sociais detalhados a seguir.

1.2. Os Aspectos Histórico-Sociais

Mesmo que as origens da apocalíptica sejam aparentemente obscuras,⁸⁷ a busca por fontes de pesquisa para essa dissertação corrobora com um posicionamento de John Collins: definitivamente, há uma quantidade extraordinária de literatura acadêmica que se devotou à busca pelas origens da apocalíptica e ao entendimento de que um apocalipse não é simplesmente um gênero conceitual da mente, mas é gerado por circunstâncias sociais e históricas.⁸⁸ Daí a necessidade desse tópico.

Note: a apocalíptica é resultado de tais circunstâncias como um “Panfleto ou Memorial para a época”.⁸⁹ A importância dessa afirmação está na contribuição indiscutível de tais momentos para a formação do gênero literário. É possível afirmar que na denominada Antiguidade tardia, a partir do século III a.E.C., já existia uma tradição de ideias apocalípticas,⁹⁰ mesmo que não se possa afirmar “que a apocalíptica mais antiga seja fruto único de uma reação contra o helenismo”.⁹¹

É indispensável, portanto, conhecer as circunstâncias típicas, histórico-sociais, que formaram a literatura apocalíptica, pois os textos desse gênero partilham “um grupo significativo de características que o distinguem de outras

⁸⁶ Apesar da diversidade de definições, aqui o mito é o motivo literário e padrão que deriva originalmente a história. Definição adaptada de COLLINS, 2010, p. 41. Para mais detalhes sobre mitos e outros gêneros literários sugere-se a leitura de ARENS, Eduardo. *A Bíblia sem Mitos: uma Introdução Crítica*. 3ª Ed. São Paulo: Paulus, 2007, p. 15-25; e ELIADE, Mircea. *Mito e Realidade*. São Paulo: Perspectiva, 1972, p. 11-12, 16, 128-129; e CROATTO, José Severino. *As Linguagens da Experiência Religiosa*. São Paulo: Paulinas, 2001, p. 191, 209-210, 272, 301-302.

⁸⁷ RUSSELL, 1997, p. 7.

⁸⁸ Ainda que se tenha poucas informações sociológicas sobre os movimentos que produziram a literatura apocalíptica judaica, segundo COLLINS, 2010, p. 43, 46; e COLLINS, 1979, p. 21.

⁸⁹ RUSSELL, 1997, p. 35.

⁹⁰ BARRERA, 1999, p. 231; e RUSSELL, 1997, p. 5.

⁹¹ Em virtude de dispormos de um corpo de escritos enóquicos cuja composição pode ser datada meio século antes da revolta dos macabeus e também anterior à composição do apocalipse canônico de Daniel, de acordo com BARRERA, 1999, p. 232, 233-234; e STONE, Michael E. *Select Studies in Pseudepigrapha & Apocrypha with Special Reference to the Armenian Tradition*. Leiden: Brill Academic Pub, 1991, p. 194.

obras”.⁹² Em tese, as informações obtidas em pesquisa foram condensadas em dois aspectos constituintes fundamentais. Define-se o primeiro deles a seguir.

1.2.1. Uma Literatura Resultante de Perseguição

É intrincado o caminho que conduz o pesquisador às origens histórico-sociais da literatura apocalíptica. Considerando o sentido do apocalipticismo⁹³ e de uma das principais características da apocalíptica (a defesa radical dos justos, que será esquadrihada adiante), o termo “apocalíptica”

denota um tipo de literatura que surgiu na época das lutas de Israel contra as potências ocupantes. É, portanto, uma forma de literatura de perseguição, que buscava garantir a seus leitores que Deus ainda estava no controle da história humana e que, apesar dos reveses experimentados por seu povo, seu império seria vitorioso no final.⁹⁴

Ainda que seja sugerido que o desenvolvimento apocalíptico não seja o resultado inevitável de determinadas circunstâncias sociais,⁹⁵ a origem histórica desse gênero literário remonta a um ambiente de perseguição (até violenta⁹⁶), revoltas, contextos de crise, adversidade, hostilidades, sofrimento, calamidades, guerras, enfim, acontecimentos que impactaram a configuração da vida, religião e pensamento judaicos; um ambiente que, certamente, pode remontar ao já citado século III a.E.C, período que marca o auge da intitulada “escatologização da história”⁹⁷ e surgimento da denominada “Literatura de Resistência”.⁹⁸

Entre os ptolomeus no Egito e os selêucidas na Síria, a época mencionada possibilita uma “ampla visão da crise religiosa-política vivida pelo povo hebraico nos tempos da helenização ou paganização de Israel durante o domínio dos herdeiros

⁹² COLLINS, 2010, p. 21.

⁹³ O apocalipticismo judaico não está simplesmente restrito à Palestina, mas o seu foco geográfico, sem dúvida, encontra-se nessa região. O perfil de sua cosmovisão deve ser precipuamente entendido como reflexo da história socioeconômica e política do judaísmo do período helenístico-romano, segundo STEGEMANN & STEGEMANN, 2004, p. 173.

⁹⁴ FITZMYER, 1997, p. 60.

⁹⁵ BERGANT & KARRIS, 2001, p. 20.

⁹⁶ ARENS & MATEOS, 2004, p. 317.

⁹⁷ STEGEMANN & STEGEMANN, 2004, p. 173. Para tanto, indico o texto “*Reações à Destruição do Segundo Templo*”, em STONE, 1991, p. 429-438.

⁹⁸ Ver HELYER, Larry R. *Exploring Jewish Literature in the Second Temple Period: a Guide for New Testament Students*. Madison: Inter Varsity Press, 2002, p. 148-179.

políticos de Alexandre Magno”.⁹⁹ Daí a importância de se reconhecer “a fecunda e brilhante literatura que narra de forma dramática e corajosa esse período [...], sofrimentos e esperanças”.¹⁰⁰

Se a maior parte da literatura que mais tarde se tornaria as escrituras canônicas do povo judeu já havia sido redigida nessa época,¹⁰¹ até a metade do terceiro século não se tinha conhecimento de um escrito apocalíptico *sui generis*.¹⁰² Porém, os novos combates¹⁰³ que sobrevinham a Israel e, conseqüentemente à sua religião, o judaísmo, ressuscitaram as predições apocalípticas diante das

mudanças fundamentais e de longo alcance [que] abalaram o povo judeu durante esses séculos. O império persa caiu. As vitórias de Alexandre trouxeram a língua e a cultura gregas para o oriente. A perseguição dos judeus pelo rei macedônio, Antíoco IV Epífanes, testou o caráter da fé judaica e ameaçou exterminar a religião. Após um breve período de independência, a Palestina se curvou à soberania de Roma. Nova agitação trouxe revolta. A Palestina foi devastada, Jerusalém foi saqueada e o Templo foi destruído.¹⁰⁴

Dentre todas essas terríficas circunstâncias, não há dúvida de que o reinado de Antíoco é decisivo para o entendimento da literatura apocalíptica. Segundo Russell, foi nessa época precisamente que a apocalíptica emergiu (175 a 163 a.E.C.),¹⁰⁵ como resultado à violência e ira do imperador Antíoco IV Epífanes¹⁰⁶ sobre os judeus,

proibindo a circuncisão, a guarda do sábado, a posse e leitura da Torah, sendo punido com a morte quem a possuísse, lesse ou mesmo demonstrasse interesse pela mesma; profanou e saqueou o templo,

⁹⁹ DIAS, Geraldo J. A. Coelho. *As Religiões da nossa Vizinhança: História, Crença e Espiritualidade*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Departamento de História e de Ciências e Técnicas do Patrimônio, 2006, p. 346.

¹⁰⁰ COSTA, 1992, p. 16.

¹⁰¹ NICKELSBURG, 2011, p. 29.

¹⁰² Expressão latina que significa “de seu próprio gênero”, isto é, que não apresenta analogia com nenhuma outra literatura.

¹⁰³ Uma breve e excelente visão sobre os eventos históricos que abarcaram tal época pode ser encontrado em ROST, L. *Introdução aos Livros Apócrifos e Pseudoepígrafos do Antigo Testamento e aos Manuscritos de Qumran*. 2ª Ed. São Paulo: Paulinas, 1980, p. 27-40.

¹⁰⁴ NICKELSBURG, 2011, p. 29.

¹⁰⁵ RUSSELL, David Syme. *Apocalyptic: Ancient and Modern*. Filadélfia: Fortress Press, 1978, p. 3; e STONE, 1991, p. 185 e 419.

¹⁰⁶ Antíoco IV era conhecido como “*Theos Epifanes*” (“*deus manifesto*”), porém apelidado por seus subalternos de “*Epimanes*” (“o louco”). Antíoco, no afã de helenizar os judeus, se envolveu nos negócios da Palestina, substituindo o zeloso e fiel sumo sacerdote judeu, Onias III, pelo irmão desse, Jasão, e, três anos depois, por Menelau. Informações segundo COSTA, 1992, p. 19. Recomendo também a leitura de BLANK, Renold J. *Escatologia do Mundo: o Projeto Cósmico de Deus – Escatologia II*. 4ª Ed. São Paulo: Paulus, 2008, p. 41-43.

transformando-o numa casa do Júpiter Olímpico [...] realizando ali verdadeiros bacanais [...]. Devido a algumas supostas semelhanças entre suas próprias características e a tradicional reapresentação de Zeus, ele passou a se apresentar como o próprio Zeus em pessoa, erigindo a sua imagem como de Zeus no templo de Jerusalém, oferecendo uma porca no templo e ordenando que todos os judeus oferecessem sacrifícios aos deuses gregos, inclusive nas cidades circunvizinhas. A recusa em obedecer ao decreto real gerou a morte de muitos [...].¹⁰⁷

Neste contexto, como poderosa retórica de denúncia contra as tiranias do mundo e seus totalitarismos,¹⁰⁸ bem como uma exortação de perseverança aos leitores,¹⁰⁹ como a resposta da fé,¹¹⁰ a literatura apocalíptica tornou-se

a expressão de uma corrente de inconformismos diante da sociedade, pela qual [apresentou] uma visão crítica própria de movimentos de protesto que têm a necessidade urgente de mudar e renovar o mundo. [Criticaram] com todas as forças os feitos políticos, [viram] a história “por trás”. Mas, embora possivelmente determinista e pessimista, sua visão do futuro é basicamente de esperança, porque confia na intervenção divina.¹¹¹

Não é por acaso que em textos apocalípticos surge um pouco da “coragem judaica e cristã de perceber e expressar sem retoques toda a realidade humana. Pois [...] assumem os medos, nomeiam sua causa na história e indicam sua solução como caminho”.¹¹² Disso, o primeiro livro de Enoque está repleto. Essencialmente apocalíptico e base dos estudos dessa dissertação, a obra surgiu em meio às perseguições no chamado período intertestamentário — por isso os textos dessa época serem conhecidos como escritos intertestamentários — como resultado e contribuição de muitas fontes.

1.2.2. Uma Literatura Composta por Diversas Fontes

De onde surgiu a apocalíptica? A resposta não é unânime, mas diversificada dependendo do foco: judaico, persa, babilônico ou greco-romano.¹¹³ O objetivo nesse sub-tópico é avaliar as diversificadas proposições dos especialistas e verificar se, de

¹⁰⁷ COSTA, 1992, p. 20-21. Para mais detalhes ler 1 Macabeus 1.29-64, 60-61; 1 Macabeus 2.32-39; 2 Macabeus 5.14, 16, 21; 2 Macabeus 6.1-4, 7-8, 10-11; 18 ss.; 2 Macabeus 7.1 ss.

¹⁰⁸ ARENS & MATEOS, 2004, p. 325.

¹⁰⁹ OTZEN, 2003, p. 207.

¹¹⁰ Um conjunto de circunstâncias provocou uma situação em que o novo tipo de escrita poderia florescer, de acordo com MORRIS, 1973, p. 28.

¹¹¹ ARENS & MATEOS, 2004, p. 95.

¹¹² BERGER, 1999, p. 357.

¹¹³ Para mais informações ver COLLINS, 2010, p. 52-66.

fato, a apocalíptica pode ser compreendida como uma literatura resultante de diversas fontes, preterindo o conceito de uma única fonte específica fundamentá-la.

Muitos eruditos sugerem que a literatura apocalíptica surgiu da linguagem sapiencial.¹¹⁴ Exemplos seriam os livros da Sabedoria de Salomão ou o canônico de Daniel.¹¹⁵ Considerando a forma, linguagem e ideias sapienciais,¹¹⁶ de fato, os apocalipses apresentam em parte um tipo de sabedoria na medida em que eles

primeiro, oferecem uma compreensão da estrutura do universo e da história e, segundo, entendem que a compreensão correta é o pré-requisito da ação correta. Essa sabedoria, no entanto, não é do tipo indutivo, como encontramos em Provérbios ou Sirácida, mas é adquirida através da revelação. [Conclui-se.]¹¹⁷

Outros apontam sua origem cronológica no profetismo bíblico.¹¹⁸ O inglês Robert Henry Charles (1855-1931), especialista em tradução de apócrifos e pseudoepígrafos, considerou que profecia e apocalíptica empregaram os mesmos métodos. Hanson vê que a autoidentificação dos protagonistas da apocalíptica com a tradição profética clássica é um dos fatores primários para o desenvolvimento do gênero.¹¹⁹ Porém, estabelece a tese que a escatologia profética se desfaz quase totalmente na apocalíptica, visto que “torna-se apocalíptica tão logo não se observe a tarefa de traduzir a visão cósmica em categorias da realidade terrena”.¹²⁰ Se

originalmente os ditos proféticos eram formulados de forma sucinta e rítmica, mais tarde eles se tornariam mais extensos, e, por fim, se transformam inclusive em prosa elevada. Na Apocalíptica esse processo chegou a um auge: ela quase não mais anuncia em forma oral, mas sim em

¹¹⁴ Como Gustav Holscher e Gerhard von Rad, citados por KNIBB, Michael Anthony. *Essays of the Book of Enoch and Other Early Jewish Texts and Traditions*. Danvers: Brill Academic Pub, 2009, p. 25-26; e OTZEN, 2003, p. 221-224; e ENNS, Peter & LONGMAN III, Tremper (Ed.). *Dictionary of the Old Testament: Wisdom, Poetry & Writings*. Madison: Inter Varsity Press, 2008, p. 850-851. A posição de Gerhard von Rad pode ser encontrada em sua própria obra *Old Testament Theology – Volume 1*. Kentucky: Westminster John Knox Press, 2001, p. 12, 27, 301-308 e 451. O efeito frutífero da proposta de von Rad foi reconduzir a atenção àqueles aspectos do apocalipses que são cosmológicos e especulativos, em vez de escatológicos, conforme COLLINS, 2010, p. 45.

¹¹⁵ É interessante observar que o livro do profeta Daniel na bíblia judaica se encontra entre os escritos sapienciais.

¹¹⁶ BOCCACCINI & COLLINS, 2007, p. 140, 161.

¹¹⁷ COLLINS, 2010, p. 45.

¹¹⁸ Uma explicação precisa sobre as diferenças entre o profeta e o apocalíptico pode ser encontrada em ARENS & MATEOS, 2004, p. 117, 127-129. Para um tratado profundo sobre a ligação entre profecia e apocalíptica ver a obra de GRABBE & HAAK, 2003, p. 109-166.

¹¹⁹ BOCCACCINI & COLLINS, 2007, p. 2, 7.

¹²⁰ GRADL & FRANZ, 2001, p. 177. É preciso considerar a cessação da profecia como um fator decisivo para o surgimento da apocalíptica, segundo ROLDAN, Alberto Fernando. *Escatología: una Vision Integral desde América Latina*. Buenos Aires: Kairós, 2002, p. 68.

forma escrita. Essa é uma diferença essencial, que, no entanto, não surgiu repentinamente, mas aos poucos.¹²¹

Nessa percepção, a literatura apocalíptica ou é julgada como “profecia num novo idioma”,¹²² ou é avaliada como a “sucessora da profecia”,¹²³ sua cria,¹²⁴ sua filha.¹²⁵

Adaptando os conceitos de sabedoria e profecia, esses caracteres levaram alguns a ver na apocalíptica uma derivação da literatura sapiencial, embora conservando fortes conotações proféticas.¹²⁶ Outrossim, é proposto ainda que seu material provenha de outros âmbitos de tradição,¹²⁷ da antiga mitologia cananita,¹²⁸ ou até mesmo do zoroastrismo.¹²⁹

Muitos estudiosos da literatura apocalíptica sugerem a ausência de conexões primárias com o judaísmo e apontam a progênie da apocalíptica no dualismo persa tal como registrado em seu livro sagrado, o Avesta, sustentando-se no conflito entre Ahura Mazda e Ahriman, seguidamente o criador do bem e o espírito do mal,¹³⁰ com influências fortemente pós-helenistas.¹³¹ Hanson, por sua vez, ressalta que a fonte rastreada mais comum para a origem da apocalíptica é o

¹²¹ SCHMIDT, Werner H. *A Fé do Antigo Testamento*. São Leopoldo: Sinodal, 2004, p. 446.

¹²² COSTA, 1992, p. 49.

¹²³ GUNNEWEG, Antonius H. *Hermenêutica do Antigo Testamento*. São Leopoldo: Sinodal, 2003, p. 121; e COLLINS, 1997, p. 6.

¹²⁴ COLLINS, 2010, p. 43.

¹²⁵ BOCCACCINI & COLLINS, 2007, p. 140.

¹²⁶ LEXICON – DICIONÁRIO TEOLÓGICO ENCICLOPÉDICO. São Paulo: Loyola, 2003, p. 39.

¹²⁷ STEGEMANN & STEGEMANN, 2004, p. 172.

¹²⁸ Posição defendida por Hanson, segundo COLLINS, 1979, p. 21; e OTZEN, 2003, p. 220.

¹²⁹ GRABBE & HAAK, 2003, p. 33; e GONZALES, Justo L. *Uma História do Pensamento Cristão: do Início até o Concílio de Calcedônia, Volume I*. São Paulo: Cultura Cristã, 2004, p. 47.

¹³⁰ O que não pode ser de todo desconsiderado, segundo COLLINS, 2010, p. 43-44; 52-61; e OTZEN, 2003, p. 219; e SANDY & O'HARE, 2007, p. 201. Sugere-se que o primeiro exemplo registrado de fé apocalíptica encontra-se no Avesta, as escrituras sagradas do Império Persa que estão disponíveis em inglês no site: <<http://avesta.org>> Acesso em: 22 jul. 2012. O Avesta relata a visão do profeta iraniano Zoroastro (1200 e 1500 a.E.C.), na qual ele viu o Espírito da Destruição confrontar o Deus bom. Na ocasião ele predisse uma grande transformação e julgamento de toda a humanidade, o que decorreria da tal batalha entre os deuses na qual apenas os justos haveriam de sobreviver. Informação conforme BRODY, David Eliot & BRODY, Arnold R. *As Sete Maiores Descobertas Científicas da História*. São Paulo: Schwarcz, 2006, p. 211. Para mais detalhes sobre o tema ver o profundo artigo de SOARES, Dionísio Oliveira. *As Influências Persas no Chamado Judaísmo Pós-Exílico*. Revista Theos. 6ª Ed. Campinas: Faculdade Teológica Batista de Campinas, volume V, nº 2, 2009; e BLANK, 2008, p. 39-40.

¹³¹ BOCCACCINI & COLLINS, 2007, p. 4; BERGER, Klaus. *Formas Literárias do Novo Testamento*. São Paulo: Loyola, 1984, p. 140; e PRIGENT, Pierre. *O Apocalipse*. 2ª Ed. São Paulo: Loyola, 2002, p. 286.

dualismo persa, com fortes influências helenísticas.¹³² Recorda-se que

os israelitas da época pós-exílica foram súditos persas, tanto na pátria palestinese quanto no estrangeiro, durante dois séculos, de Ciro até Alexandre, o Grande. Assim, contatos com a religião iraniana são bem possíveis. Conceitos surgidos no período tardio do AT, como reino de Deus, ressurreição, juízo mundial e angelologia, são familiares à religião persa. Porém, é difícil definir a idade precisa das concepções iranianas. Também não há como demonstrar, de modo inequívoco, que o ideário do AT dependa delas. Em todo caso, há certas semelhanças, talvez estímulos, e talvez também a adoção de determinados motivos isolados.¹³³

Por outro lado, é estranho pensar que se a apocalíptica é “cria da profecia, ela é legítima; se for importada da Pérsia, não é autenticamente bíblica. Essa lógica é patentemente defeituosa”.¹³⁴ Deve-se ressaltar que mais numerosos são os textos da literatura apocalíptica judaica extra-bíblica. Foi, por isso, que se tornou autônoma quanto a qualquer tentação de sincretismo, desenvolvendo-se no pós-exílio tardio, durante a tentativa de fazer degenerar a religiosidade hebraica.¹³⁵ Em suma, “o que quer que tenha sido tomado do apocalipticismo persa foi rigorosamente modificado e integrado a outras correntes de pensamento”, conclui-se.¹³⁶

A partir dessas pressuposições observa-se que é extremamente difícil argumentar que a apocalíptica tenha surgido de uma única fonte, como se houvesse uma matriz completa ou suficiente da qual tenha se utilizado para o surgimento do gênero. Tal gênero não pode ser confinado a uma única cultura ou tradição religiosa.¹³⁷ Afinal, a

natureza intrínseca das composições apocalípticas tardias só podem ser compreendidas pelas cópias desenvolvidas ao longo dos séculos através das quais a escatologia apocalíptica desenvolveu-se a partir da profecia e outras raízes nativas ainda mais arcaicas.¹³⁸

¹³² HANSON, 1989, p. 5-6.

¹³³ SCHMIDT, 2004, p. 454.

¹³⁴ COLLINS, 2010, p. 44, 18.

¹³⁵ LEXICON, 2003, p. 39.

¹³⁶ COLLINS, 2010, p. 61.

¹³⁷ COLLINS, Adela Yarbro. *Cosmology and Eschatology in Jewish and Christian Apocalypticism*. Boston: Brill Academic Pub, 2000, p. 6.

¹³⁸ Para mais detalhes sobre as distinções entre Profecia e Escatologia apocalípticas ver HANSON, 1989, p. 6, 10-31; e SANDY & O'HARE, 2007. Resumidamente, a escatologia profética é o anúncio dos planos divinos para Israel e o mundo, os quais o profeta, com seu *insight* no conselho divino de Yahweh, traduz nos termos de história simples, política real e instrumentalidade humanas. Por outro lado, a escatologia apocalíptica é a revelação ao leito da visão profética da soberania de Yahweh, cuja visão os visionários deixaram de traduzir nos termos de história simples, política real e instrumentalidade humanas por causa de uma visão pessimista da realidade que se origina das lúgubres condições pós-exílicas. Em NOGUEIRA, 2005, p. 90.

Aparentemente, a apocalíptica teria surgido no período pós-exílico, quando o povo de Israel retornou à sua terra, por volta de 586 a.E.C. A partir daí a literatura progrediu, combinando alusões de uma ampla série de fontes, mesmo que não correspondendo à estrutura e ao conteúdo da profecia clássica, por exemplo.¹³⁹ Ela é fruto, em grande parte, da tensão entre as duas tendências do judaísmo pós-exílico, hierocrática e visionária.¹⁴⁰ Não obstante, sugere-se que algumas porções dos livros proféticos pós-exílicos possam ser classificadas como protoapocalípticas¹⁴¹ em virtude de suas contribuições,¹⁴² tais como Isaías 24-27, Isaías 56-66, Zacarias 9-14, Joel 3-4 e Malaquias 3-4.

Adicionando aos textos anteriores, parte¹⁴³ do livro canônico de Daniel,¹⁴⁴ capítulos sete a doze, é visto como o início da literatura apocalíptica para os judeus.¹⁴⁵ Outras obras que remetem a apocalíptica são porções do primeiro livro de Enoque, quarto livro de Esdras, segundo livro de Baruc (secretário de Jeremias), Apocalipse de Abraão, Sofonias, Salmos de Salomão, Ascensão de Moisés, Testamentos dos Doze Patriarcas e muitas outras que se assemelham a essas.

Portanto, a apocalíptica não pode ser remetida diretamente a um único movimento ou fonte. Suas origens são um desenvolvimento ao longo dos séculos, através da escatologia, a partir do profetismo e outras raízes antigas. Sem dúvida, uma literatura composta por um “grande espectro de fontes”¹⁴⁶ e repleta de um conteúdo investigável. Esse último, assunto do próximo tópico.

2. O CONTEÚDO DA APOCALÍPTICA

Da mesma forma que a estrutura de gênero nunca é o único fator que dá

¹³⁹ BERGANT & KARRIS, 2001, p. 42.

¹⁴⁰ BARRERA, 1999, p. 241. Mais detalhes em STONE, 1991, p. 187.

¹⁴¹ GRABBE & HAAK, 2003, p. 51.

¹⁴² BERGANT & KARRIS, 2001, p. 42.

¹⁴³ Digo “parte” em virtude dessas obras possuírem outras formas literárias em seu escopo. Daniel, por exemplo, justapõe contos entre os capítulos 1 e 6.

¹⁴⁴ Alguns estudiosos sugerem que possa ter sido escrito por volta do século II a.E.C.. Para alguns, Daniel marca o fim do profetismo e o ato de nascença da apocalíptica, como descrito em LEXICON, 2003, p. 171.

¹⁴⁵ DUE, 2007, p. 167; e EATON, John. *Misteriosos Mensageiros: Curso de Profecia Hebraica*. São Paulo: Loyola, 2000, p. 184.

¹⁴⁶ COLLINS, 2010, p. 44.

forma ao texto,¹⁴⁷ ou que o Apocalipse neo-testamentário não pode ser critério final para definir o conteúdo da apocalíptica, é seguro atestar que existe um conjunto de informações abundantes que se pode encontrar no gênero em discussão, uma “essência da apocalíptica”.¹⁴⁸ Descobrir ou sistematizar essa natureza é delicado, visto que muitas nomenclaturas são utilizadas,¹⁴⁹ inúmeras são as características distinguidas¹⁵⁰ e poucos elementos são constantes em todas as obras designadas como um apocalipse.¹⁵¹

É propósito desse tópico, no entanto, a elaboração de uma lista com os principais ou mais usados aspectos que compõem o conteúdo da literatura apocalíptica, o que Collins classifica como “núcleo comum ao gênero”.¹⁵² Não que se intente agrupar todos os aspectos que são plenamente encontrados nas obras desse gênero como uma lista final; seria uma pretensão desmedida. Com o gama de textos descobertos e, quiçá, outros ainda a serem encontrados, as obras podem possuir similitudes, mas, dificilmente, abordarão todo o conteúdo da apocalíptica em um único exemplar. Não há nenhuma unanimidade quanto a esse assunto.

Por isso, os caracteres distintivos da literatura apocalíptica sugeridos a partir daqui não são uma listagem comum e esgotada, mas pretendem verificar e expor as características essenciais do conteúdo mais evidentes nessas obras pluriformes, dedicando-se à construção de uma estrutura coerente, ao exemplo de Semeia 14, objetivando “conferir precisão” ao *corpus* apocalíptico.¹⁵³ Nas pesquisas destacaram-se muitos princípios que precisaram ser abreviados em, pelo menos, dez aspectos principais, a começar de uma forte perspectiva escatológica.

¹⁴⁷ COLLINS, 2010, p. 28.

¹⁴⁸ BERGER, 1984, p. 77.

¹⁴⁹ SHREINER, J. & DAUTZENBERG, G. *Forma e Exigências do Novo Testamento*. 2ª Ed. São Paulo: Teológica, 2004, p. 425.

¹⁵⁰ Para a percepção da complexidade das características da literatura apocalíptica, sugiro a leitura das listas encontradas em HANSON, 1989, p. 7; e RUSSELL, 1997, p. 89-183; e COLLINS, 2010, p. 23 e 33; e RUSSELL, David Syme. *The Method and Message of Jewish Apocalyptic*. Philadelphia: Westminster Press, 1964, p. 105; e OTZEN, 2003, p. 224; e MORRIS, 1973, p. 35-55; e HELM, 2009, p. 6; e ARENS & MATEOS, 2004, p. 125-127; e WILKINSON & BOA, 2007, p. 598; e CAREY, Greg. *Ultimate Things: an Introduction to Jewish Christian Apocalyptic Literature*. Danvers: Chalice Press, 2005, p. 7-10; e HELYER, 2002, p. 117-119; e SANDY & O'HARE, 2007, p. 214.

¹⁵¹ COLLINS, 1979, p. 9.

¹⁵² COLLINS, 2010, p. 23.

¹⁵³ COLLINS, 2010, p. 22, 23.

2.1. A Perspectiva Escatológica

O elemento escatológico pode ser encontrado em muitos textos da apocalíptica judaica.¹⁵⁴ Preocupada menos com a história real do que com o fim da história na perspectiva do autor ou autores do escrito apocalíptico, os estágios finais do ser humano e os eventos finais da atual época estão profundamente registrados nessa literatura. Pesquisadores até sugerem que a apocalíptica seja sempre escatológica.¹⁵⁵ Mas, cogitar a apocalíptica como essencialmente escatológica é redundante? De modo algum. O doutor em teologia Broadus David Hale declara que

a escatologia pode existir e frequentemente existe nos escritos básicos, separadas das seções apocalípticas. A própria natureza contingente no pensamento escatológico faz com que a escatologia se preste à expressão apocalíptica (mitológica). Por outro lado, o apocalíptico é sempre escatológico, seja explícita ou implicitamente.¹⁵⁶

Nas revelações apocalípticas o futuro, dentro das possibilidades históricas, vem de cima e será trazido do além.¹⁵⁷ É importante perceber, no entanto, que “a expectativa apocalíptica não está orientada unicamente para o futuro, mas é a plena manifestação daquilo que já está presente”.¹⁵⁸ Nesse escopo,

a apocalíptica dá expressão à fé popular e às expectativas dos leigos devotos, mas incultos: esses últimos tinham a esperança de um mundo melhor e [até] abraçaram teorias absurdas e ingênuas sobre o futuro. [Eis o seu significado na história].¹⁵⁹

O livro etíope de Enoque, além de oferecer uma interpretação escatológica de Gênesis 6.1-4,¹⁶⁰ demonstra toda a perspectiva sobre o “*eschaton*” de seus autores que, na representação do patriarca, permanecem na presença divina quando aprendem os mistérios do universo, “dos tempos passados e futuros e agora os relatam aos habitantes futuros”.¹⁶¹ Uma narração repleta de significado para os judeus daquele tempo.

¹⁵⁴ OTZEN, 2003, p. 220.

¹⁵⁵ MOUNCE, Robert H. *The Book of Revelation*. Michigan: Grand Rapids, 1984, p. 3; e GOTTWALD, 1988, p. 407.

¹⁵⁶ HALE, 1983, p. 426.

¹⁵⁷ SCHMIDT, 2004, p. 452.

¹⁵⁸ LEXICON, 2003, p. 345.

¹⁵⁹ OTZEN, 2003, p. 217.

¹⁶⁰ NICKELSBURG, 2011, p. 115

¹⁶¹ GABEL & WHEELER, 1990, p. 161.

2.2. A Significação Histórica

Esse segundo aspecto da apocalíptica marca a tensão entre a história e o “*eschaton*”. O fim pode ser orientado para uma situação presente, da perspectiva do autor do escrito apocalíptico. Considere como um estopim histórico para o surgimento de alguma obra desse gênero, onde a situação histórica real será representada pelas “imagens do livro”.¹⁶² Logo, é característica da literatura apocalíptica tentar saltar por cima das crises presentes a fim de dirigir a mente dos fiéis para um futuro triunfal sobre os inimigos com o estabelecimento da retidão.¹⁶³

A apocalíptica alude frequentemente a fatos históricos contemporâneos, “períodos críticos da história”,¹⁶⁴ mas descreve-os de forma premonitória, de modo que o relato é lido como algo que vai acontecer.¹⁶⁵ Na mente judaica entremeia-se que o curso da história já foi determinado por Deus.¹⁶⁶ Ignorá-la, seja da perspectiva do autor ou do gênero, pode ser contraproducente. Para o escritor apocalíptico a história foi determinada de uma vez por todas na criação. É por isso que o pseudoenoque, somente algumas gerações após Adão e Eva, já podia perceber o curso dos acontecimentos subsequentes através da revelação.¹⁶⁷

Resumindo, a visão da história é religiosa,¹⁶⁸ é predeterminada pela mão do Criador,¹⁶⁹ onde Deus irrompe de repente na realidade humana e a leva ao fim.¹⁷⁰ “Por mais que essa cosmovisão se torne um tópico literário, ela permanece claramente um sintoma do público dos escritos apocalípticos”,¹⁷¹ principalmente dos judeus, que aguardariam a defesa poderosa dos céus para o povo escolhido, os justos.

¹⁶² SHREINER & DAUTZENBERG, 2004, p. 417.

¹⁶³ CHAMPLIM, Russell Norman. *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia – Volume 1 – A-C*. 10ª Ed. São Paulo: Hagnos, 2011, p. 219.

¹⁶⁴ COSTA, 1992, p. 35.

¹⁶⁵ FITZMYER, 1997, p. 61. Mais detalhes podem ser obtidos em RUSSELL, 1997, p. 119-125.

¹⁶⁶ GUNNEWEG, Antonius H. J. *Teologia Bíblica do Antigo Testamento: uma História da Religião de Israel na Perspectiva Bíblico-Teológica*. São Paulo: Teológica e Loyola, 2005, p. 337. Há uma posição de discordância em BLANK, 2008, p. 25-29.

¹⁶⁷ OTZEN, 2003, p. 260.

¹⁶⁸ DICIONÁRIO BÍBLICO TEOLÓGICO. São Paulo: Loyola, 2000, p. 17.

¹⁶⁹ OTZEN, 2003, p. 214.

¹⁷⁰ GABEL & WHEELER, 1990, p. 123.

¹⁷¹ STEGEMANN & STEGEMANN, 2004, p. 172.

2.3. A Defesa Radical dos Justos

Essa é uma das principais características da literatura apocalíptica. Ela é uma “defesa radical do grupo perseguido, sempre identificado com os escolhidos de Deus, e com os quais sempre o escritor se identifica, como uma parte integrante”.¹⁷² Parece que os justos sempre estão em perigo e, por isso, precisam de proteção. Pode-se lembrar o que foi descrito anteriormente acerca de Antíoco IV Epífanes, acrescentando que

a perseguição dos judeus pelo rei macedônio [...] testou o caráter da fé judaica e ameaçou exterminar a religião [...]. Esses acontecimentos, e outros como eles, tiveram seu inevitável impacto na configuração da vida, religião e pensamento judaico.¹⁷³

É por isso que “revelações apocalípticas sobre ajuda vinda da esfera celestial e esperanças por um salvador humano, um messias, especulações sobre a justiça divina em um mundo injusto” são tão evidentes nos escritos desse gênero.¹⁷⁴

Talvez caiba aqui o conceito da apocalíptica ética,¹⁷⁵ do doutor em línguas clássicas Russell Norman Champlim, que convoca os homens a abandonar os pecados, os quais necessariamente produzirão acontecimentos desastrosos. Para John Collins, as ilocuções¹⁷⁶ típicas dos apocalipses constituem-se de uma apocalíptica exortativa, esteja ou não explicitada através de exortações e repreensões.¹⁷⁷ Ao que se percebe, ética e exortação se entrelaçam, visto que “a função da apocalíptica é moldar a percepção imaginativa da situação de alguém e, assim, colocar os fundamentos para qualquer curso de ação ao qual ela exorte”.¹⁷⁸

Há um típico padrão literário judaico: o livramento vem em resposta à oração¹⁷⁹ daquele que é guardado por Deus. A apocalíptica é a “literatura de resistência dos oprimidos”,¹⁸⁰ é uma resposta às necessidades que surgem das

¹⁷² HALE, 1983, p. 426.

¹⁷³ NICKELSBURG, 2011, p. 29-30.

¹⁷⁴ NICKELSBURG, 2011, p. 30.

¹⁷⁵ CHAMPLIM, Volume 1, 2011, p. 213.

¹⁷⁶ Função literária; aquilo que ele faz ao dizer o que diz, segundo COLLINS, 2010, p. 47 e 72.

¹⁷⁷ Pois a perspectiva de um julgamento final cria um contexto para o esclarecimento de valores, conforme COLLINS, 2010, p. 47, 24.

¹⁷⁸ COLLINS, 2010, p. 73.

¹⁷⁹ NICKELSBURG, 2011, p. 69.

¹⁸⁰ ARENS & MATEOS, 2004, p. 325.

perseguições, resolvendo o problema histórico pela justiça de Deus e o sofrimento do homem, expondo os objetivos do nacionalismo.¹⁸¹

No ambiente de crises, contrastando o amanhã e o hoje, a finalidade última é de dar aos homens uma resposta: a esperança quanto ao futuro, mesmo que o presente seja difícil.¹⁸² Foi assim com o livro canônico de Apocalipse, bem como no pseudoepígrafo etíope livro de Enoque. Além desses, a certeza de que a vitória definitiva sobre os ímpios e infiéis será de Deus é encontrada, qual fio condutor, em todas as obras apocalípticas, começando dos profetas da Antiguidade (Jeremias 46-51; Ezequiel 38-39; Amós 1-2; Zacarias 9; Daniel 7-8).¹⁸³

Por isso, quanto à função, a apocalíptica responde as perguntas de um povo perseguido. Os escritores apocalípticos “se propunham apresentar revelações da parte de Deus, explicando o motivo da prevalescência do mal, desvendando os segredos celestes e prometendo a vinda iminente do seu reino e da salvação aos aflitos”.¹⁸⁴ Tratam da justiça de Deus e do sofrimento do homem tentando explicar algumas das passagens obscuras da Escritura Sagrada,¹⁸⁵ muitas vezes com pseudônimos.

2.4. A Utilização de Pseudônimos¹⁸⁶

De fato, a pseudonímia (ou pseudoepigrafia) é uma das características mais encontradas nos escritos apocalípticos. Com a mesma certeza, pode-se prever que também é a menos compreendida. Habitualmente,¹⁸⁷ se constituía a fim de perpetuar uma tradição quando um escrito feito por outrem se utilizava de nomes em honra a alguma personalidade famosa e/ou aproveitando-se do seu prestígio no

¹⁸¹ SHREINER & DAUTZENBERG, 2004, p. 425.

¹⁸² CHAMPLIM, Volume 1, 2011, p. 211.

¹⁸³ ARENS & MATEOS, 2004, p. 59. A destruição dos ímpios é igualmente respaldada por COLLINS, 2010, p. 24.

¹⁸⁴ COSTA, 1992, p. 27.

¹⁸⁵ HALE, 1983, p. 20.

¹⁸⁶ Pseudoepígrafos significa “*com falsa subscrição*”, já que são escritos sob nome presumido, de acordo com RUSSELL, 1997, p. 20; ver também GABEL & WHEELER, 1990, p. 164; e DITOMASSO & TURCESCU, 2008, p. 468.

¹⁸⁷ Visto que há possibilidade de alguns apocalipses cristãos não serem pseudônimos, conforme COLLINS, 1979, p. 5. Também é possível que o visionário permaneça no anonimato, o que é igualmente apoiado por ARENS & MATEOS, 2004, p. 157; e GUNNEWEG, 2005, p. 338; e ROST, 1980, p. 24; leia também as conclusões de RUSSELL, 1997, p. 95-100.

passado.¹⁸⁸

A fim de assumirem foros de autoridade¹⁸⁹ e ortodoxia, os pseudoepígrafos são escritos no nome de algum predecessor ilustre que profetiza acerca dos eventos da época do escritor real. A história passada torna-se reescrita, como profecia.¹⁹⁰ Ao que parece, se o escritor do texto apocalíptico desejasse alguma influência real sobre o povo deveria recorrer a pseudonímia.¹⁹¹

Dessa ideia fundamental surgiu o que se chama de pseudônimos,¹⁹² ainda que a “pseudonímia possivelmente também esteja vinculada à perda de autoridade dos estratos de liderança da sociedade judaica”,¹⁹³ ou ao intento de dar aparência de um anúncio futuro recebido há muito tempo,¹⁹⁴ ou como consequência do declínio da profecia israelita,¹⁹⁵ ou como uma maneira de se ocultar¹⁹⁶ da provável perseguição pelos escritos anti-inimigos. Segundo Norman K. Gottwald, professor emérito de Antigo Testamento no Seminário Teológico de Nova York, havia predileção por pseudônimos do período primordial (como Abraão e Enoque) e do período que compreende o exílio e início da restauração (como Daniel, Baruc e Esdras).¹⁹⁷

Geralmente esse artifício é mal interpretado, visto como um método desonesto ou mentira literária, afinal, exprimia palavras nas vozes de homens de renome que nunca as disseram. Deve-se registrar, entretanto, que muitos aludem que essa era uma convenção histórica do mundo antigo,¹⁹⁸ ou seja, era uma prática comum sem fins maliciosos. Os escritores, por exemplo, não se arrogavam de seus

¹⁸⁸ RUSSELL, David Syme. *Daniel*. Philadelphia: Westminster Press, 1981, p. 5; e BEN-SASSON, H. H. (Ed.). *A History of the Jewish People*. Tel Aviv: Dvir Publishing House, 1976, p. 299; e CHAMPLIM, Volume 1, 2011, p. 212.

¹⁸⁹ GUNDRY, Robert H. *Panorama do Novo Testamento*. 2ª Ed. São Paulo: Vida Nova, 1998, p. 36; e HORSTER, Gerhard. *Introdução e Síntese do Novo Testamento*. Curitiba: Esperança, 2008, p. 164.

¹⁹⁰ MOUNCE, 1984, p. 5.

¹⁹¹ ROLDAN, 2002, p. 72.

¹⁹² Para mais detalhes sobre os autores dos pseudônimos a partir do critério temático envolvendo saduceus, fariseus e essênios consultar a obra de BARRERA, 1999, p. 239.

¹⁹³ STEGEMANN & STEGEMANN, 2004, p. 172.

¹⁹⁴ GUNNEWEG, 2005, p. 338.

¹⁹⁵ COLLINS, 2010, p. 70; e EATON, 2000, p. 179.

¹⁹⁶ Contudo, pseudonimato não é o mesmo que anonimato, segundo SCHMIDT, 2004, p. 276.

¹⁹⁷ GOTTWALD, 1988, p. 406.

¹⁹⁸ GABEL & WHEELER, 1990, p. 126. Há indícios que essa sugestão seja originalmente de Robert Henry Charles (1855-1931), especialista em tradução de apócrifos e pseudoepígrafos, segundo COSTA, 1992, p. 36.

escritos, não queriam receber nenhum crédito pelas obras, pelos “direitos autorais”; almejavam “esconder sua identidade”,¹⁹⁹ “empregavam muito material de fontes primitivas a que, em muitos casos, davam o devido crédito”.²⁰⁰

A pseudonímia no judaísmo pós-exílico, mediante um processo de exclusão gradativa da profecia em favor de uma hierocracia sacerdotal, foi responsável também pelo deslocamento do apocalipticismo para a clandestinidade.²⁰¹ Daí os escritos serem classificados como herméticos.

2.5. A Qualificação Hermética

Por qualificação hermética pretende-se aludir a uma interpretação fechada: a apocalíptica ao mesmo tempo em que pretende revelar, também oculta.²⁰² Essa característica alude uma dupla artimanha literária. Se por um lado os símbolos podem ser familiares a alguns leitores, os mesmos elementos podem ocultar a mensagem àqueles que não estão habituados com os mesmos, reputando muitos escritos como códigos seguros em uma época hostil.

Um exame cuidadoso verificará que esse tipo de literatura, normalmente composto em períodos de grande crise nacional ou comunitária, é recheado com imagens extremamente incomuns e difíceis de interpretar.²⁰³ Tomando por exemplo o último livro canônico neo-testamentário, muitos

grupos apocalípticos interpretam o Ap em termos de realidades históricas de nosso século. Concentram-se no desvelamento das imagens – que para eles são os códigos que, por alguma razão, Deus teria empregado, deixando-nos a dura tarefa de ter de decifrar o código “divino”, com o risco de acontecer o que bem sabemos, ou seja, que cada qual o faça segundo seus preconceitos, e, porque não dizer, segundo suas conveniências ideológicas, até mesmo psicológicas.²⁰⁴

“Esse artifício fortalece a distância e mistério da revelação”.²⁰⁵ Compreender

¹⁹⁹ ROLDAN, 2002, p. 72.

²⁰⁰ COSTA, 1992, p. 36.

²⁰¹ STEGEMANN & STEGEMANN, 2004, p. 174.

²⁰² Não se pretende aqui aludir àquele elemento constante de revelação imanente que, para ser decifrada, precisa de um ser angelical ou sobrenatural interpretador (e que muitas vezes é registrada no próprio escopo), mas simplesmente ao fato da dificuldade de interpretação do que foi escrito.

²⁰³ DUE, 2007, p. 23.

²⁰⁴ ARENS & MATEOS, 2004, p. 20.

²⁰⁵ COLLINS, 2010, p. 23. Para maiores informações sobre os denominados livros secretos ver RUSSELL, 1997, p. 110-112.

o que representam as personagens apocalípticas é próprio do leitor desse gênero. Mas, uma vez perigosamente condicionado por seu tempo, sua língua e ideologias, sua interpretação dos textos da literatura apocalíptica, às vezes, serão literais,²⁰⁶ fanáticas,²⁰⁷ ou totalmente equivocadas quando relacionadas ao sentido exato das visões.

2.6. A Manifestação de Visões

Ainda que qualquer um dos sentidos humanos²⁰⁸ possa estar envolvido na eficiência simbólica da apocalíptica, a manifestação de visões vívidas e fantásticas constitui-se como um dos mais comuns elementos, senão o “principal meio de revelação”.²⁰⁹ Mesmo que possa ser enquadrada na simbologia da apocalíptica (que será exposta a seguir), a visão altamente elaborada, esotérica, é o método principal usado para se receber a mensagem.²¹⁰

Há quem diga que a visão vai além das palavras. Sugere-se que as visões destacam a veracidade do que é revelado.²¹¹ A manifestação de visões foi considerada pelos rabinos entre o 1º e o 2º século da E.C. como

“ensino secreto”, não compreensível para certas almas despreparadas [portanto, herméticas]. Como diz a Mishná: “Quem abre sua mente para quatro coisas, seria melhor que não tivesse vindo ao mundo: o que há acima? O que há abaixo? O que havia antes do tempo? O que haverá depois daqui?”²¹²

Como experiência particular daquilo que no final se sucederá, existe um destaque especial das visões revelatórias em livros ao estilo apocalipse. Eram “repletas de simbolismo e detalhes, os quais fornecem, amiúde, a chave para a interpretação do livro”.²¹³ Considere que

²⁰⁶ ARENS & MATEOS, 2004, p. 9.

²⁰⁷ COLLINS, 2010, p. 17.

²⁰⁸ GABEL & WHEELER, 1990, p. 35. As audições também eram muito populares entre profetas e apocalípticos.

²⁰⁹ COLLINS, 2010, p. 23; e COLLINS, 1979, p. 24.

²¹⁰ HALE, 1983, p. 427. Recomendo a leitura do texto “*Apocalíptica: visão ou alucinação*” (tradução minha), em STONE, 1991, p. 419-429.

²¹¹ ALFARO, Juan Ignacio. *O Apocalipse em Perguntas e Respostas*. 2ª Ed. São Paulo: Loyola, 2002, p. 11.

²¹² OTZEN, 2003, p. 215.

²¹³ COSTA, 1992, p. 38

os profetas que expressavam suas mensagens sob a forma de discurso, oralmente, enfatizavam tanto a origem como a veracidade de sua mensagem, iniciando-as mediante expressões tais como: “Assim diz Javé”, e “A palavra (ou oráculo) de Javé veio para”. Os apocalípticos, por sua vez, que expressavam suas mensagens sob a forma de “quadros” e por escrito, faziam-no oferecendo-as como fruto de visões, apresentadas como “eu vi”, “mostrou-me”. Uns falavam com termos próprios de audição, outros com termos próprios a visão. Confirma-se a credibilidade, colocando-se sua origem em Deus (que fala, que mostra).²¹⁴

Por fim, as referências às visões são mais frequentes na apocalíptica judaica do que no Antigo Testamento, mesmo entre os profetas.²¹⁵ As viagens celestiais, comuns no primeiro livro de Enoque, são próprias da transcendência que emana nas manifestações místicas da apocalíptica por visões, que muito contribuíam para a eficácia do simbolismo desse tipo de literatura.

2.7. A Eficiência Simbólica

Ora, se a compreensão depende da expectativa dos ouvintes ou leitores,²¹⁶ entre o simples e o fabuloso, entre o extraordinário paraíso de Deus no céu e os animais monstruosos que sobem do mar para a terra, os símbolos podem ser tão vívidos e realistas em suas descrições que atingem um elevado grau de eficácia nos leitores ou ouvintes, afinal, as imagens apocalípticas são “projetadas para o horizonte de um mundo que está chegando a seu fim”.²¹⁷

Encontrados tanto nos escritos apocalípticos não canônicos como nos canônicos,²¹⁸ mediante metáforas, cenários vislumbrantes, comparações, numerologia frequente, cálculos astronômicos, cores intensas, etc., os símbolos apocalípticos, conquanto fantásticos e/ou bizarros, logravam êxito em seus propósitos. Fosse ela cósmica ou terrena, a imaginação na linguagem, seja considerada “mais ou menos mirabolante e terrificante”,²¹⁹ atraía eficazmente a atenção dos leitores diante de uma “constelação de simbolismo”.²²⁰ Se

²¹⁴ ARENS & MATEOS, 2004, p. 119

²¹⁵ NOGUEIRA, 2005, p. 59; RUSSELL, 1997, p. 103-107.

²¹⁶ COLLINS, 2010, p. 27.

²¹⁷ DICIONÁRIO BÍBLICO TEOLÓGICO, 2000, p. 16.

²¹⁸ MOUNCE, 1984, p. 5.

²¹⁹ DIAS, 2006, p. 350.

²²⁰ HELM, 2009, p. 11.

um objeto ou ação concretos são usados para representar alguma coisa por meio de metáfora, é possível apartá-los do enunciado metafórico e usá-los independentemente dele, mantendo essa significação adicional onde quer que sejam usados.²²¹

Uma vez que essa é a constituição do simbolismo, na literatura apocalíptica “o escritor faz uso de símbolos para ‘revelar’ a mensagem àqueles que estão familiarizados com o processo...”.²²² Assim é validado, visto que

o meio de transmitir a verdade, dentro do misticismo, é símbolo. Um símbolo pode ser válido, sem importar que por detrás dele tenha ou não algum acontecimento físico e literal... Assim sendo, um profeta podia falar da descida ao inferno por parte de Enoque, e assim ensinar uma verdade acerca do estado das almas perdidas, sem isso significar que Enoque tenha, realmente, tenha feito tal viagem.²²³

Na literatura apocalíptica, os símbolos, às vezes, podem ser estranhos, mas isso está em linha com o lado mais escuro da psique humana.²²⁴ Por isso

o escrito apocalíptico é altamente simbólico, fazendo uso de recursos cênicos como visões do fim do mundo, êxtase e sonhos, lutas míticas ou batalhas cósmicas, estrelas e outros corpos celestes, guerreiros angélicos e anjos mensageiros, demônios e bestas quiméricas, números, cores, animais estranhos, criptônimos, pseudônimos e expressões dualistas.²²⁵

Afinal, na apocalíptica é possível se ver como se foi ou se é, ou como se pode ser, o que lembra o drama da perplexidade desesperada da humanidade dizimada em Enoque.²²⁶

2.8. A Natureza Dramática

A dramaturgia existente nos escritos apocalípticos tem o objetivo de se dirigir a imaginação, com sua vividez e figuras, para enfatizar a seriedade da mensagem e “estruturar a experiência religiosa”.²²⁷ Entre o medo e a esperança, apoiada nas experiências cotidianas, a literatura apocalíptica judaica vive basicamente da

²²¹ GABEL & WHEELER, 1990, p. 35; e RUSSELL, 1997, p. 100-102

²²² HALE, 1983, p. 427.

²²³ CHAMPLIM, Volume 1, 2011, p. 212.

²²⁴ CHAMPLIM, RUSSELL Norman. *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia – Volume 6 – S-Z*. 10ª Ed. São Paulo: Hagnos, 2011, p. 212.

²²⁵ FITZMYER, 1997, p. 60-61.

²²⁶ NICKELSBURG, 2011, p. 34

²²⁷ BERGER, 1999, p. 356.

emotividade expressiva, da descrição da alegria bem-aventurada e da dor terrível.²²⁸ Nela, os opostos se perfazem. É interessante como o pessimismo²²⁹ e o otimismo são utilizados em escopos cataclísmicos nas intervenções divinas,²³⁰ bem como “a relação entre as forças emocionais mais fortes do ser humano (medos, esperanças) e o decurso da história do mundo”.²³¹

Para exemplificar o tópico, basta imaginar um autor apocalíptico que, dramaticamente, “eleva o perseguidor de seu povo a um poder tão potente que só o próprio Deus poderá detê-lo”.²³² Esses passam a se constituir os piores dias e se tornam o prelúdio do fim, marcado por um antagonismo dualista.

2.9. O Antagonismo Dualista

Há um dualismo sutil na ordem universal: macho/fêmea, dia/noite, outono/primavera, água/terra, caos/ordem e morte/vida. Esse se revela em padrões de uma miríade de grandes e pequenos. Naturalmente, a literatura apocalíptica estendeu tal dicotomia para o transcendental, para o plano ultra-mundano,²³³ fortemente influenciada pelo “dualismo cosmológico de Zaratustra”.²³⁴

Considerada uma das principais características da literatura apocalíptica nos Manuscritos de Qumrã,²³⁵ esse componente fundamental é encontrado

na escatologia profética; há um tipo de dualismo na ética da tradição sapiencial; há um dualismo concreto na religião persa, na gnose pré-cristã e na filosofia popular greco-helenista. Todos os componentes acima são

²²⁸ BERGER, 1999, p. 357.

²²⁹ O cerne da cosmovisão apocalíptica, em poucas palavras, é uma profunda desilusão com a ordem presente, um sentimento de impotência para realizar qualquer mudança para melhor, e a convicção de que essa era sem valor está para terminar. Esse pessimismo radical quanto à história presente alia-se a um otimismo radical baseado na crença da nova era que surge e no poder que Deus tem para iniciar essa nova era e estabelecer o Reino de Deus. Encontrado em CERESKO, Anthony R. *Introdução ao Antigo Testamento numa Perspectiva Libertadora*. São Paulo: Paulus, 1996, p. 306.

²³⁰ CHAMPLIM, Volume 1, 2011, p. 213

²³¹ BERGER, 1999, p. 357.

²³² GABEL & WHEELER, 1990, p. 124.

²³³ HARLOW, Daniel C.; HOGAN, Karina Martin; GOFF, Matthew; KAMINSKY, Joel (Eds.). *The “Other” in Second Temple Judaism: Essays in Honor of John J. Collins*. Michigan: Eerdmans Publishing, 2011, p. 223-224; e YADIN, 2007, p. 28.

²³⁴ BLANK, 2008, p. 39.

²³⁵ HANSON, 1989, p. 160.

encontrados na apocalíptica. Nela o dualismo é um dos elementos essenciais da maioria do conjunto de ideias.²³⁶

Logo, entre o nada e o tudo, do céu para a terra (às vezes, para o inferno), entre o reino dos céus e o reino do mal, se apresenta um antagonismo dualista, que, de uma perspectiva vertical e horizontal foi chamado pelo exegeta neo-testamentário George Eldon Ladd de “dualismo duplo”.²³⁷

O interesse pelo mundo celestial integra-se à literatura em debate. Dividido como dois polos distintos, é aspecto essencial na apocalíptica imaginar duas forças cósmicas e duas eras contrastantes que se digladiam em dois mundos contrastantes. Eis um dualismo fatalista²³⁸ e ético entre um presente ruim e um futuro ideal.²³⁹ John Collins ressalta que tanto a revelação de outro mundo como a atividade de seres sobrenaturais são essenciais a todos os apocalipses.²⁴⁰

Explicar o antagonismo presente na composição do dualismo — como designação dos confrontos de poder — é indispensável. Nele,

primeiramente retrata-se a criação em uma luta de morte entre duas forças – uma boa e outra má – cósmicas e não meramente humanas. A humanidade se verá envolvida no conflito entre Deus e Satanás, entre os anjos e os demônios, entre a razão e o erro absolutos. Os homens poderão ser vitoriosos ou derrotados, dependendo do lado que tomarem. O pecado, por conseguinte, nunca será questão apenas humana. Trata-se da lealdade ao erro absoluto, da aprovação conferida a Satanás e às suas obras más. [Em segundo lugar,] a oposição das duas grandes forças cósmicas naturalmente envolve a oposição entre duas eras distintas. Assim é que a era presente é dominada por Satanás, ao passo que a era vindoura será governada por Deus, mediante seu Messias. A era presente envolve pecado e degradação, com a conseqüente perdição de almas; e a era vindoura envolve o domínio da justiça e do bem estar espiritual.²⁴¹

Duas forças sobrenaturais opostas (o bem e o mal) e duas eras distintas (de hoje e do porvir) são características patentes na apocalíptica.²⁴² Se finda a época presente, iníqua e sob o controle do diabo e seus demônios. Deus e seu império

²³⁶ OTZEN, 2003, p. 225.

²³⁷ LADD, George Eldon. *A Theology of New Testament – Revised Edition*. Grand Rapids: Eerdmans Publishing, 1974, p. 272. Outros consideram um dualismo cósmico, um dualismo antropológico-ético e um dualismo escatológico, conforme OTZEN, 2003, p. 225. Há quem descreva dois tipos de dualismo: um cósmico e o outro ético, conforme RUSSELL, 1997, p. 147-155.

²³⁸ MOLTSMANN, J. *Teologia da Esperança: Estudos sobre os Fundamentos e as Conseqüências de uma Escatologia Cristã*. São Paulo: Teológica, 2003, p. 176.

²³⁹ ALFARO, 2002, p. 11.

²⁴⁰ COLLINS, 2010, p. 24.

²⁴¹ CHAMPLIM, Volume 1, 2011, p. 213.

²⁴² MOUNCE, 1984, p. 3; e YADIN, 2007, p. 128; e GONZALES, Volume 1, 2004, p. 47.

transcendental de anjos prevalecerão.²⁴³

2.9.1. Os Anjos e os Demônios

Dentro dessa característica destaca-se o dualismo angelical em um conflito cósmico de grandes proporções. Na apocalíptica “existe um mundo oculto de anjos e demônios que é diretamente relevante para o destino humano... Em suma, a vida humana está limitada, no presente, pelo mundo sobrenatural de anjos e demônios”.²⁴⁴ A literatura apocalíptica

fala dos anjos de maneira muito rica, ilustrativa, e, não raro, fantástica, quase autônoma. Deles se diz praticamente tudo; origem, prova, pecado e juízo divino; seus nomes hierárquicos, muitos nomes de anjos individuais, como também suas tarefas cósmicas e antropológicas.²⁴⁵

Além de serem os intermediários e intérpretes das misteriosas mensagens divinas, os anjos indicam a dimensão transcendental da história e a soberania do plano divino,²⁴⁶ dos quais o Livro dos Vigilantes é repleto.

2.9.2. A Era Presente e a Era Vindoura

Como “característica essencial”,²⁴⁷ na apocalíptica Deus criou duas eras, não apenas uma (4 Esdras 7.50). A substituição de uma pela outra, necessariamente, é antecedida por algo ruim no tempo presente do escritor, que, expandindo atinge sua revelação máxima com a condenação e destruição desse mundo e a salvação e/ou chegada do reino de Deus. Portanto, a era presente

é totalmente má; não tem esperança; não pode reformar-se; para ela não há outro futuro que a destruição total. Os judeus, portanto, esperavam o fim das coisas tais como eram. A idade por vir seria totalmente santa e justa; seria a idade dourada de Deus; nela haveria paz, prosperidade e justiça; nela, por fim, o povo eleito de Deus seria vindicado e receberia o lugar que lhe correspondia por direito.²⁴⁸

A existência de outro mundo que é acessível para humanidade é parte

²⁴³ FITZMYER, 1997, p. 61.

²⁴⁴ COLLINS, 2010, p. 2; e COLLINS, 1979, p. 9.

²⁴⁵ LEXICON, 2003, p. 27. Sugere-se a leitura do ensaio de RUSSELL, 1997, p. 147-150.

²⁴⁶ DICIONÁRIO BÍBLICO TEOLÓGICO, 2000, p. 12.

²⁴⁷ NOGUEIRA (Ed.), 2000, p. 87-88.

²⁴⁸ COSTA, 1992, p. 29.

integrante da apocalíptica.²⁴⁹ Entre os especialistas aqui se justapõe o ensino do modelo do duplo “eón”,²⁵⁰ a saber: o mundo que vem e o mundo que passa.²⁵¹ Essa distinção

entre o eón de Deus e o eón do mundo [é] feita pela apocalíptica judaica... que contrapõe o eón presente, caracterizado pela injustiça e pelo pecado e submetido à influência do maligno, ao eón futuro, caracterizado, ao contrário, pela justiça, pelo bem, pela felicidade, pela vida.²⁵²

A sequência temporal dos “éons” está fixada desde o início e a história desenrola, sucessivamente, um plano fixo de Yahweh.²⁵³ As duas eras não são apenas épocas temporais, mas duas ordens ou realidades cósmicas distintas.²⁵⁴

A maneira apocalíptica de entender o tempo e o mundo não importa para a proclamação se o tempo anunciado já está totalmente presente ou se ainda está vindo, pois, desde já, ele é nova realidade que deslumbra o mundo, esse e o porvir.²⁵⁵ A ideia é de substituição: “a nova era é uma segunda realidade que há de substituir a presente era de impiedade e opressão”.²⁵⁶ O primeiro livro de Enoque estabelece o “esvaecer do primeiro céu e da primeira terra”.²⁵⁷ O cosmos será recriado, o que representará a chegada do chamado reino de Deus. Porém, essa já é outra característica perceptível da literatura apocalíptica a ser desenvolvida a seguir.

2.10. A Recriação do Cosmos

Própria da apocalíptica, a crença da vitória eventual do mundo vindouro

²⁴⁹ COLLINS, 1979, p. 9; e RUSSELL, 1997, p. 141-147.

²⁵⁰ Do grego “aiôn” (αἰών), que traduz o hebraico “holan” (חֹלָן) significando em alguns casos “tempo muito longo, eternidade, antiguidade”; e em outros “era, idade, século”. Traduções a partir de GINGRICH & DANKER, 1984, p. 14; e STRONG, James. *Dicionário Bíblico Strong: Léxico Hebraico, Aramaico e Grego de Strong*. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2002. No lugar de “eóns”, alguns sugerem o termo “milênios” para a periodização da história, conforme BLANK, 2008, p. 49.

²⁵¹ MOLTSMANN, 2005, p. 179; e OTZEN, 2003, p. 256.

²⁵² LEXICON, 2003, p. 234; e NOGUEIRA (Ed.), 2000, p. 86.

²⁵³ MOLTSMANN, 2005, p. 175.

²⁵⁴ BOER, Martinus de. *A Influência da Apocalíptica Judaica sobre as Origens Cristãs: Gênero, Cosmovisão e Movimento Social*. Disponível em: <http://editora.metodista.br/textos_disponiveis/er19cap1.pdf> Acesso em: 27 ago. 2012.

²⁵⁵ BERGER, 1984, p. 210.

²⁵⁶ DICIONÁRIO BÍBLICO TEOLÓGICO, 2000, p. 17.

²⁵⁷ BERGER, 1984, p. 274.

sobre o mundo presente, a infalível recriação do cosmos, o triunfo divino e a separação entre bem e o mal constituem um conceito denominado de “determinismo”.²⁵⁸

A tarefa da literatura apocalíptica também consistia de revelar o plano de Deus para o mundo e predizer o fim dessa época e a irrupção de uma idade futura.²⁵⁹ A salvação escatológica é a contrapartida positiva do julgamento escatológico. Como o julgamento, é sempre trazido por meios sobrenaturais, o que pode envolver: transformação cósmica (renovação do mundo), salvação pessoal (mediante ressurreição), e exaltação para o céu com os anjos,²⁶⁰ mediante um Messias.²⁶¹ Na apocalíptica a ressurreição dos mortos é “meramente um ato nos grandes eventos apocalípticos do fim”²⁶² e as revelações apocalípticas sobre ajuda vinda por um salvador humano, um Messias,²⁶³ são próprias do gênero.

Destarte, consolando numa época de aflição e incentivando a perseverança, a expectativa apocalíptica do fim com seu horizonte universal, conta com um tipo de salvação dos justos pela destruição desse mundo e pela criação de um outro totalmente novo, que acabará com as situações terrestres anteriores e as transformará.²⁶⁴

²⁵⁸ Em outras palavras, a crença que os eventos e o tempo do fim estão predeterminados. Subscvem esse conceito LADD, George Eldon. *A Commentary on the Revelation of John*. Michigan: Eerdmans Publishing, 1972, p. 136; e MOUNCE, 1984, p. 3; e CHAMPLIM, Volume 1, 2011, p. 213; e MOLTMANN, 2005, p. 175; e BLANK, 2008, p. 46-47. O dualismo torna-se radical no momento em que o julgamento se torna universal e, finalmente, cósmico. Esse é o senso de determinismo conforme HANSON, 1989, p. 160, 406.

²⁵⁹ FITZMYER, 1997, p. 61

²⁶⁰ COLLINS, 1979, p. 7.

²⁶¹ O messianismo não foi abordado em virtude de ser um tema assaz profundo, que merece um trabalho à parte. Todavia, deve-se ver o messianismo como parte integrante da apocalíptica judaica. Há um excelente material sobre o tema na obra de OTZEN, 2003, p. 269-276; e NEUSNER, Jacob & AVERY-PECK, Alan J. (Ed.). *George W. E. Nickelsburg in Perspective: An Ongoing Dialogue of Learning – Volume Two*. Danvers: Brill Academic Pub, 2003, p. 61-104; e AUNE, David E. *The Westminster Dictionary of New Testament & Early Christian Literature & Rhetoric*. Kentucky: John Knox Press, 2003, p. 49; e GABEL & WHEELER, 1990, p. 149; e BOCCACCINI, Gabrielle (Ed.). *Enoch and the Messiah Son of Man: Revisiting the Book of Parables*. Michigan: Eerdmans Publishing, 2007; e COLLINS, Adela Yarbro & COLLINS, John J. *King and Messiah as Son of God: Divine, Human, and Angelic Figures in Biblical and Related Literatures*. Michigan: Eerdmans Publishing, 2008.

²⁶² VON RAD, 2001, p. 407.

²⁶³ NICKELSBURG, 2011, p. 30. Mais informações em RUSSELL, 1997, p. 155-168.

²⁶⁴ DICIONÁRIO BÍBLICO TEOLÓGICO, 2000, p. 264, 363.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS DO CAPÍTULO

É mister que esse capítulo tenha revelado a riqueza histórica e literária inerentes à literatura apocalíptica. Com efeito, alguns exageram em ver a apocalíptica como a mãe da teologia cristã²⁶⁵ ou como o único “fator controlador” da literatura neo-testamentária.²⁶⁶ Contudo, é preciso reconhecê-la como um importante auxílio para o estudo dos canônicos e não canônicos, dos apocalipses, da escatologia e do apocalipticismo. O desafio é não preteri-la, mas compreendê-la, afinal, é uma literatura resultante de diversas perseguições e fontes, repleta de conteúdo abrangente e significativo para a compreensão do pensamento apocalíptico e da esperança judaica.

No entanto, a esperança desses escritos não chegou a se materializar e, aparentemente, cessou-se a publicação de obras de natureza apocalíptica.²⁶⁷ Se perfaz entre muitos, daí, o conceito que “o cristianismo não teria sido uma religião mundial se não tivesse nascido junto com a apocalíptica judaica”.²⁶⁸

Eis um gênero literário nascido na privação do falar, isto é, ascendeu no período judaico silencial de vozes proféticas, o período intertestamentário. Foi assim que, durante tempos de severa perseguição, livros apocalípticos surgiram na ausência de um profeta para responder a pergunta: “por que o justo sofre?”.²⁶⁹ Por essa e outras razões é que essa literatura recebeu designativos tais como “Tratados para o Tempo de Angústia”, “Panfletos para Tempos Difíceis”, “Um Evangelho Para os Maus Tempos”, e outros.²⁷⁰ Não é sensato repudiá-la.

²⁶⁵ COLLINS, 2010, p. 17; e FABRIS, 1993, p. 348; e RUSSELL, 1997, p. 12.

²⁶⁶ MORRIS, 1973, p. 9.

²⁶⁷ GUNDRY, 1998, p. 37.

²⁶⁸ OTZEN, 2003, p. 288.

²⁶⁹ HALE, 1983, p. 311. Daí a expressão “livros de incentivo” em EATON, 2000, p. 179.

²⁷⁰ Designações de Robert Balgarnie Young Scott, Ladd e Russell, respectivamente. Conforme COSTA, 1992, p. 31.

CAPÍTULO II

O LIVRO DOS VIGILANTES

A linguagem apocalíptica é fértil e, com efeito, as obras que dela se utilizaram semearam muitas das características apontadas no capítulo anterior no corpo de seus escritos, enraizando um gênero literário, produzindo inúmeros registros apocalípticos e fomentando leitores à busca pelo sentido de seu tempo e de outro por vir. Assim, surgindo no passado, manifesta-se ascendentemente no presente, tornando-se um tema atual e digno de consideração. É “o alvorecer de uma nova era apocalíptica [...] uma renovação do interesse em movimentos apocalípticos do passado”.²⁷¹

Uma dessas produções espetaculares é o Livro dos Vigilantes,²⁷² parte integrante inicial do pseudoepígrafo²⁷³ livro de Enoque, o escrito pseudônimo etíope. Considerando a literatura apocalíptica cultivada nessa primeira porção do livro, o intuito dos tópicos posteriores será escavar o farto conteúdo literário do Livro dos Vigilantes para a compreensão exata dos textos que o compõem. Preliminarmente, o discernimento de algumas noções elementares do Livro de Enoque e do Livro dos Vigilantes são indispensáveis e serão abordados a seguir.

1. O PRIMEIRO LIVRO DE ENOQUE²⁷⁴

Respeitado como patrimônio judaico essencial, o primeiro livro de Enoque é

²⁷¹ HANSON, 1989, p. 2. Como Russel subscreve, o objetivo é ser uma das sérias tentativas em “resgatar” a apocalíptica da posição precária e desacreditada em que se manteve por muito tempo, mas como um rico veio a ser explorado pra compreender melhor tanto o Judaísmo como o Cristianismo. Para tanto, ele prescreve, pelo menos, três razões para o renascer do interesse na apocalíptica em RUSSELL, 1997, p. 8, 10-17.

²⁷² É preciso esclarecer que a maioria das obras que aparecem nas discussões da literatura apocalíptica judaica não foram designadas como apocalipses na Antiguidade, sendo a primeira o “*apokalypsis*” canônico de João, de acordo com COLLINS, 2010, p. 20.

²⁷³ Nickelsburg esclarece que esse termo era aplicado a qualquer outra literatura judaica não canônica, embora nem toda ela seja escrita sob um nome fictício. Conquanto critique esse conceito no mesmo livro (p. 36), relembra que alguns ignoram o fato de que existem apócrifos e certos escritos canônicos que também sejam pseudônimos (Tobias e Sabedoria de Salomão, por exemplo), conforme NICKELSBURG, 2011, p. 35.

²⁷⁴ Uma vez que a natureza geral das fontes será bibliográfica, a fonte primária do livro enoquico será a tradução da obra publicada por RODRIGUES, 2004, p. 260-275; bem como observações pertinentes de CHARLESWORTH, 2011, p. 5-90.

reconhecido como o exemplo primário de um apocalipse²⁷⁵ e como a maior obra apocalíptica fora da bíblia cristã.²⁷⁶ Entre as principais enunciações sobre a literatura apocalíptica, os especialistas definiram a obra como um conjunto de grandes seções apocalípticas.²⁷⁷

Da mesma forma, é considerado uma longa compilação de lendas sobre eventos e elementos das escrituras judaicas.²⁷⁸ Tais tradições pseudoenóquicas,²⁷⁹ de fato, se constituem um dos escritos mais relevantes da apocalíptica judaica,²⁸⁰ já que a obra é julgada o apocalipse judeu mais antigo²⁸¹ e uma das literaturas extremamente populares no cristianismo remoto.²⁸² Portanto, o primeiro livro de Enoque é marco e estímulo ao estudo moderno da literatura apocalíptica,²⁸³ que aqui se pretende realizar. Não é sem receio que é denominado um “*best-seller*” do passado²⁸⁴ com foco na erradicação do mal e injustiça na Terra mediante o julgamento divino e o estabelecimento de uma nova era.²⁸⁵

A pesquisa diligente, abrangendo o nome de Enoque, encontrará muitos textos relacionados ao patriarca bíblico. Ao menos, uma tríplice distinção necessita ser postulada: 1, 2 e 3 Enoque. Decerto, as três obras devem ser distinguidas uma das outras. Entenda: o designado “1 Enoque” é a versão etíope,²⁸⁶ conhecida como a

²⁷⁵ KNIBB, 2009, p. 17.

²⁷⁶ NICHOLAS, 2007, p. 15. Evidencia-se ainda que nenhum livro apocalíptico adquiriu condição de deuterocanônico, embora a comunidade de Qumrã considerasse Enoque como canônico. Alguns grupos de cristãos, como a igreja da Etiópia, mostravam também clara tendência em reconhecer a literatura enóquica como texto canônico, segundo BARRERA, 1999, p. 207.

²⁷⁷ NOGUEIRA, 2005, p. 59; e METZGER, Bruce M. & COOGAN, Michael D. (Org.). *Dicionário da Bíblia – Volume 1: As Pessoas e os Lugares*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda., 2002, p. 108.

²⁷⁸ GABEL & WHEELER, 1990, p. 161.

²⁷⁹ NICKELSBURG, 2011, p. 99; e RUSSELL, 1997, p. 62.

²⁸⁰ LEXICON, 2003, p. 39.

²⁸¹ KNIBB, 2009, p. 24.

²⁸² FABRIS, 1993, p. 48; e ARENS & MATEOS, 2004, p. 57.

²⁸³ COLLINS, 2010, p. 75.

²⁸⁴ KONINGS, Johan & KRULL, Waltraud. *Cartas de Tiago, Pedro, João e Judas – A Bíblia Passo-a-Passo*. São Paulo: Loyola, 1995, p. 91.

²⁸⁵ NICKELSBURG, George W. E. & VANDERKAM, James C. *1 Enoch: the Hermeneia Translation*. Minneapolis: Fortress Press, 2012, p. 1.

²⁸⁶ Tradução que se descobriu na Etiópia em 1769. Desde então, surgiram numerosos manuscritos gregos e, posteriormente, aramaicos entre os Manuscritos do Mar Morto, como destaca RUSSELL, 1997, p. 63-64.

mais completa e grande coleção de registros apocalípticos.²⁸⁷ O “2 Enoque” é uma tradução eslavônica, de data imprecisa, doravante denominada “Os Segredos de Enoque”. Enfim, o “3 Enoque” é uma obra hebraica escrita entre 500 E.C. e 600 E.C., sendo uma reunião heterogênea de materiais cabalísticos.²⁸⁸ Para uma melhor compreensão das diferenças elementares veja a tabela abaixo:

Livro	Origem	Data
1 Enoque	Etíope ²⁸⁹	250 a.E.C. a 175 a.E.C.
2 Enoque	Eslavônica ²⁹⁰	100 E.C. a 600 E.C.
3 Enoque	Hebraica/Aramaica ²⁹¹	500 E.C. e 600 E.C.

O foco desse estudo é a obra etíope. Ora, se “em todos os apocalipses judaicos o receptor humano é uma figura venerável do passado distante”,²⁹² o avanço da pesquisa depende do conhecimento da figura que dá nome a obra, o pseudônimo Enoque.

1.1. A Figura de Enoque

Enoque pode ser conhecido por diferentes perspectivas. Atentando-se às principais, a linha de pesquisa ideal envolverá a descrição do filho de Jared e a partir

²⁸⁷ Nenhuma seção de 1 Enoque como hoje o temos pode ser datada de antes da era helenística, apesar de sem dúvidas beber de tradições mais antigas, salienta COLLINS, 2010, p. 75-76; e FABRIS, 1993, p. 45.

²⁸⁸ METZGER & COOGAN, 2002, p. 108.

²⁸⁹ Do aramaico, o texto foi traduzido para o grego e após para o Ge'ez, a língua da Etiópia antiga, segundo CHARLESWORTH, 2011, p. 6; e NICKELSBURG, 2011, p. 99-100. São 49 manuscritos aproximadamente, conforme DAVILA, James R. *The Provenance of the Pseudepigrapha: Jewish, Christian, or Other?* Danvers: Brill Academic Pub, 2005, p. 133; e TERRA, 2012, p. 9. É necessário lembrar que em 2010 o pesquisador e doutorando pela Universidade de Durham, ENG, Ted Erho, descobriu o segundo manuscrito etíope mais antigo do mundo nos arquivos do Hill Museum & Manuscript Library. Disponível em <http://www.hmml.org/news10/emml_mss.htm>. Acesso em: 03 abr. 2013.

²⁹⁰ Mais detalhes em NICHOLAS, 2007, p. 14; e METZGER & COOGAN, 2002, p. 108. Provavelmente, o texto original devia ser grego, conforme SZÖNYI, GYÖRGY E.. *Promiscuous Angels: Enoch, Blake, and a Curious Case of Romantic Orientalism*. Romanian Journal of English Studies. Timisoara: Universitatea de Vest, Vol. 8, 2011, p. 39.

²⁹¹ NICHOLAS Jr., 2007, p. 14-15; e RUSSELL, 1997, p. 63-64.

²⁹² COLLINS, 2010, p. 23.

das escrituras canônicas judaicas, do Novo Testamento cristão, da tradição israelita registrada no “*Midrash*”²⁹³ e os mitos que levam seu nome.²⁹⁴

Começando literalmente do princípio, o Gênesis canônico registra que

Jarede viveu cento e sessenta e dois anos e gerou a Enoque. Depois que gerou a Enoque, viveu Jarede oitocentos anos; e teve filhos e filhas. Todos os dias de Jarede foram novecentos e sessenta e dois anos; e morreu. Enoque viveu sessenta e cinco anos e gerou a Metusalém. Andou Enoque com Deus; e, depois que gerou a Metusalém, viveu trezentos anos; e teve filhos e filhas. Todos os dias de Enoque foram trezentos e sessenta e cinco anos. Andou Enoque com Deus e já não era, porque Deus o tomou para si.²⁹⁵

Esse registro faz de Enoque o patriarca do Antigo Testamento que não morreu. Observa-se que a espiritualidade (o andar com Deus) e a longevidade de Enoque são assinaladas, visto que aos 365 anos ele já não era, não existia no mundo visível, porque Deus o tomara para si. Desse ponto em diante o Antigo Testamento não menciona outras informações sobre Enoque em nenhum outro texto,²⁹⁶ com exceção do livro canônico católico de Eclesiástico (44.16 e 49.16).

Outrossim, há três referências ao patriarca no Novo Testamento: uma puramente genealógica (Lc 3.37), outra envolvendo a espiritualidade do filho de Jarede (Hb 11.5)²⁹⁷ e uma terceira presumível citação da pseudoepígrafa obra de Enoque na epístola de Jd 1.14-15,²⁹⁸ ao descrever que

²⁹³ O *Midrashim* (heb.) envolve a investigação e estudo da história israelita desenvolvida pela tradição oral a partir do século 1º a.E.C. até o século 5º E.C.

²⁹⁴ Há muitas menções de Enoque em outros escritos apócrifos e pseudoepígrafos. Ao lado do profeta Daniel, o pseudoenoque marcou profundamente a literatura no período do Segundo Templo, especialmente a apocalíptica, conforme ENNS & LONGMAN III, 2008, p. 850-851; e BOCCACCINI, Gabriele. *Enoch and Qumran Origins: New Light on a Forgotten Connection*. Michigan, EUA: Grand Rapids, 2005, p. 139. Há uma excelente coletânea de perspectivas sobre Enoque na obra de ORLOV, Andrei A. *The Enoch-Metatron Tradition: Texts and Studies in Ancient Judaism*. Tubingen: Mohr Siebeck, 2005, p. 40-85.

²⁹⁵ ALMEIDA, João Ferreira de (Tr.). *Bíblia Sagrada Revista e Atualizada*. 2ª Ed.. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil & Cultura Cristã, 1999, p. 6-7, Gênesis 5.18-24.

²⁹⁶ Esse Enoque, filho de Jarede (Gênesis 5.18-24; I Crônicas 1.3), não deve ser confundido com outros Enoques descritos na bíblia cristã, como o filho mais velho de Caim (Gênesis 4.17), o terceiro filho de Midiã (Gênesis 25.4; I Crônicas 1.33) e o filho mais velho de Rúben (Gênesis 46.9; Êxodo 6.14; Números 26.5; I Crônicas 5.3).

²⁹⁷ “Pela fé, Enoque foi trasladado para não ver a morte; não foi achado, porque Deus o trasladara. Pois, antes da sua trasladação, obteve testemunho de haver agradado a Deus”. Em ALMEIDA, 1999, p. 241, Hebreus 11.5.

²⁹⁸ Recomendo o artigo de CAVALCANTE FILHO, Jairo Paes. *Judas e Enoque*. Nele, o autor examina o único manuscrito grego conhecido do livro etíope de Enoque que contém essa passagem, encontrando evidência positiva sobre um original aramaico ou hebraico, mas questionando uma citação literal por Judas. Disponível: <<http://www.oracula.com.br/numeros/201201/cavalcantefilho.pdf>> Acesso em: 31 jul. 2012.

Quanto a esses foi que também profetizou Enoque, o sétimo depois de Adão, dizendo: Eis que veio o Senhor entre suas santas miríades, 15 para exercer juízo contra todos e para fazer convictos todos os ímpios, acerca de todas as obras ímpias que impiamente praticaram e acerca de todas as palavras insolentes que ímpios pecadores proferiram contra ele.²⁹⁹

Daí Reed certificar que “a brevidade do comentário bíblico contrasta fortemente com a riqueza de tradições sobre Enoque no Judaísmo e Cristianismo”.³⁰⁰

Além das Escrituras cristãs do Antigo e Novo Testamentos, a tradição poética e/ou espiritual judaica faz menção do patriarca Enoque. O “*Midrash*” descreve o nome da mulher de Enoque, Edni.³⁰¹ Informa ainda que ele passou anos “escondido com os anjos antes de ser levado para o céu”.³⁰² Ao que parece, foi dessa alusão extra-bíblica que a “especulação de Enoque se desenvolveu”,³⁰³ uma vez que “essa lenda é expressa em uma vasta tradição de escritos que se desenvolveu entre 300 [a.E.C.] e 300 [E.C]. Tais escritos celebram e expandem a ascensão de Enoque aos céus e dão conta de suas experiências ali”.³⁰⁴ Foi assim que Enoque atraiu intenso interesse dentro do Judaísmo, se tornando

um escriba, sábio e até mesmo cientista. Como visionário ele é levado ao céu e viaja com anjos para as extremidades da terra. Como testemunha e profeta ele exorta contra o pecado, prevê a história de Israel e, até mesmo, intercede pelos anjos perversos.³⁰⁵

Dentre muitos mitos que implicam o nome de Enoque, destaca-se sua ligação enigmática com Enmeduranki (ou Enmeduranna), um dos reis sumérios.³⁰⁶

²⁹⁹ ALMEIDA, 1999, p. 261, Judas 1.14-15.

³⁰⁰ REED, 2005, p. 1.

³⁰¹ O Livro dos Jubileus (4.20), um pequeno apócrifo datado do século 2º a.E.C., ressalta que Edni ou Edna teria sido filha de Daniel, irmão do pai de Enoque. Encontrado em LUMPKIN, Joseph B. *Books Banned, Rejected and Forbidden*. Alabama: Fifth State Publishers, 2008, p. 146.

³⁰² Há paralelos para esse tema em fontes gregas e do Oriente próximo, sendo que a imagem posterior de Enoque como um sábio e vidente onisciente provavelmente deve-se mais a Babilônia do que a ideias israelitas, de acordo com METZGER & COOGAN, 2002, p. 108.

³⁰³ COLLINS, 2010, p. 77.

³⁰⁴ REED, Volume 1, 2002, p. 22; e FREEDMAN, 2000, p. 408; e NICHOLAS, 2007, p. 14; e LOADER, Willian. *Enoch, Levi and Jubilees on Sexuality: Attitudes Towards in the Early Literature, the Aramaic Levi Document, and the Book of Jubilees*. Michigan: Eerdmans Publishing, 2007, p. 5; e BOCCACCINI, Gabriele & IBBA, Giovanni. *Enoch and the Mosaic Torah: the Evidence of Jubilees*. Michigan: Grand Rapids, 2009, p. 167; e STONE, 1991, p. 98; e HARLOW et al., 2011, p. 263; e AUNE, 2003, p. 147; e SACCHI, Paolo. *The History of the Second Temple Period*. New York: T & T Clark, 2004, p. 429; e AUFFARTH, Christopher & STUCKENBRUCK, Loren (Eds.). *The Fall of the Angels*. Lieden: Brill Academic Pub, 2004, p. 87-89; e COLLINS, John Jerome (ou COLLINS, Jack). *Worthless Mysteries: Forbidden Knowledge, Culture Heroes, and Enochic Motif of Angelic Instruction*. Michigan: UMI Dissertation Publishing, 2011, p. 7-8, 12; e SZÖNYI, 2011, p. 39.

³⁰⁵ REED, 2005, p. 1.

³⁰⁶ Há um excelente tratado sobre Enoque e Enmeduranki na obra de ORLOV, 2005, p. 29-39.

Considerando o lugar do patriarca na lista canônica dos descendentes de Adão e Eva, o sétimo, a figura de Enoque é eventualmente posta ao lado Enmeduranki, que na “Lista dos Reis Sumérios”, também é o sétimo e fundador da guilda de *bārûs*, os chamados receptores de revelações ou “adivinhos babilônicos”.³⁰⁷ Note a comparação na tabela abaixo:³⁰⁸

Comparação		
Lista	Linhagem de Adão	Lista dos Reis Sumérios
Nome	Enoque	Enmeduranki
Descendência	7º depois de Adão	7º Rei Sumério
Astrologia ³⁰⁹	Associado ao calendário solar, pelos 365 anos de vida	Governava a cidade de Sippar, centro do culto a <i>Shamash</i> , o deus sol
Revelação	Recebeu diversas revelações em suas jornadas celestiais	Fundou uma guilda de receptores de revelação

Explicando-se a tabela acima, observa-se que o Gênesis canônico descreve Enoque com 365 anos, que pode ser uma clara referência ao ano solar de 365 dias.³¹⁰ Também Enmeduranki estava associado ao deus solar sumério “*Shamash*”. Igualmente, o motivo de traslado de Enoque ao céu, sem passar pela morte, segue o modelo dos heróis dos relatos de origem mesopotâmica sobre o dilúvio universal, “*Utnapishtim*”.³¹¹ Como se acreditava, sempre “o sétimo rei era levado para a

³⁰⁷ COLLINS, 2010, p. 52; e HELYER, 2002, p. 85; e BOCCACCINI & COLLINS, 2007, p. 142.

³⁰⁸ Tabela comparativa criada a partir das informações de COLLINS, 2010, p. 77; e BERGANT & KARRIS, 2001, p. 64.

³⁰⁹ Alguns consideram que Enoque é o Atlantes dos gregos, o inventor da astrologia e responsável pela transmissão de todos esses conhecimentos que aprendeu dos anjos aos seus pósteros, conforme COLLINS, 2000, p. 49; e FABRIS, 1993, p. 39; e RUSSELL, 1981, p. 38. Curiosamente, o livro apócrifo dos Jubileus (4.17-18) ressalta que Enoque foi o primeiro entre os homens que aprendeu a escrever o conhecimento e sabedoria, que anotou os sinais dos céus, segundo a ordem de seus meses num livro, que os homens pudessem conhecer as estações do ano de acordo com a ordem de seus meses separados. Encontrado em LUMPKIN, 2008, p. 146; e FABRIS, 1993, p. 49.

³¹⁰ Nesse escopo, recomendo a leitura do artigo de LEITE, Edgard. *A Tradição Apocalíptica e as Origens da Cosmologia Rabínica*. Disponível em: <<http://www.oracula.com.br/numeros/022010/01-leite.pdf>> Acesso em: 31 jul. 2012.

³¹¹ Para maiores informações conferir BARRERA, 1999, p. 535.

companhia dos deuses”.³¹² Portanto, o pseudoenoque posto ao lado de Enmeduranna nessa estrita comparação, por certo, confere a seguinte conclusão: evidentemente, o sétimo homem bíblico imita o sétimo homem mesopotâmico.³¹³

Diante desses relatos, não há dúvidas de que um pseudônimo tal como Enoque agregava autoridade ao escrito,³¹⁴ visto que era reconhecido unanimemente como autoridade profética³¹⁵ bíblica ou extra-bíblica. Afinal ele é

o sábio a quem os anjos dão a conhecer os segredos dos céus e da ordem natural; é autoridade reconhecida na ciência astronômica e na habilidade de fazer cálculos de calendário tão importantes para o ritual sacerdotal; é sacerdote que intercede em favor dos anjos decaídos; é escriba celeste, responsável pelos relatos divinos no Dia do Julgamento, e é chamado com o nome “filho de homem”.³¹⁶

Desse ponto, encaminha-se a necessidade de verificar o conteúdo recopilado do livro atribuído ao patriarca.

1.2. Os Aspectos do Livro de Enoque

É curioso o nome “Enoque” (“*hanowk*”, heb.) poder significar “instruído” (a partir do verbo no *Qal*, “*hanak*”, heb.), visto que, resumidamente, o conteúdo do livro etíope atribuído ao filho de Jaredé é pura instrução. Ensino que, provavelmente, deu origem ao denominado “judaísmo enoquita”³¹⁷ e que fora excluído do cânon judeu em Jamnia (90 E.C.).³¹⁸ Ainda assim, tal circunstância não pode impedir que a apocalíptica, a língua original, a origem da composição (autores

³¹² BERGANT & KARRIS, 2001, p. 64.

³¹³ As comparações vão além de ambos os homens, altercando com Utuabzu, o sétimo sábio, contemporâneo de Enmeduranki, que foi levado aos céus, bem como a epopeia de Gilgamesh (11, 190-196) em sua relação com o herói mesopotâmico. Mais detalhes podem ser observados em COLLINS, 2010, p. 78-79; DeCONICK, April D. (Ed.). *Paradise Now: Essays on Early Jewish and Christian Mysticism – Symposium Series*. Atlanta: Society of Biblical Literature, 2006, p. 250; e DICIONÁRIO BÍBLICO TEOLÓGICO, 2000, p. 30.

³¹⁴ COLLINS, John J. *Daniel with Introduction to Apocalyptic Literature*. Michigan: FOTL, Volume XX, 1999, p. 22; e COLLINS, 2010, p. 70.

³¹⁵ LEXICON, 2003, p. 40.

³¹⁶ RUSSELL, 1997, p. 62-63.

³¹⁷ Mais detalhes sobre a vertente judaica sob a influência enoquita, bem como as opiniões sobre a zadoquita ver a obra de BOCCACCINI, 2005, p. 336-342. Confira ainda o elucidado sub-tópico na obra de TERRA, 2012, p. 65-72 e a esquematização adaptada do mesmo autor nos Anexos “A” e “B” dessa dissertação.

³¹⁸ LADD, John D. *Commentary on the Book of Enoch: Commentary and Paraphrase*. Flórida: Xulon Press, 2008, p. 31; e GABEL & WHEELER, 1990, p. 155-156; e CULLMANN, Oscar. *A Formação do Novo Testamento*. 11ª Ed. São Leopoldo: Sinodal, 2001, p. 78.

e locais) e divisões literárias sejam investigadas para se estabelecer as bases das instruções da obra.

Inicialmente, sabe-se que a literatura apocalíptica e o livro de Enoque não podem ser desassociados. Segundo os arqueólogos, na obra devem-se destacar as evidências do movimento denominado “religião apocalíptica”.³¹⁹ Os primeiros apocalipses, de fato, se encontram nela. Segundo Benedikt Otzen, doutor em teologia e professor de exegese do Antigo Testamento na Universidade de Aarhus, Dinamarca,

as pessoas que organizaram os livros de Henoc na Antiguidade provavelmente reuniram as narrativas de Henoc que estavam em circulação; pode ser que tenham acreditado que elas fossem baseadas na descrição da própria experiência de Henoc durante sua jornada ao céu. Mas mesmo que esse não tenha sido o caso, seu objetivo era a produção de um artifício piedoso.³²⁰

Não obstante, nenhuma teoria tem convencido unanimemente quanto à língua, datação ou proveniência desses variados escritos.³²¹ É possível, mas apenas hipotético, que a literatura de Enoque tenha se originado em conventículos,³²² círculos apocalípticos marginalizados.³²³ O único dado claro é sua origem na Judeia, sendo utilizado em Qumrã antes do período cristão,³²⁴ por volta do século III a.E.C.,³²⁵ tendo como contexto natural a diáspora Oriental.³²⁶

Em virtude dos textos serem situados em tempos primordiais, as tentativas

³¹⁹ COLLINS, 2010, p. 67, 51.

³²⁰ OTZEN, 2003, p. 209-210.

³²¹ CHARLESWORTH, 2011, p. 6; REED, Volume 1, 2002, p. 2; e KNIBB, 2009, p. 18; e PROPHET, Elizabeth Clare. *Fallen Angels and the Origins of Evil: Why Church Fathers Supressed the Book of Enoch and its Starling Revelations*. Gardiner: Summer University Press, 2000, p. 17; e ABEGG Jr., Martin; FLINT, Peter; ULRICH, Eugene. *The Dead Sea Scrolls Bible*. New York: HarperCollins Publisher, 1999, p. 481.

³²² COLLINS, 2010, p. 68. Os conventículos eram comunidades pequenas e fechadas na periferia da sociedade, onde se mergulhava nos escritos proféticos tentando entendê-los e interpretá-los como uma mensagem dirigida à sua própria situação, de acordo com OTZEN, 2003, p. 218. Russell apresenta uma seção interessante em seu livro acerca das origens do primeiro livro de Enoque. Para ele, a obra é a recordação de um grupo conservador judeu cuja raízes podem ser bem anteriores à época macabaica e à composição do próprio livro no terceiro século a.E.C., talvez até mesmo ao período do primeiro templo antes do exílio babilônico. Detalhes em RUSSELL, 1997, p. 69.

³²³ STEGEMANN & STEGEMANN, 2004, p. 174; e OTZEN, 2003, p. 210.

³²⁴ CHARLESWORTH, 2011, p. 7-8.

³²⁵ REED, Volume 1, 2002, p. 2. Apesar do amplo material, representando numerosos períodos e autores, descobrir de onde surgiram os textos é uma missão impossível, conforme CHARLESWORTH, 2011, p. 6; e CHARLES, R. H. *Book of Enoch: Together with a Reprint of the Greek Fragments*. Montana: Kessinger Publishing, 1995, p. 10.

³²⁶ COLLINS, 2010, p. 79.

de determinar o lugar histórico concreto dessa composição sempre estará aquém das expectativas de certeza absoluta.³²⁷ Todavia, o que se pode salientar? A história mais próxima do “*Mashafa Henok Nabiyy* (‘Livro de Enoque o Profeta’),³²⁸ pode ser vista assim:

Depois de ter sido banido do cristianismo ocidental no século IV, o Livro de Enoque praticamente desapareceu de circulação e, confirmadamente, só reaparece em 1773, quando o viajante e explorador escocês James Bruce³²⁹ traz três cópias da Etiópia³³⁰ doa uma à Biblioteca do Rei da França, em Paris, outra à Biblioteca Bodleian, em Oxford e fica com uma. A partir do século XIX começam a surgir traduções de Enoque [como as de Richard Laurence (1821, 1837, 1838, 1839), A. Dillmann (1851), J. T. Milik e J. Flemming (1902), R. H. Charles (1906) e Michael Knibb (1978)³³¹] e seu conteúdo passa, portanto, a ser divulgado nos círculos eruditos da Europa. [...] Em 1886, uma missão arqueológica francesa encontrou em Akhmim (a antiga Panópolis), no Egito, duas cópias gregas de Enoque. [...] Depois disso, outros fragmentos em grego foram encontrados, e mais importante ainda, nas cavernas de Qumran dezenove cópias de Enoque em aramaico foram descobertas.³³²

Outrossim, é extremamente difícil para qualquer especialista afirmar com exatidão a língua dos manuscritos originais para expressar esse corpo de escritos. A partir das versões aramaica, etíope, grega³³³ e latina, se aplica o uso do hebraico ou o aramaico como linguagem original. Porém, muitos eruditos atestam que 1 Enoque é como Daniel, composto em parte por aramaico (como os fragmentos encontrados em Qumrã) e outra parte em hebraico. Esse último conceito poderá ser o consenso

³²⁷ NICKELSBURG, 2011, p. 108.

³²⁸ REED, Volume 1, 2002, p. 1; e REED, 2005, p. 3.

³²⁹ Para uma pesquisa ampliada da obra e vida de James Bruce sugiro o artigo de CARRETERO, Carlos Santos. *James Bruce, Tireless Traveler and Revitalizer of Jewish Apocalyptic*. Gaceta de Estudios del Siglo. Salamanca: Editorial Delirio, XVIII, Vol. 1, 2013.

³³⁰ Em suas viagens à região da Abysinnia, entre 1769 e 1772, conforme o pesquisador Andrew Collins em seu site, disponível em: <<http://www.andrewcollins.com>>. Acesso em: 16 abr. 2013. Apesar da perspectiva teórica diferente, ele registra informações históricas que complementam o contexto do reaparecimento do livro de Enoque, das trevas até 1839, com a publicação da primeira tradução em inglês da obra por Richard Laurence, professor de hebraico na Universidade de Oxford. Andrew também publicou o livro *From the Ashes of Angels* (das Cinzas de Anjos), onde descreve os eventos narrados no Livro dos Vigilantes. Mais detalhes podem ser obtidos no prefácio da terceira edição da obra de LAURENCE, 1838; e MURRAY, 1836, p. 1; e TERRA, 2012, p. 17; e KNIBB, 2009, p. 21-22; e LADD, 2008, p. 32; e BOCCACCINI, 2005, p. 2-5; e SPARKS, H. F. D. (Ed.). *The Apocryphal Old Testament*. New York: Oxford University Press, 1984, p. 170; e SZÖNYI, 2011, p. 41.

³³¹ LADD, 2008, p. 31; e FABRIS, 1993, p. 45; e TERRA, 2010, p. 8; e COLLINS, 2011, p. 10. A antiga tradução de Knibb pode ser encontrada na obra de SPARKS, 1984, p. 169-320.

³³² CAVALCANTE FILHO, Jairo Paes. *Judas e Enoque*. Disponível em: <<http://www.oracula.com.br/numeros/201201/cavalcantefilho.pdf>> Acesso em: 31 jul. 2012; e PROPHET, 2000, p. 9.

³³³ Para mais detalhes sobre os manuscritos gregos ler o preâmbulo da obra de LAURENCE, 1838, XII; e TERRA, 2012, p. 17.

nos estudos mais recentes.³³⁴

Além disso, é certo que a autoria dessa obra enóquica é difícil de estabelecer. Infelizmente, não há nada no conteúdo mais antigo dessa obra que ateste em sua terminologia alguma identidade de grupo,³³⁵ apesar de

nós encontrarmos um número de citações e alusões diretas ao Livro dos Vigilantes no Judaísmo e literatura cristã antiga, como também referências explícitas aos livros Enóquicos e discussões sobre a autoridade e autenticidade deles. Essas referências agrupam-se nos escritos do Judaísmo do Segundo Templo e do Cristianismo antigo, mas continuam a ocorrer em obras tardias. Notavelmente, há também alusões desse apocalipse na literatura composta em hebraico, grego, latim, cóptico, e siríaco, sugerindo que os textos enóquicos e tradições circularam surpreendentemente ao longo [...] de comunidades judaicas e cristãs.³³⁶

Enfim,

temos poucas informações de natureza sociológica sobre os movimentos que produziram a literatura apocalíptica judaica. Provavelmente, havia um movimento por trás da literatura de Enoque, mas apenas no caso dos Manuscritos do Mar Morto e do cristianismo primitivo temos informações suficientes para tentar uma descrição sociológica.³³⁷

Apesar da ausência de evidência textual,³³⁸ percebe-se a possibilidade do conteúdo do livro enóquico em foco ter sido dividido de forma análoga a textos judaicos canônicos (como o Pentateuco, Salmos e Provérbios de Salomão), isso é, demarcado em cinco grandes porções. Daí ser denominado pelo editor dos textos aramaicos da obra, o poliglota polonês Józef Tadeusz Milik, de “Pentateuco Enóquico”,³³⁹ apesar de não obedecerem a ordem cronológica em sua disposição.

Os cento e oito capítulos das traduções atuais dessa antologia apocalíptica foram adicionados por volta do século XVI, ampliando a dinâmica literária do modelo anterior,³⁴⁰ ficando estruturado com os seguintes livros pseudoenóquicos: o Livro dos

³³⁴ CHARLESWORTH, 2011, p. 6. CHARLES, 1995, p. 11; e DAVILA, 2005, p. 131.

³³⁵ COLLINS, 2010, p. 114.

³³⁶ REED, Volume 1, 2002, p. 11.

³³⁷ COLLINS, 2010, p. 398.

³³⁸ Para um conhecimento mais profundo sobre os canais de transmissão oral e literária do livro de Enoque sugere-se a obra de REED, Volume 1, 2002, p. 12-16.

³³⁹ CHARLESWORTH, 2011, p. 6, 49; e COLLINS, 2010, p. 75; e CHARLES, 1995, p. 46. Para informações mais precisas sobre a publicação das cópias fragmentárias do texto aramaico original junto com as revisões de textos provenientes de outras grutas de Qumrã ler a obra de FITZMYER, 1997, p. 158, 41, 34. Para a compreensão da teoria de Milik sobre o “Pentateuco Enóquico” ler REED, Volume 1, 2002, p. 23-24; e STONE, 1991, p. 198-212; e CHARLESWORTH, 2011, p. 7.

³⁴⁰ ROST, 1980, p. 137-138. Deve-se ressaltar que o Livro dos Vigilantes e o Livro Astronômico são datados no século 3º a.E.C., o Livro dos Sonhos e a Epístola de Enoque no século 2º a.E.C., e o Livro de Similitudes no século 1º a.E.C., de acordo com REED, Volume 1, 2002, p. 22.

Vigilantes (1 Enoque 1-36), o Livro das Similitudes (1 Enoque 37-71), o Livro Astronômico ou Livro dos Cursos das Luminárias Celestes (1 Enoque 72-82), o Livro dos Sonhos (1 Enoque 83-90) e a Epístola de Enoque³⁴¹ (1 Enoque 91-105).³⁴² Todavia, apenas o Livro dos Vigilantes será esmiuçado nessa dissertação, como se dispõe a seguir.

2. O LIVRO DOS VIGILANTES

Visto como a tradição de Enoque³⁴³ e o apocalipse cósmico e histórico mais antigo conhecido,³⁴⁴ o Livro dos Vigilantes é concebido como pré-macabeu,³⁴⁵ de origem compósita.³⁴⁶ Trata dos Vigilantes que são identificados como criaturas masculinas celestiais que se tornaram os filhos de Deus caídos, uma vez que, na história recontada a partir de Gênesis 6.1-4, se uniram sexualmente a mulheres violando a ordem divina.³⁴⁷ São, porquanto, conhecidos como “espíritos maus”.³⁴⁸

Desde a descoberta dos Manuscritos do Mar Morto, “fragmentos

³⁴¹ O “*Apocalipse das Semanas*” (1 Enoque 93.1-10; 1 Enoque 91.11-17) é visto como uma unidade distinta dentro da Epístola de Enoque, conforme COLLINS, 2010, p. 75. Por sua vez, os capítulos 106 a 108 são tratados como epílogo, segundo TERRA, 2012, p. 9.

³⁴² Há outras sugestões estruturais. Collins e Shoedd dividem em 1 Enoque 1-5, 1 Enoque 6-16 e 1 Enoque 17-36, em COLLINS, 2010, p. 81; e SCHOEDD, George H. *The Book of Enoch: Translated of Ethiopic with Introduction and Notes*. Ohio, 1881, p. 16-17. Fabris sugere 1 Enoque 1-5, 1 Enoque 6-8, 1 Enoque 12-16, 1 Enoque 17-20, 1 Enoque 21-26, em FABRIS, 1993, p. 46. Adiante, adotar-se-á as divisões temáticas de Nickelsburg, Reed, Charles e Vanderkam, dentre outros.

³⁴³ Uma vez que fornece a elaboração mais explícita da história de Enoque, segundo COLLINS, 2010, p. 25, 80; e NICKELSBURG, 2011, p. 104.

³⁴⁴ Perspectiva de SACCHI, Paolo. *Jewish Apocalyptic and its History*. Sheffield: Sheffield Academic Press, 1990, p. 17, 29; e COLLINS, 2010, p. 31; e MCGINN et al., 2003, p. 92; e REED, Volume 1, 2002, p. 2. Ao que se indica, o Livro dos Vigilantes teria sido escrito no 3º século a.E.C., quando judeus e galileus eram governados pelos reis grego-egípcios, sobre forte influência helenística, de acordo com COLLINS, 2000, p. 10, 24; e VANDERKAM & ADLER, 1996, p. 33; e KNIBB, 2009, p. 24. Todavia, o manuscrito enoquico mais antigo é do Livro Astronômico, de acordo com COLLINS, 2010, p. 97; e STONE, 1991, p. 189. Por outro lado, entre os escritos de Qumrã o manuscrito mais apocalíptico é o “Manuscrito da Guerra”, segundo FITZMYER, 1997, p. 61.

³⁴⁵ ROWLEY, H. H. *Jewish Apocalyptic and the Dead Sea Scrolls*. London: The Athlone Press, 1957, p. 8; e CHARLESWORTH, 2011, p. 7-8; e YADIN, 2007, p. 151, 165; e COLLINS, 1997, p. XIII; e SCHIFFMAN, Lawrence H. *Texts and Traditions: a Source Reader for the Study of Second Temple and Rabbinic Judaism*. Hoboken: KTAV Publishing House, 1998, p. 336.

³⁴⁶ COLLINS, 2010, p. 80; e NEUSNER, 2003, p. 377. Ou seja, uma obra de vários escritores e períodos, conforme NICHOLAS, 2007, p. 15; ou uma coletânea de obras compostas por diferentes autores nos primeiros séculos a.E.C., segundo GABEL & WHEELER, 1990, p. 161; ou representando inúmeros períodos e escritores, de acordo com CHARLESWORTH, 2011, p. 6. Todos, modos diferentes de expressar o mesmo conceito.

³⁴⁷ CHARLESWORTH, 2011, p. 337, 784.

³⁴⁸ LADD, 1974, p. 47.

substanciais do Livro dos Vigilantes [4Q201, 4Q202 e parte de 4Q204³⁴⁹] foram encontrados em manuscritos de Qumrã no início do século dois ou mesmo final do século três”.³⁵⁰ Ainda que evidencie múltiplos estágios de composição,³⁵¹ é consentido que o Livro dos Vigilantes desde “a primeira metade do século dois em diante [tivesse] essencialmente a mesma forma daquele é conhecido através das versões grega e etiópica”.³⁵²

A atenção acentuada sobre essa porção da obra pseudoenóquica nos últimos tempos torna esse tópico um componente assaz necessário para sua compreensão, pois

o Livro dos Vigilantes é uma adaptação da história diluviana; nela, uma história sobre o Princípio torna-se a história sobre o Fim. Os “Filhos de Deus”, quem, de acordo com o livro de Gênesis, desceram do céu para se unirem às mulheres humanas antes do dilúvio, são identificados como anjos caídos ou Vigilantes na literatura de Enoque posterior. Esses Vigilantes corromperam a terra por gerarem gigantes violentos e predatórios e por ensinar a humanidade segredos proibidos, como as artes da guerra e cosmologia.³⁵³

O conteúdo da obra, como aclarado na citação anterior, soma-se a predição de um julgamento cósmico como tema comum.³⁵⁴ John Collins ainda destaca que dentro do Livro dos Vigilantes eventos primordiais, julgamento e destruição dos perversos, julgamento e destruição do mundo, julgamento e destruição dos seres sobrenaturais, transformação cósmica, jornadas sobrenaturais, boa quantidade de especulação cosmológica e outras formas de pós-vida são conteúdo certo.³⁵⁵ Charlesworth acrescenta ao conteúdo da obra “o curso predeterminado da história humana”.³⁵⁶ Além disso,

³⁴⁹ MARTINEZ, Florentino Garcia. *The Dead Sea Scrolls Translated: The Qumran Texts in English*. 2nd. Michigan: Brill Academic Pub, 1996, p. 246-250; e KNIBB, 2009, p. 45; e BOCCACCINI, 2005, p. 378; BOCCACCINI & COLLINS, 2007, p. 43.

³⁵⁰ COLLINS, 2010, p. 51, 76.

³⁵¹ REED, Volume 1, 2002, p. 2; e COLLINS, 2010, p. 76.

³⁵² COLLINS, 2010, p. 81.

³⁵³ COLLINS, 2000, p. 9-10.

³⁵⁴ COLLINS, 1999, p. 115. Alguns sugerem o pensamento messiânico como destaque no primeiro livro de Enoque, conforme GABEL & WHEELER, 1990, p. 149; ou a partir das Similitudes de Enoque, conforme LADD, 1974, p. 147. Quanto a essa última posição, Fabris também a defende a partir dos textos essênios de Qumrã em virtude da primeira utilização do termo messias (cristo-ungido) para designar uma personalidade de poderes sobre-humanos. Mais detalhes em FABRIS, 1993, p. 47-48; e ARENS & MATEOS, 2004, p. 57. Porém, alguns estudiosos são categóricos: “nenhuma palavra é dita sobre um Messias ou algum líder humano”, conforme MCGINN; COLLINS; STEIN, 2003, p. 116.

³⁵⁵ COLLINS, 2010, p. 26, 51.

³⁵⁶ CHARLESWORTH, 2011, p. 5.

o Livro dos Vigilantes (1 Enoque 1-36) descreve a ascensão de Enoque à presença de Deus (capítulo 14) e, além disso, na elaboração dessa visão não somente lhe é mostrado o lugar no qual Deus descerá para julgamento, e o lugar no qual os perversos serão punidos e os justos desfrutarão a felicidade eterna, mas também, como nós temos notado, é conduzido em uma jornada em torno do cosmos e vê tudo.³⁵⁷

Aprofundar-se no contexto do Livro dos Vigilantes é mais complicado do que o ambiente do próprio Livro de Enoque. “No Livro dos Vigilantes, assim como em todos os apocalipses judaicos, a situação do autor histórico é ocultada”.³⁵⁸ Qualquer que tenha sido o problema, o autor o transpôs para um plano mitológico. Ora,

o local de composição [...] é bastante incerto. Existe uma tendência geral em atribuí-los ao judaísmo palestinese [...], [porém] é duvidoso essa evidência. [...] Vários pesquisadores assinalaram a proeminência de folclore babilônico [...] no Livro dos Vigilantes. A possibilidade de essa literatura ter se originado na diáspora oriental não pode ser desconsiderada. [...] Em caso algum podemos designar um escrito apocalíptico como tendo sido com certeza escrito na Babilônia ou na diáspora oriental, tampouco podemos pressupor que todos foram escritos na Judeia [pois,] alguns escritos apocalípticos também se originaram na diáspora helenística.³⁵⁹

Por isso, não se delongará essa introdução ao Livro dos Vigilantes. O objetivo específico é examinar e compreender os textos que o constituem (4QHen^c). Para isso, as unidades da obra serão estudadas seguindo as divisões capitulares sugeridas por Nickelsburg, Reed, Charles, Vanderkam, Boccaccini e Willian Loader (dentre muitos outros) re-tematizadas, como abaixo descritas.³⁶⁰

Nº	Divisões Literárias	Capítulos
1	Introdução à Revelação dos Vigilantes	1-5
2	Os Vigilantes e o Livro Judaico de Gênesis	6-11
3	O Escriba da Justiça e o Julgamento dos Vigilantes	12-16
4	A Primeira Jornada Cósmica de Enoque	17-19
5	A Segunda Jornada Cósmica de Enoque	20-36

³⁵⁷ KNIBB, 2009, p. 24.

³⁵⁸ COLLINS, 2010, p. 85-86.

³⁵⁹ COLLINS, 2010, p. 31, 51-52.

³⁶⁰ NICKELSBURG, 2011, p. 105; e REED, Volume 1, 2002, p. 2; CHARLES, 1995, p. 47-48; e BOCCACCINI, 2005, p. 229; e LOADER, 2007, p. 3; e AUNE, 2003, p. 148.

2.1. Introdução à Revelação dos Vigilantes (1-5)

Os primeiros capítulos do Livro dos Vigilantes (1-5) enfatizam, tanto para o Livro dos Vigilantes como para todo 1 Enoque, a “ordem do mundo em sua introdução”.³⁶¹ Fica claro que os agentes da revelação são os Vigilantes e que o modo de revelação é estritamente apocalíptico. O que pode ser considerado uma “colcha de retalhos de frases bíblicas”,³⁶² também é admitido como importante para a literatura apocalíptica em geral.³⁶³

2.1.1. Os Agentes da Revelação

Enoque, inicialmente, não é o agente da revelação, mas o receptor. Já no primeiro capítulo os anjos, os Vigilantes, proporcionam ao patriarca a visão de Deus e lhe dão conhecimento.³⁶⁴ Enoque passa a ser um visionário com acesso ao sublime conhecimento celestial. Os versos iniciais são como uma primeira seção do oráculo profético do filho de Jaredé,³⁶⁵ que aprende de tudo, compreende as coisas que pode ver tanto de seu tempo, como do futuro. Por sua vez, Enoque atribui ao Deus Eterno toda glória, da qual, todos os seres existentes e, até os Vigilantes, tremem.

A partir de 1 Enoque 1.4 o patriarca profere uma parábola sobre uma epifania escatológica de Deus³⁶⁶ e uma admoestação escatológica aos Vigilantes.³⁶⁷ Esses últimos revelam a Enoque a aparição de Deus para punir os pecadores e

³⁶¹ COLLINS, 2000, p. 100; e NICKELSBURG & VANDERKAM, 2012, p. 1.

³⁶² Em virtude das várias alusões, associações e analogias com contextos bíblicos, tais como Números 23-24. Mais informações em COLLINS, 2010, p. 41.

³⁶³ Tudo indica que os capítulos 1-11 já eram uma unidade literária na primeira metade do segundo século a.E.C., de acordo com NICKELSBURG, 2011, p. 104.

³⁶⁴ A idéia de que algum tipo de conhecimento pudesse ser transmitido diretamente dos anjos para os homens encontra paralelo em Eupolemo. Trata-se provavelmente de Eupolemo filho de João, filho de Accos (1 Macabeus 8.17 e 2 Macabeus 4.11). Este teria sido enviado numa embaixada à Roma em 161 a. E. C. para negociar um tratado entre os romanos e os asmoneus. Encontrado em DOBROUKA, Vicente. *Autoria Espiritual de Livros Religiosos do Período do Segundo Templo, Experiência Visionária, Possessão e Apocalíptica*. Disponível em: <<http://www.oracula.com.br/numeros/022007/Dobrouka.pdf>> Acesso em: 31 jul. 2012.

³⁶⁵ NICKELSBURG & VANDERKAM, 2012, p. 1.

³⁶⁶ COLLINS, 2000, p. 6; e LOADER, 2007, p. 6.

³⁶⁷ AUNE, 2003, p. 148.

premiar os bons.³⁶⁸ Em meio ao juízo que a terra passará e a paz que com os justos Deus firmará, é revelado em 1 Enoque 1.6:

Em verdade! Ele virá com milhares de Santos, para exercer o julgamento sobre o mundo inteiro e aniquilar todos os malfeitores, reprimir toda carne pelas más ações tão iniquamente perpetradas e pelas palavras arrogantes que os pecadores insolentemente proferiram contra Ele.³⁶⁹

Considerando essas informações, aparentemente os Vigilantes parecem ser tipos, alegorias ou metáforas de opressão de governantes estrangeiros (como os sucessores de Alexandre, o Grande³⁷⁰) que clamam ser a prole dos deuses, e sacerdotes aristocratas, que, na visão de algumas das pessoas comuns e seus escribas, foram casados com as mulheres erradas e, portanto, tornaram-se impuros.³⁷¹ No entanto, certa cautela é necessária. Não há evidências confiáveis sobre a especificidade histórica da crise que o autor descreve (como já mencionado anteriormente); são meras hipóteses, pois a situação específica do autor histórico é ocultada e praticamente impossível de se descobrir.³⁷²

2.1.2. A Revelação sobre a Criação

Entre os capítulos dois e cinco (versos 1-2), como uma segunda seção do oráculo profético iniciado,³⁷³ Enoque é convocado a observar a grandeza da criação.

³⁶⁸ FABRIS, 1993, p. 46. Ver comentário em LADD, 2008, p. 2.

³⁶⁹ RODRIGUES, 2004, p. 259. Em 1886, uma missão arqueológica francesa encontrou em Akhmim (a antiga Panópolis), no Egito, duas cópias gregas de Enoque. O conjunto desses dois manuscritos recebeu o nome de Codex Panopolitanus. Esse é o manuscrito que contém a passagem de Enoque 1.9, segundo CAVALCANTE FILHO, Jairo Paes. *Judas e Enoque*. Disponível em: <<http://www.oracula.com.br/numeros/201201/cavalcantefilho.pdf>> Acesso em: 31 jul. 2012; e CHARLES, 1995, p. 14; e COLLINS, 2011, p. 9-10. É interessante observar que alguns estudiosos no esforço de apontarem uma relação entre o Livro de Enoque e o Novo Testamento, assumam que esses versos enóquicos foram utilizados nas palavras de Jesus em Marcos 8.38 e seus correlatos em Mateus 16.27, Mateus 25.31 e Lucas 9.26. Mais detalhes em ALMEIDA, 1999, p. 49, 21, 34 e 75.

³⁷⁰ HELYER, 2002, p. 85; e FREEDMAN, 2000, p. 408. Uma cosmovisão apropriada seria “o Outro como opressor ou conquistador e, especialmente, como religião oponente”, segundo HARLOW et al., 2011, p. 270.

³⁷¹ COLLINS, 2000, p. 10; BOCCACCINI & COLLINS, 2007, p. 263. Para mais detalhes dessa perspectiva ver ARAUJO, Anderson Dias. *O Mito dos Anjos Vigilantes: Etnia e Limite no Sagrado e no Sexo – 1 Enoque 6-16*. Disponível em: <<http://oracula.com.br/numeros/012010/Araujo.pdf>> Acesso em: 31 jul. 2012. Nele, verifica-se a possibilidade da narrativa do Mito dos Vigilantes ser a expressão de um grupo judaico que, diante da ameaça e dominação estrangeira, procurou valorizar e reforçar sua fronteira étnico-religiosa.

³⁷² COLLINS, 2010, p. 85. Confirma também SCHMIDT, 2004, p. 176.

³⁷³ NICKELSBURG & VANDERKAM, 2012, p. 2.

Nessa passagem em prosa no meio da revelação,³⁷⁴ os Vigilantes desvelam a ordem e os mistérios gloriosos na obra criativa e na sustentação dos luminares (1 Enoque 2.1), bem como da Terra, sendo todas obras divinas que se manifestam aos olhos humanos (1 Enoque 2.2; 1 Enoque 3.1; 1 Enoque 4.1; 1 Enoque 5.1-2). Por isso, o patriarca é convocado: “Prestai atenção e vede todas as suas obras! Então reconheceréis que foi Aquele que é o Vivo que assim as fez”.³⁷⁵

2.1.3. A Revelação sobre Salvação e Condenação

Entre a identificação dos Vigilantes e a celebração pela Criação, contrastando a natureza da obediência e a rebelião humana,³⁷⁶ a revelação adquire essência de salvação e condenação quando se diz: “Mas e vós?”. Por isso, a partir daqui a terceira e última parte do oráculo profético³⁷⁷ inicia-se com um discurso de queda (1 Enoque 5.3-5):

Não tivesses perseverança e não cumpristes a Lei do Senhor. Vós caístes, e com as palavras obstinadas e arrogantes proferidas por vossa boca ultrajastes Sua Majestade. O duros de coração! Não haverá paz para vós. Com isso estais a amaldiçoar os vossos dias e pondo a perder os anos da vossa vida; e os anos da vossa maldição serão avolumados por uma condenação eterna. Nenhum perdão estará reservado para vós. Então emprestareis o vosso nome aos justos para que esses o utilizem constantemente para amaldiçoar. Por vosso intermédio, ó vós todos malditos, eles rogarão pragas; por vosso intermédio, ó vós todos os pecadores e pérfidos, eles esconjurarão.³⁷⁸

Outrossim, a Enoque são revelados os desígnios quanto aos eleitos (1 Enoque 5.6-7). Esses, porém,

serão contemplados com a paz, a luz e a alegria; mas vós, sacrílegos, sereis alvo da renegação. Os eleitos serão agraciados com a sabedoria; eles viverão e não pecarão nunca mais, nem por ignorância nem por atrevimento; ao iluminado será concedida mais luz e ao inteligente mais entendimento. Não pecarão nunca mais nem mais serão julgados por todos os dias da sua vida, e não haverão de perecer pela ira de Deus; ao contrário, o número dos seus dias será completado serenamente. A sua vida crescerá na paz, e muitos serão os anos das suas delícias em que viverão jubilosos e em paz por toda a sua vida.³⁷⁹

³⁷⁴ NICKELSBURG, 2011, p. 105.

³⁷⁵ RODRIGUES, 2004, p. 260.

³⁷⁶ NICKELSBURG, 2011, p. 106.

³⁷⁷ NICKELSBURG & VANDERKAM, 2012, p. 2.

³⁷⁸ RODRIGUES, 2004, p. 260.

³⁷⁹ RODRIGUES, 2004, p. 260.

Apesar das recompensas escatológicas para os escolhidos não serem explícitas, a punição é iminente e depois dessa virá uma “era feliz”.³⁸⁰

2.2. Os Vigilantes e o Livro Judaico de Gênesis (6-11)

Ao que tudo indica, a porção do Livro de Vigilantes entre os capítulos seis e onze é a mais pesquisada,³⁸¹ em virtude de suas semelhanças com o Gênesis canônico,³⁸² por ser exposta como base histórica do livro³⁸³ e pelo surgimento do problema do mal a partir da rebelião dos Vigilantes. Seu conteúdo abrange os mitos de Semjaza³⁸⁴ e Azael,³⁸⁵ a narração da queda dos demais anjos que, atraídos pela beleza das mulheres, desceram à Terra, geraram os gigantes e corromperam os homens.³⁸⁶ Apesar do restante da obra, nessa perícopes não há menção ao próprio Enoque.

2.2.1. A Relação com a Queda dos Vigilantes

Entre os especialistas há uma comparação inevitável de 1 Enoque 6-8 com Gênesis 6.1-4. Na verdade, considerando o tempo de composição, presumem a maioria deles que o texto enoquico é uma explicação ampliada do texto atribuído a

³⁸⁰ FABRIS, 1993, p. 46.

³⁸¹ Variando em 1 Enoque 6-11, 1 Enoque 6-16 ou 1 Enoque 6-19, segundo COLLINS, 2010, p. 80.

³⁸² LUMPKIN, 2008, p. 21.

³⁸³ SCHOEDD, 1881, p. 16-17.

³⁸⁴ “*Semyaza*” ou “*Sami’azaz*”, “*Aza’el*” ou “*Azaz’el*”, conforme a respectiva tradução segundo CHARLESWORTH, 2011, p. 15-17. Sobre o primeiro nome, há quem sugira a origem do termo em uma associação com a deidade conhecida como “*Shem*” e o Monte “*Hazzi*” (ou mesmo Hermon) interpretado no contexto de divinização, de acordo com LOADER, 2007, p. 10. Para Azael, são propostas hipóteses similares à tradução de seu nome referentes a algum dos montes nos arredores do Sinai, segundo MURRAY, 1836, p. 173. Outra proposta remete aos filhos de “*Sem*” e “*Ham*”, segundo DITOMMASO, Lorenzo. *The Dead Sea New Jerusalem Text: Texts and Studies in Ancient Judaism*. Tübingen: Mohr Siebeck, 2005, p. 166.

³⁸⁵ É quase unanimidade entre os estudiosos que 1 Enoque 6-11 é uma junção de dois ciclos diferentes de tradições sobre a queda dos anjos, no qual Semjaza e Azael são identificados como seus respectivos líderes. Ora a figura de Azael é proeminente, ora é de Semjaza. Adaptado de TERRA, 2012, p. 28 e 43. Ver também BOCCACCINI & IBBA, 2009, p. 167. Para alguns, Azael relembra o mito grego da rebelião na figura divina conhecida como Prometeus, segundo NICKELSBURG & VANDERKAM, 2012, p. 2; e COLLINS, 2011, p. 2, 52-55.

³⁸⁶ FABRIS, 1993, p. 46. Para John Collins, a crise dos anjos caídos no Livro dos Vigilantes é uma alegoria para alguma crise da era helenística, em COLLINS, 2010, p. 96.

Moisés³⁸⁷ — uma paráfrase³⁸⁸ — que relata:

Como se foram multiplicando os homens na terra, e lhes nasceram filhas, vendo os filhos de Deus que as filhas dos homens eram formosas, tomaram para si mulheres, as que, entre todas, mais lhes agradaram. Então, disse o SENHOR: O meu Espírito não agirá para sempre no homem, pois esse é carnal; e os seus dias serão cento e vinte anos. Ora, naquele tempo havia gigantes na terra; e também depois, quando os filhos de Deus possuíram as filhas dos homens, as quais lhes deram filhos; esses foram valentes, varões de renome, na antiguidade.³⁸⁹

A revelação descrita em 1 Enoque 6.1, 1 Enoque 7.1-2 e 1 Enoque 8.2, semelhantemente, afirma

Quando outrora aumentou o número dos filhos dos homens, nasceram-lhes filhas bonitas e amoráveis. Os Anjos, filhos do céu, ao verem-nas, desejaram-nas e disseram entre si: "Vamos tomar mulheres dentre as filhas dos homens e gerar filhos!"[...] Todos os demais que estavam com eles tomaram mulheres, e cada um escolheu uma para si. Então começaram a frequentá-las e a profanar-se com elas. [...] Entrementes elas engravidaram e deram à luz a gigantes de 3.000 côvados de altura. E assim grassava uma grande impiedade; eles promoviam a prostituição, conduziam aos excessos e eram corruptos em todos os sentidos.³⁹⁰

A última seleção de textos remetem as similaridades entre o pseudoepígrafo e o canônico. Parece comum o fato de algumas literaturas apocalípticas judaicas ecoarem constantemente frases bíblicas, apesar de não serem simples cópias do original.³⁹¹ Todavia, o escrito enóquico amplia em muito a revelação sobre a queda dos Vigilantes. Além de descrever os diálogos entre os anjos que caíram e sua quantidade, revelam também seus nomes (1 Enoque 6.2-4):

Disse-lhes então o seu chefe Semjaza: "Eu receio não queirais realizar isso, deixando-me no dever de pagar sozinho o castigo de um grande pecado". Eles responderam-lhe em coro: "Nós todos estamos dispostos a fazer um juramento, comprometendo-nos a uma maldição comum mas não abrir mão do plano, e sim executá-lo". Então eles juraram conjuntamente, obrigando-se a maldições que a todos atingiriam. Eram ao todo duzentos os que, nos dias de Jared, haviam descido sobre o cume do monte Hermon. Chamaram-no Hermon porque sobre ele juraram e se comprometeram a maldições comuns. Assim se chamavam os seus chefes: Semjaza, o superior de todos

³⁸⁷ Milik acredita que o texto bíblico é mais recente que o enóquico, enquanto Sacchi aponta o texto de Gênesis como o sumário de uma obra maior encontrada no pseudoepígrafo atribuído ao patriarca. Aparentemente, dentro de um escopo de várias outras teorias, um texto pressupõe o conhecimento do outro. Conforme MILIK, J. T. *The Books of Enoch: Aramaic Fragments of Qumram Cave 4*. Oxford: Clarendon Press, 1970, p. 31; e SACCHI, 1990, p. 178; e PROPHET, 2000, p. 69-75.

³⁸⁸ REED, Volume 1, 2002, p. 36.

³⁸⁹ ALMEIDA, 1999, p. 7, Gênesis 6.1-4.

³⁹⁰ RODRIGUES, 2004, p. 261-262. Parece suficientemente claro que Gênesis alude a algumas tradições mais extensas. Mas, as correspondências entre o texto bíblico e enóquico podem ser explicadas satisfatoriamente pressupondo que Gênesis é anterior. Em COLLINS, 2010, p. 76.

³⁹¹ COLLINS, 2010, p. 40, 43.

eles, Arakiba, Rameel, Kokabiel, Tamiel, Ramiel, Danei, Ezekeel, Narakijal, Azael, Armaros, Batarel, Ananel, Sakeil, Samsapeel, Satarel, Turel, Jomjael e Sariel. Eram esses os chefes de cada grupo de dez.³⁹²

O pseudoepígrafo vai além do canônico quanto ao pecado e atividades dos Vigilantes em relação aos homens. A obra descreve em 1 Enoque 7.1 e 1 Enoque 8.1-2 que os anjos ensinaram aos homens bruxarias, exorcismos, feitiços e os familiarizaram com ervas e raízes para as poções. O professor Azzan Yadin³⁹³ observa que as curas com ervas podiam ser encontradas entre os essênios.³⁹⁴ Aqui se retrata parte do problema do mal a ser examinado no próximo capítulo. Por ora, é importante descrever que

Semjaza ensinava os encantamentos e as poções de feitiços, Armaros a dissipação dos encantamentos, Barakijal a astrologia, Kokabel a ciência das constelações, Ezekeel a observação das nuvens, Arakiel os sinais da terra, Samsiel os sinais do sol e Sariel as fases da lua.³⁹⁵

Azazel ainda adestrava os homens na confecção de espadas, facas, escudos e armaduras, abrindo os seus olhos para os metais e para a maneira de trabalhá-los. Cita-se até os braceletes, os adornos diversos, o uso dos cosméticos, o embelezamento das pálpebras, toda sorte de pedras preciosas e a arte das tintas, que vieram depois.

A descrição quanto aos gigantes gerados da relação entre os filhos de Deus e as filhas dos homens também é mais desenvolvida. Em 1 Enoque 7.2-3 os gigantes “dinossáuricos”, de 3.000 côvados de altura (aproximadamente 150 metros), consumiram todas as provisões de alimentos dos demais homens. Entre um erro de tradução ou uma hipérbole proposital, Enoque registra que, quando as pessoas nada mais tinham para dar-lhes, os gigantes voltavam-se contra elas e começavam a devorá-las. Também atacavam os pássaros, os animais selvagens, os répteis e os peixes, rasgando com os dentes as suas carnes e bebendo o seu sangue. Ao fim, eles se voltavam uns contra os outros. Nesse momento, pois, a terra clamou contra os monstros. Os homens se sentiram prestes a serem aniquilados e levantaram um grande clamor e seus gritos chegaram ao céu.

³⁹² RODRIGUES, 2004, p. 261.

³⁹³ Professor de estudos judaicos da Universidade de Rutgers, USA, onde ministra cursos sobre filosofia judaica clássica, os Manuscritos do Mar Morto, dentre outros.

³⁹⁴ YADIN, 2007, p. 39.

³⁹⁵ RODRIGUES, 2004, p. 262. Há um excelente material sobre as ilícitas instruções angelicais em REED, Volume 1, 2002, p. 54-64, 72.

2.2.2. A Relação com a Punição dos Vigilantes

Uma vez registrada a transgressão dos Vigilantes, os capítulos posteriores descrevem a reação dos santos anjos e a resposta divina quanto aos atos abomináveis que os Vigilantes realizaram. Os estudiosos destacam com certa proeminência os capítulos 6-11 (acerca dos anjos caídos).³⁹⁶ Definitivamente as circunstâncias envolvendo os anjos são assunto proeminente em todo o Livro dos Vigilantes,³⁹⁷ onde

Miguel, Gabriel e Surafael observam o mal de Azaz'el e Semyaz e resolvem tratar com eles no nome do Altíssimo (I Hn 9). Rafael é comandado por Deus para vincular Azaz'el e jogá-lo dentro da escuridão (I Hn 10.4). Phanuel (I Hn 54.6) é proeminente em Similitudes [...] e é poderoso suficiente para ser nomeado quarto para Miguel, Rafael e Gabriel. Finalmente, Uriel atua como guia de Enoque no Livro Astronômico [...].³⁹⁸

É revelado ao tetraneto de Adão que Miguel, Uriel, Rafael e Gabriel ouvem o clamor do homens diante de todas as desgraças que sobrevieram e, por sua vez, rogam ao Senhor dos senhores, ao Rei dos reis, ao Senhor dos mundos pela sua intervenção (1 Enoque 9), dizendo na oração angelical:

Tu vês o que foi perpetrado por Azazel, como ele ensinou sobre a terra toda espécie de transgressões, revelando os segredos eternos do céu, forçando os homens ao seu conhecimento; assim procedeu Semjaza, a quem conferiste o comando sobre os seus subalternos. Eles procuraram as filhas dos homens sobre a terra, deitaram-se com elas e tornaram-se impuros; familiarizaram-nas com toda sorte de pecados. As mulheres pariram gigantes e, em consequência, toda a terra encheu-se de sangue e de calamidades. Agora clamam as almas dos que morreram, e o seu lamento chega às portas do céu. Os seus clamores se levantam ao alto, e em face de toda a impiedade que se espalhou sobre a terra não podem cessar os seus queixumes. E Tu sabes de tudo, antes mesmo que aconteça. Tu vês tudo isso e consentes. Não nos dizes o que devemos fazer.³⁹⁹

Há nos escritos apocalípticos uma hierarquia virtual de anjos, geralmente corresponsáveis pelo ordem do mundo, variando entre seis e dez o número daqueles que estão no ápice da hierarquia.⁴⁰⁰ Dentre os que caíram, Semjaza era o chefe de dezoito subchefes que, por sua vez, eram chefes de dez. Porém, em 1 Enoque 10, todos os santos anjos são intimidados a agir. A resposta de Deus vem.

³⁹⁶ MCGINN; COLLINS; STEIN, 2003, p. 69.

³⁹⁷ COLLINS, 2000, p. 25.

³⁹⁸ NICHOLAS Jr., 2007, p. 19; e NOGUEIRA, 2005, p. 120.

³⁹⁹ RODRIGUES, 2004, p. 262.

⁴⁰⁰ OTZEN, 2003, p. 235-236.

Ele toma a palavra e envia Uriel ao filho de Lameque com uma ordem de juízo sobre os homens. A Terra precisava ser purificada e o sétimo depois de Adão tem um papel importantíssimo nesse ato, pois

A maior parte do livro é dedicada à ascensão de Enoch ao céu e, então, para a sua viagem guiada a lugares remotos, onde ele vê algumas coisas como as câmaras dos mortos e os lugares que estavam sendo preparados para o julgamento final.⁴⁰¹

A punição divina é chegada por meio de um dilúvio, conforme 1 Enoque 10.1-2:

Dize-lhe, em meu nome: 'Esconde-te!', e anuncia-lhe o fim próximo! Pois o mundo inteiro será destruído; um dilúvio cobrirá toda a terra e aniquilará tudo o que sobre ela existe. 2 Comunica-lhe que ele poderá salvar-se, e que seus descendentes serão mantidos por todas as gerações do mundo!⁴⁰²

Quanto ao julgamento dos Vigilantes Raphael é o mensageiro. Em 1 Enoque 10.3, a Azazel é atribuída toda a corrupção da Terra. A ordem divina é:

Amarra Azazel de mãos e pés e lança-o nas trevas! Cava um buraco no deserto de Dudael e atira-o ao fundo! Deposita pedras ásperas e pontiagudas por baixo dele e cobre-o de escuridão! Deixa-o permanecer lá para sempre e veda-lhe o rosto, para que não veja a luz!⁴⁰³

A Gabriel falou o Senhor quanto aos gigantes: "Levanta a guerra entre os bastardos, os monstros, os filhos das prostituídas e extirpa-os do meio dos homens, juntamente com todos os filhos dos Guardiões!" (1 Enoque 10.5).

Miguel, o último chamado por Deus, recebe a missão de prender Semjaza e os seus sequazes, que se misturaram com as mulheres e com elas se contaminaram de todas as suas impurezas, até o dia do Juízo final. Tal sentença chega ao clímax em 1 Enoque 10.8-9:

Nesse dia, eles serão atirados ao abismo de fogo, na reclusão e no tormento, onde ficarão encerrados para todo o sempre. E todo aquele que for sentenciado à condenação eterna seja juntado a eles, e seja com eles mantido em correntes, até o fim de todas as gerações. Extermina os espíritos de todos os monstros, juntamente com todos os filhos dos Guardiões, porque eles maltrataram os homens! Purga a terra de todo ato de violência! Toda obra má deve ser eliminada!⁴⁰⁴

O restante do capítulo são palavras de bênção, justiça, louvor e glória que vieram após o dilúvio (1 Enoque 10.9-12; 1 Enoque 11.1-2):

⁴⁰¹ COLLINS. *Temporalidade e Política na Literatura Apocalíptica Judaica*. Disponível em: <<http://www.oracula.com.br/numeros/022005/artigos/04collins.pdf>> Acesso em: 29 jan. 2012.

⁴⁰² RODRIGUES, 2004, p. 262-263.

⁴⁰³ RODRIGUES, 2004, p. 263.

⁴⁰⁴ RODRIGUES, 2004, p. 263-264.

Naqueles dias eu abrirei as câmaras dos depósitos da bênção do céu e deixá-las-ei derramar-se sobre a terra, sobre as obras e os trabalhos dos filhos dos homens. Então a Verdade e a Paz juntar-se-ão por todos os dias da terra e por todas as gerações dos homens.⁴⁰⁵

Seguindo o relato canônico, o dilúvio revelado a Enoque nunca mais haverá de acontecer, pois seu propósito foi executado: "a terra então ficará expurgada de toda maldade, de todo pecado, de toda praga, de todo tormento; e nunca mais mandarei sobre ela um dilúvio, ao longo de todas as gerações, por toda a eternidade" (1 Enoque 10.13). Ao que parece, a retribuição após a morte e o componente místico são componentes cruciais em um apocalipse histórico.⁴⁰⁶

2.3. O Escriba da Justiça e o Julgamento dos Vigilantes (12-16)

Os capítulos que se seguem revelam o traslado de Enoque e a revelação da sentença sobre os anjos caídos, antecipando o julgamento por vir sobre os Vigilantes. Muitos autores sugerem que é uma releitura do Mito dos Vigilantes.⁴⁰⁷ Ao contrário dos capítulos anteriores, nessa perícope Enoque tem outro papel fundamental: ele é o Escriba da Justiça.

Naturalmente, o patriarca quer interceder pelos Vigilantes, "mas vê-se obrigado a reconhecer a sua ruína".⁴⁰⁸ O que se descreve a seguir são eventos próximos ao tempo do dilúvio, quando os anjos caídos foram amarrados até o momento de seu julgamento e punição final no fim dos dias.⁴⁰⁹ O pensamento do autor é tipológico, isto é, "os eventos dos últimos dias (a época do próprio autor) espelham os eventos dos tempos primordiais".⁴¹⁰

2.3.1. O Traslado de Enoque

O capítulo doze alude o desaparecimento de Enoque, afinal, "nenhum dos filhos dos homens sabia onde ele se encontrava, onde se ocultava e o que era feito

⁴⁰⁵ RODRIGUES, 2004, p. 264.

⁴⁰⁶ COLLINS, 2010, p. 32, 35.

⁴⁰⁷ Para mais detalhes sobre essa releitura ver a interessante comparação de 1 Enoque 6-11 com 1 Enoque 12-16 em LOADER, 2007, p. 32-53; e AUFFARTH & STUCKENBRUCK, 2004, p. 99.

⁴⁰⁸ FABRIS, 1993, p. 46.

⁴⁰⁹ COLLINS, 2000, p. 73.

⁴¹⁰ NICKELSBURG, 2011, p. 108, 174-175.

dele” (1 Enoque 12.1).⁴¹¹ Daqui surge uma resposta nos registros: “ele havia estado junto dos Guardiões e transcorreu os seus dias na companhia dos Santos” (1 Enoque 12.1). Como bem ressaltou Nickelsburg, “a descrição de sua ascensão e da sala do trono são sua documentação”⁴¹² como um “comissionamento profético”.⁴¹³

A partir de 1 Enoque 12.2 há uma transição entre os louvores do patriarca e o chamado dos Guardiões. Esses últimos trazem o teor de uma sentença que o escriba da justiça deve anunciar.⁴¹⁴ A sentença é amplamente desenvolvida nos capítulos subsequentes.

2.3.2. A Sentença Divina Anunciada por Enoque

Imitando a forma de comissionamentos proféticos bíblicos,⁴¹⁵ Enoque, obediente, encaminha-se até os Vigilantes e derrama sobre eles a sentença do Altíssimo. Falou a Azazel, primeiramente e, depois, a todos eles. 1 Enoque 13.1 registra a sentença dada a Azazel:

Tu não terás a paz. Uma sentença severa recaiu sobre ti: deverás ser acorrentado. Não alcançarás indulgência nem será aceita a intercessão, por causa dos atos violadores que ensinaste a praticar, e por causa de todas as obras blasfemas, da violência e dos pecados que mostraste aos homens.⁴¹⁶

Por algum motivo Enoque não desdobra a sentença nominalmente aos outros Vigilantes nesses capítulos do livro. Porém, o teor da sentença é tão severo quanto o anterior, de maneira que todos se encheram de grande medo e foram tomados de pavor e tremor (1 Enoque 13.2).

Nota-se que os Vigilantes reconhecem a autoridade de Enoque, suplicam a ele por um rogo intercessório e são atendidos com um pedido especial de clemência e perdão. O filho de Jared adormece e, em meio a visões, obtém respostas (1 Enoque 13.3-5). O escriba relata aos Vigilantes chorosos as visões que tivera durante o sono e, mais uma vez, advertiu os Guardiões celestes. Esse é o assunto que se trata no próximo capítulo.

⁴¹¹ RODRIGUES, 2004, p. 264.

⁴¹² NICKELSBURG, 2011, p. 111.

⁴¹³ NEUSNER, 2003, p. 390.

⁴¹⁴ RODRIGUES, 2004, p. 264.

⁴¹⁵ NICKELSBURG, 2011, p. 111.

⁴¹⁶ RODRIGUES, 2004, p. 264.

Surge no cenário o livro das palavras da justiça e da advertência aos Vigilantes eternos, segundo o que o grande Santo ordenara nas visões concedidas a Enoque. Agora, os capítulos quatorze,⁴¹⁷ quinze e dezesseis serão a descrição da sentença aos Anjos rebeldes, pois, “da mesma forma como Ele criou os homens e deu-lhes o dom de entender palavras de sabedoria, assim também criou a mim [Enoque] e transmitiu-me a incumbência de advertir os Guardiões, os filhos do céu” (1 Enoque 14.2).

A despeito do choro e súplicas, a sentença divina é definitiva (1 Enoque 14.3). Os filhos dos Vigilantes serão exterminados sob sua vista (1 Enoque 14.4). A partir do relato hermético das visões, o escriba ascende aos céus e descreve cenários simbólicos (1 Enoque 14.5-9) até uma casa, ficando prostrado e tomado pelo tremor. Na visão seguinte observa outra casa, maior que a primeira. Brilho, fogo, grandeza e outras figuras revelavam um trono alto⁴¹⁸ onde se assentava a grande Majestade, que também descreve com riquezas de detalhes. Até esse momento, ele ainda jazia com a face por terra, a tremer (1 Enoque 14.10-14). Como a descrição do profeta bíblico Isaías, “nenhum dos Anjos podia aproximar-se; nem conseguiam encarar sua face por causa do seu esplendor e majestade” (1 Enoque 14.12).

O momento que o Senhor dirige-se a Enoque marca a transição para o próximo capítulo, quando diz: "Aproxima-te, Enoque! Escuta a minha palavra!" (1 Enoque 14.14). Essa porção do livro

descreve o mais puro, o mais simples e o mais antigo relato de ascensão, a ascensão de Enoque ao céu e seu avanço à sala do trono. A descrição marca um importante momento no desenvolvimento do pensamento religioso judaico. O relato demonstra que as visões do trono bíblico têm influenciado os textos de ascensão em importantes formas.⁴¹⁹

O torpor diante da grande visão de Enoque é traduzido no décimo quinto capítulo quando se ouviu a voz:

Não temas, Enoque, homem honesto e Escriba da Justiça! Vem até aqui e escuta as minhas palavras. Vai e dize aos Guardiões do céu que te

⁴¹⁷ A visão de 1 Enoque 14 tem sido utilizada para derramar luz sobre as pré-histórias do gnosticismo, misticismo “*merkavah*” e maniqueísmo, de conformidade com REED, Volume 1, 2002, p. 9; e COLLINS, 2010, p. 89.

⁴¹⁸ No desenvolvimento do misticismo judaico, o céu é compreendido como um templo, segundo COLLINS, 2010, p. 89.

⁴¹⁹ NOGUEIRA SILVA, Sebastiana Maria. *Viagens Celestiais: da Apocalíptica à Literatura Hekhalot*. Revista Oracula. São Paulo: UMESP, 7.12, 2011, p. 271.

enviaram como seu intercessor: Sois vós que devíeis interceder pelos homens, não os homens por vós!⁴²⁰

A resposta divina é a acusação contra os Vigilantes. Além de abandonarem o céu, dormiram e se contaminaram com mulheres (1 Enoque 15.2), deixaram-se corromper pelo sangue das mulheres e geraram filhos com o sangue carnal.⁴²¹ Aqueles que eram espíritos eternos, destinados a serem imortais ao longo de todas as gerações do mundo tornaram-se mortais e transitórios (1 Enoque 15.3-4). “Por que Deus não deu mulheres aos anjos?”, o curioso pergunta. O Altíssimo responde: “por isso eu não criei para vós mulheres, pois os espíritos do céu possuem no céu a sua morada” (1 Enoque 15.4).

Deus, por sua vez, descreve sua visão sobre os gigantes. A partir de 1 Enoque 15.5 nota-se que “os gigantes eram um antiga raça cujos espíritos malignos – a progênie e encarnação dos espíritos rebeldes dos guardiões – agora infestam um mundo perturbado”,⁴²² pois declara:

Os gigantes, porém, que foram gerados do espírito e da carne, serão chamados na terra de espíritos maus; eles também terão a sua morada na terra. Do corpo delas procederam espíritos maus; pois, embora nascidos de humanos, é dos Guardiões santos o seu princípio e origem primeira. Eles serão espíritos corruptos sobre a terra. e assim chamar-se-ão. 6 Os espíritos do céu, no céu têm a sua morada; mas os espíritos da terra, que na terra foram nascidos, nessa terão a sua morada. Os espíritos dos gigantes são cheios de maldade, cometem atos de violência, destroem, agridem, brigam, promovem a devastação sobre a terra e instauram por toda parte a confusão. Pois, embora famintos, não comem; bebem, e continuam a ter sede. E esses espíritos levantam-se contra os filhos dos homens e contra as mulheres, pois dessas procederam.⁴²³

O último capítulo dessa subseção são as palavras finais de Deus a Enoque:

Dize agora aos Guardiões, que outrora moravam no céu, e que te enviaram como seu intercessor: 'Vós estáveis no céu. Nem todos os segredos vos foram revelados; contudo conhecíeis um segredo que não convinha passar, e na vossa imprudência o transmitistes às mulheres. Através da revelação desse segredo, homens e mulheres praticam muitas desgraças sobre a terra'. Portanto dize-lhes: 'Vós não tereis nenhuma paz'.⁴²⁴

Não há dúvida de que o propósito primário das visões nessa parte da obra são para estabelecer a autoridade de Enoque, uma vez que sua admissão à

⁴²⁰ RODRIGUES, 2004, p. 266-267.

⁴²¹ Boccaccini considera que esse fato está fundamentado em uma figura folclórica bem conhecida no mundo antigo, os demônios bebês-assassinos. Ver BOCCACCINI, 2005, p. 144.

⁴²² NICKELSBURG, 2011, p. 111.

⁴²³ RODRIGUES, 2004, p. 267.

⁴²⁴ RODRIGUES, 2004, p. 267.

presença de Deus qualifica o *status* de sua revelação.⁴²⁵ A partir daqui são descritas as viagens de Enoque até o julgamento dos Vigilantes.

2.4. A Primeira Jornada Cósmica de Enoque (17-19)

Entre os capítulos dezessete e dezenove da obra há o registro de uma jornada enóquica. Entre o céu e a Terra, nesses capítulos é narrada a primeira viagem cósmica do filho de Jared (sempre acompanhado pelo anjo intérprete): a primeira viagem leva Enoque às partes extremas da terra para ver o lugar onde serão punidos os anjos rebeldes.⁴²⁶ Nickelsburg atribui essa descrição à “*nekyia*” grega de Homero⁴²⁷ e John Collins ressalta que as jornadas enóquicas não possuem paralelos próximos das escrituras hebraicas.⁴²⁸

Entre muitos lugares repletos de simbologia apocalíptica (1 Enoque 17), o patriarca é levado para ver os caminhos dos Vigilantes, os confins da terra e o firmamento que se sustenta nas alturas (1 Enoque 18.2). As visões enóquicas continuam ascendendo (1 Enoque 18.3-5) até uma região atrás do abismo que remete ao julgamento dos anjos caídos, destronados. Lá (1 Enoque 18.6-7; 1 Enoque 21.3), descreveu o sétimo depois de Adão:

eu vi sete estrelas, como montanhas grandes e ardentes. Quando perguntei sobre elas, disse o Anjo: Esse é o lugar em que o céu e a terra acabam; essa é a prisão das estrelas e das legiões dos corpos celestes. E as estrelas que circulam sobre o fogo são aquelas que no início do seu curso transgrediram as ordens de Deus, não aparecendo no seu devido tempo. Assim, Ele encolerizou-se com elas e prendeu-as por dez mil anos, até o tempo em que estiver expiado o seu pecado. [...] Aquelas são as Estrelas do céu que transgrediram as ordens de Deus; aqui elas permanecem aprisionadas, até que transcorram os dez mil anos, o tempo do seu pecado.⁴²⁹

É interessante observar algumas curiosidades nessa porção da obra. A primeira é o sentido do termo “estrela” nesse texto. Alguns sugerem que os sete

⁴²⁵ COLLINS, 2010, p. 91.

⁴²⁶ FABRIS, 1993, p. 46.

⁴²⁷ Uma forma literária que relatava uma jornada ao lugar dos mortos e uma visão de seus castigos, em NICKELSBURG, 2011, p. 112; e DITOMASSO & TURCESCU, 2008, p. 6.

⁴²⁸ COLLINS, 2010, p. 93. Um estudo mais aprofundado de 1 Enoque 17-19 pode ser lido na obra de BAUTCH, Kelley Coblenz. *A Study of the Geography of 1 Enoch 17-19: 'No One Has Seen What I Have Seen'*. Danvers: Brill Academic Pub, 2003.

⁴²⁹ RODRIGUES, 2004, p. 269, 301.

arcanjos sejam referência a ideia helenística de sete planetas.⁴³⁰ Por outro lado, a segunda curiosidade adentra o capítulo dezenove com o início da resposta de Uriel, onde explica a visão ao patriarca informando que é o lugar onde ficarão os anjos que se misturaram com as mulheres. Sim, é interessante verificar que a obra afirma que anjos têm espírito e que as mulheres seduzidas seriam transformadas em sereias (1 Enoque 19.1-2).

Enfim, por toda parte o foco principal está no nível angélico, sobrenatural, nos anjos rebeldes, os gigantes, os demônios, que são a causa do mal atual, e nas figuras divinas e oficiais que executarão o julgamento sobre eles.⁴³¹ A jornada necessita continuar.

2.5. A Segunda Viagem Cósmica de Enoque (20-36)

Os capítulos vinte a trinta e seis remetem a última parte do Livro dos Vigilantes, um segundo conjunto de tradições sobre as viagens cósmicas de Enoque. Provavelmente, apesar de uma descrição geográfica mítica, tal viagem cósmica reflete o *mapa mundi* da antiga Babilônia.⁴³²

Na segunda jornada, na prisão dos anjos, o sétimo depois de Adão é levado ao mundo subterrâneo, à arvore da vida, às sete montanhas do ocidente,⁴³³ ao monte no centro da terra, ao vale maldito, aos confins orientais, setentrionais, ocidentais e meridionais da terra.⁴³⁴ Destacam-se nesse escopo a revelação dos nomes e funções dos santos anjos que vigiam (1 Enoque 20.1-8) e as cenas de julgamento. No fragmento grego que contem essa passagem eles são chamados “*archangeloi*” (“arcanjos”).⁴³⁵

⁴³⁰ COLLINS, 2000, p. 114, 101-102; e MARTIN, Rosel. *Panorama do Antigo Testamento: História, Contexto e Teologia*. São Leopoldo: Sinodal, 2011, p. 217.

⁴³¹ NICKELSBURG, 2011, p. 113.

⁴³² AUNE, 2003, p. 148; e DeCONICK, 2006, p. 250.

⁴³³ Como as sete estrelas e os sete arcanjos, as sete montanhas parecem ser modeladas à ideia helenística dos sete planetas até então conhecidos, assim como os doze portões do Livro Astronômico refletiriam a ideia do zodíaco, conforme COLLINS, 2000, p. 121.

⁴³⁴ FABRIS, 1993, p. 46.

⁴³⁵ COLLINS, 2000, p. 111.

2.5.1. Os Nomes e as Funções dos Anjos Vigias

Enoque recebe a revelação das funções dos chamados Anjos vigias (1 Enoque 20.2-8), que são as seguintes:

Uriel, um dos santos Anjos, preside ao mundo e ao tártaro; Raphael, um dos santos Anjos, dirige os espíritos dos homens; Raguel, um dos santos Anjos, exerce a vingança no mundo das Luzes; Miguel, um dos santos Anjos, foi estabelecido sobre a parte melhor dos homens, sobre o povo de Israel e sobre o Caos; Sarakael, um dos santos Anjos, foi estabelecido como o vigia dos Espíritos que induzem os outros espíritos ao pecado; Gabriel, um dos santos: Anjos, preside ao Paraíso, às Serpentes e aos Querubins; Remiel, um dos santos, Anjos, foi por Deus incumbido de presidir aos ressuscitados.⁴³⁶

É sabido que o conceito de sete arcanjos foi bem desenvolvido no ambiente judaico, bem como o lugar do julgamento dos maus.

2.5.2. Os Lugares de Julgamento dos Anjos Caídos

Naturalmente, todos os apocalipses referem-se a julgamentos e poucos descrevem o lugar dos julgamentos ou a preparação para eles.⁴³⁷ Porém, no Livro dos Vigilantes essa regra é perpassada. Daqui até o final do livro, Enoque visita vários lugares de julgamento. Para esse texto, resumir a riqueza de detalhes no universo simbólico do patriarca que não morreu é forçoso.

No primeiro lugar de julgamento não se via nem um céu por cima nem uma terra firme por baixo, mas tão somente um lugar desolado horrível. Lá estavam as sete estrelas celestes aprisionadas (1 Enoque 21.1-3). Dali o patriarca partiu com Uriel para outro lugar de julgamento, outra região ainda mais horrorosa do que a anterior, que causou grande espanto, a ponto de exclamar: "Como é medonho esse lugar e como é horrroso de se ver!" (1 Enoque 21.4). Era a prisão dos Anjos.

No terceiro lugar havia montanhas e cavernas profundas. De acordo com a revelação de Raphael, um dos santos Anjos que estavam com Enoque, as cavernas foram criadas para abrigar as almas daqueles que morreram, constituídas para sua morada, até o dia do seu julgamento, até o final do prazo e do tempo pré-estabelecidos, quando então ocorrerá a sentença final (1 Enoque 22.1-2).

⁴³⁶ RODRIGUES, 2004, p. 269. É importante ressaltar que no manuscrito etíope são listados seis anjos, enquanto no manuscrito grego há sete, salienta TERRA, 2012, p. 29. Para mais detalhes sobre a relação entre os manuscritos gregos e etíopes ver CHARLES, 1995, p. 17-29.

⁴³⁷ COLLINS, 1999, p. 18.

Dali, o sétimo depois de Adão se dirige a outro lugar nos próximos capítulos. Ele tem a visão de um fogo flamejante ambulante. Era o fogo que abastecia todas as luminárias do céu (1 Enoque 23). Daquele ponto, o filho de Jaredé é levado a outro lugar da terra onde observou sete montes magníficos, todos diferentes uns dos outros (1 Enoque 24). Miguel toma a palavra e explica a Enoque a revelação das montanhas (1 Enoque 25), dizendo:

Aquela montanha alta que viste, e cujo cume se parece com o trono de Deus, é de fato o seu trono, sobre o qual o Santo, o Grande, o Único, o Senhor da Glória, o Rei Eterno se assentará quando descer para visitar a terra e agraciá-la com a sua bênção.⁴³⁸

Em 1 Enoque 26 o patriarca chega a um lugar abençoado e frutífero, onde havia árvores com galhos que brotavam e floriam dos ramos podados, bem como desfiladeiros malditos. Ao questionar sobre o local (1 Enoque 27), Uriel declara o julgamento de Deus sobre os pecadores:

Nos últimos dias, realizar-se-á o espetáculo de um julgamento definitivo sobre eles, na presença dos justos; ali os piedosos louvarão ao Rei da Glória, ao Senhor da Eternidade. No dia do Julgamento dos pecadores os justos O louvarão por causa da sua misericórdia, por Ele manifestada para com eles. Então eu dei graças ao Rei da Glória, proclamei a sua honra e entoiei um canto de louvor a Ele.⁴³⁹

Em direção ao Oriente, o filho de Jaredé se vê em outro lugar. Era um lugar solitário, mas fértil (1 Enoque 28.1). Dali ele vai para outros lugares do deserto com semelhantes imagens de abundância (1 Enoque 29-31) até chegar ao chamado Jardim da Justiça (1 Enoque 32). Como o Éden, lá se encontrava a Árvore da Sabedoria, da qual é lembrado que “o teu antigo pai e tua antiga mãe comeram, antes do teu tempo. Com isso, eles conheceram o saber; os seus olhos se abriram e eles reconheceram que estavam nus. Então eles foram expulsos do Paraíso”.⁴⁴⁰

Adiante, Enoque é levado aos confins da terra. Lá, vê desde animais de grande porte até os portais do céu (1 Enoque 33). Nesse ponto o visionário que não morreu anota algo enigmático. Ele vê

as estrelas do céu se aproximarem, contei os portões por onde elas apareciam, anotei a saída de todas, e em relação a todas anotei especialmente o número, o nome, as conexões, as posições, os períodos e meses, tudo segundo me mostrava o Anjo Uriel, que estava comigo. Ele

⁴³⁸ RODRIGUES, 2004, p. 272.

⁴³⁹ RODRIGUES, 2004, p. 273.

⁴⁴⁰ RODRIGUES, 2004, p. 273-274.

mostrava-me tudo, transcrevendo ao mesmo tempo; transcreveu para mim o nome de cada uma e suas leis, bem como as suas acompanhantes.⁴⁴¹

No capítulo trinta e quatro Enoque é levado aos confins da terra para presenciar os três portais celestes abertos.⁴⁴² Dali, rumo ao Ocidente, até os confins da terra, vê semelhantemente aos que vira no Oriente os mesmos portões, com suas aberturas (1 Enoque 35).⁴⁴³

Finalmente, o último capítulo do Livro dos Vigilantes destaca o lugar dos portões, de onde provêm os ventos e uma doxologia do patriarca:

Nesse momento, eu louvei o Senhor da Glória e a toda hora o louvo, por ter Ele criado as obras grandes, magníficas e admiráveis e por mostrar a magnitude da sua obra aos Anjos, aos Espíritos e aos homens, para que todos louvem a sua inteira Criação, ao verem a força do seu poder, possam, assim, proclamar grande obra das suas mãos glorificar o Senhor por toda eternidade.⁴⁴⁴

Essas são as palavras do pseudoenoque no Livro dos Vigilantes.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS DO CAPÍTULO

Do lato para o estrito, do geral para o particular, o conteúdo enóquico no Livro dos Vigilantes foi submetido a um exaustivo exame. Como os santos anjos proporcionaram a visão religiosa do autor e deles é que Enoque aprendeu tudo, com a mesma devoção, a construção desse capítulo almejou a compreensão das visões que se puderam ler, objetivando informações sólidas tanto para a geração presente como para a geração futura.

Imergidos no conteúdo do Livro dos Vigilantes, reconhecendo o valor da figura pseudônima de Enoque e as temáticas principais do escopo maior do livro etíope, emergiram-se conceitos valiosos sobre a revelação dos Vigilantes (nomes, funções, origem do mal, julgamentos e condenação), sua ligação com o livro judaico de Gênesis e o universo abarrotado de simbolismo nas jornadas cósmicas do patriarca que não morreu. Como Enoque aprofundou-se no que lhe foi revelado, se fez com o conteúdo de sua mensagem, afinal,

⁴⁴¹ RODRIGUES, 2004, p. 274.

⁴⁴² RODRIGUES, 2004, p. 274.

⁴⁴³ RODRIGUES, 2004, p. 274-275.

⁴⁴⁴ RODRIGUES, 2004, p. 275.

a ideia é típica da apocalíptica: é permitido que Henoc veja os segredos da existência, de modo que ele possa reconhecer Deus como Criador e Senhor e passar seu conhecimento para a humanidade, ou seja, para os que têm ouvidos para ouvir.⁴⁴⁵

Entretanto, é notório que os assuntos do Livro dos Vigilantes quanto a rebelião dos anjos maus e suas uniões com mulheres gerando gigantes, transmissão de conhecimentos ocultos e maldade sobre a terra apontam para duas realidades específicas bem maiores: a concepção do problema do mal⁴⁴⁶ advindo ao mundo e o julgamento tanto dos anjos como dos homens pela vivência desse mal.

⁴⁴⁵ OTZEN, 2003, p. 231.

⁴⁴⁶ ROLDAN, 2002, p. 72.

CAPÍTULO III

O PROBLEMA DO MAL NO LIVRO DOS VIGILANTES

Existem muitos textos, canônicos ou não, que podem instigar os leitores na investigação cuidadosa da origem e desenvolvimento do mal. A pergunta essencial é: a quem ou a quem se deve creditar a existência do mal no mundo? A resposta para essa indagação — talvez tão antiga como a própria humanidade — é, sobretudo, multifacetada. O lugar, a época, as tradições, a crença religiosa, principalmente das abraâmicas ou monoteístas,⁴⁴⁷ e a cosmovisão dos indivíduos mudam os discursos, as tentativas de fundamentar a origem do mal, que se constitui um problema a ser solucionado.

A exemplo do texto canônico de Isaías 45.7,⁴⁴⁸ se lê que o Deus de Israel forma a luz e cria as trevas, faz a paz e cria o mal; Ele, o Senhor, faz todas essas coisas. Inevitavelmente surge a questão “como um Deus bondoso pode criar o mal?”. Assim como esse ditame profético, o tentame de conciliar duas realidades opostas no mundo, o antagonismo dualista tão evidente na apocalíptica e nos escritos de Qumrã, desenvolveu-se em muitos textos do passado,⁴⁴⁹ estabelecendo confrontos de poder e limitando a vida humana e o mal pelo mundo a partir do

⁴⁴⁷ Considerando o cristianismo, o judaísmo e o islamismo, “a rigor, a desgraça humana, ou o mal em todas as suas formas, é um problema para aqueles que creem em um Deus único, onipotente e todo amoroso”, segundo o biblista australiano Francis I. Andersen apud SAYÃO, Luiz. *Agora Sim! Teologia na Prática, do Começo ao Fim*. São Paulo: Hagnos, 2012, p. 35.

⁴⁴⁸ Outros textos do cânon judaico que podem conectar tanto o bem como o mal ao Deus de Israel são: por atribuição direta, Jó 2.10, Lamentações de Jeremias 3.38 e Amós 3.6; indiretamente, 1 Sm 16.23, 2 Samuel 24.1 (1 Crônicas 21.1) e 1 Re 22.7-23.

⁴⁴⁹ Os estudos demonstraram que já na antiga Mesopotâmia (Tiamat e Marduk) e nas primeiras civilizações os conceitos do bem e do mal já coexistiam. A idéia de divindades que caem faz parte da tradição ugarítica (Attar e Baal), da mitologia cananéia. No Egito, onde os filhos de Israel permaneceram por mais de 400 anos, o dualismo antagônico já existia nas divindades de Seth e Orus. Na Grécia antiga, se apregoava mais intensamente o dualismo em suas deidades e seus filósofos não podiam ignorar o problema do mal, pois esse estava em todo o lugar, sugerindo a hierarquia da ordem natural como explicação plausível. Os exílios de Israel também foram determinantes para o desenvolvimento da temática em torno do mal. Entre os exílios persa e babilônico a história judaica foi semeada pelas tradições de seus algozes. É interessante observar que a sabedoria de Enoque tem afinidades muito próximas com a sabedoria mântica dos babilônios. Enfim, na tradição judaico-cristã, a origem do mal envolve, pelo menos, dois conceitos: o pecado original e a demonologia. O Novo Testamento apresenta um conflito cósmico entre Jesus e o Diabo. Os demônios ou espíritos imundos eram retirados das pessoas. Naturalmente, a literatura canônica do Novo Testamento cristão desenvolveu uma demonologia apoiada nos ensinamentos de Jesus. Mais detalhes podem ser encontrados em COLLINS, 2010, p. 45; e STONE, 1991, p. 195; e NICKELSBURG, 2011, p. 39, 99; e TERRA, 2010, p. 38.

universo sobrenatural de anjos e demônios,⁴⁵⁰ na chamada “assimilação mítica”.⁴⁵¹

Ademais, sabe-se que a etiologia do mal é bem evidenciada em referências do Gênesis canônico e de 1 Enoque, sendo esse último o receptáculo do mito que “dá lugar ao problema do mal demoníaco dentro da perspectiva apocalíptica”,⁴⁵² cuja finalidade “era dar uma resposta aos tempos de crises, tanto da índole cultural (influência de impérios pagãos), como da teodiceia”.⁴⁵³

Ora, se se considera os escritos apocalípticos como resposta para a pergunta “por que o justo sofre?”, diante das calamidades do povo e ausência de profecias, conseqüentemente existirá uma estreita ligação entre o Livro dos Vigilantes e o problema do mal. Como bem ressaltou Terra, nota-se que

o autor [...] utilizou-se do texto, ou de uma parte antiga, de Gênesis para adequar suas propostas teológicas da origem do mal e dos pecados na Terra. [...] nós temos uma narrativa onde a causa do mal do mundo é fruto de uma ação celeste, servindo de etiologia para o pecado e maus espíritos [...]. O tema da origem do mal é central no mito, em suas releituras ele é desenvolvido e aparece no decorrer da tradição.⁴⁵⁴

A maioria dos estudiosos dispõem tais elementos em conjunto, reconhecendo que houve uma mudança significativa na perspectiva teológica acerca do mal

entre os séculos II [a.E.C.] e I [E.C.] com o surgimento de uma rica literatura acerca do demoníaco [...] considerada apócrifa [e] como literatura apocalíptica. Em tal literatura, a imaginação rompe as barreiras canônicas e está repleta de citações relativas aos espíritos malignos que se assanham em contrariar as obras e os desígnios do criador do Universo.⁴⁵⁵

Tanto o gênero, como a obra e o conceito estão situados temporalmente aproximados.⁴⁵⁶ Os campos discursivos interagem.

⁴⁵⁰ Quanto ao problema do mal atribuído aos aspectos da demonologia, recomendo a leitura das obras de TERRA, 2010; e NETO, Antonio Lazarini. *O Mal: Transformações do Conceito na Tradição Judaico-Cristã*. Disponível em: <http://www.revistatheos.com.br/Artigos%20Anteriores/Artigo_02_03.pdf> Acesso em: 29 abr. 2013.

⁴⁵¹ Considerando a adoção de antigas tradições e a incorporação dessas à teologia israelita, essa expressão é sugerida por TERRA, 2010, p. 23. Ver também NOGUEIRA (Ed.), 2000, p. 69.

⁴⁵² AUFFARTH & STUCKENBRUCK, 2004, p. 103.

⁴⁵³ ROLDAN, 2002, p. 73.

⁴⁵⁴ TERRA, 2010, p. 23-24, 32.

⁴⁵⁵ NETO, Antonio Lazarini. *O Mal: Transformações do Conceito na Tradição Judaico-Cristã*. Disponível em: <http://www.revistatheos.com.br/Artigos%20Anteriores/Artigo_02_03.pdf> Acesso em: 29 abr. 2013, p. 6.

⁴⁵⁶ O apocalipticismo mostra-se claramente como reflexo da história real do judaísmo no período helenístico-romano, segundo STEGEMANN & STEGEMANN, 2004, p. 174.

Destarte, com o objetivo de compreender o problema do mal no *corpus* do Livro dos Vigilantes, da explicação dos conceitos mais recentes sobre o tema se evidenciará a concepção do mal na obra atribuída ao filho de Jared, que é uma longa compilação de lendas sobre eventos e elementos das escrituras judaicas sobre a “explicação da existência do mal no mundo”.⁴⁵⁷ Antes, é indispensável a exposição e definição de alguns conceitos relacionados ao problema do mal.

1. A TEODICEIA E A ETIOLOGIA DO MAL

Entre a filosofia e a teologia,⁴⁵⁸ as constantes reflexões sobre a origem, desenvolvimento e universalidade do mal eram e continuam sendo inevitáveis. Os termos “Teodiceia”, “pecado”, “injustiça”, “mal”, dentre outros, surgem frequentemente nas literaturas do gênero. Antes de adentrar no Livro dos Vigilantes, é importante definir e situar esses conceitos.⁴⁵⁹

1.1. O Conceito de Teodiceia

Há uma palavra moderna para descrever o problema do mal aludido por muitos escritores do Segundo Templo. É o termo Teodiceia.⁴⁶⁰ Criado pelo estudioso Gottfried Wilhelm Leibniz no século XVIII E.C., a expressão era utilizada para designar a doutrina que buscava conciliar a bondade e onipotência divinas com a existência do mal no mundo. Para o filósofo alemão, o mal é mera privação, uma

⁴⁵⁷ Deve-se julgar a literatura narrativa do judaísmo nos termos de seu próprio ambiente e não no contexto do conto ou romance modernos, conforme NICKELSBURG, 2011, p. 34.

⁴⁵⁸ Para uma compreensão mais detalhada da Teodicéia em termos filosóficos e teológicos recomendo a leitura das obras de ESTRADA, Juan Antonio. *Imagens de Deus: a Filosofia ante a Linguagem Religiosa*. São Paulo: Paulinas, 2007, p. 179-218; e EVANS, G. R. *Agostinho sobre o Mal*. São Paulo: Paulus, 1995, p. 139-166.

⁴⁵⁹ Os conceitos envolvendo o dualismo foram abordados no primeiro capítulo da dissertação.

⁴⁶⁰ Esse termo vem do grego “*theós*” (θεός), o mesmo que “*Deus*”, e “*dikê*” (δικη), termo para “*justiça*”. Em seu uso comum, esse vocábulo usualmente designa justificar as maneiras de Deus agir em relação aos homens, por isso, “*justiça de Deus*”. Alguns sugerem que Epícuro foi um dos percussores do tema na filosofia ocidental por volta de 300 a.E.C., conforme escreveu o filósofo escocês David Hume: “As antigas perguntas de Epícuro permanecem sem resposta. Quer ele (Deus) impedir o mal, mas não é capaz de fazê-lo? Então, ele é impotente (i.e, não é onipotente). Pode ele fazê-lo, mas não o deseja? Então ele é malévolos. Não é ele tanto poderoso como deseja fazê-lo? De onde, então, procede o mal?”. Em SAYÃO, 2012, p. 35.

consequência inevitável da limitação.⁴⁶¹

Apesar da contemporaneidade do termo em si, sua definição pode ser percebida nas explicações de vários textos antigos (1 Enoque, Jó, 2 Baruc, Tobias, 4 Esdras), onde seus autores, definitivamente, estão preocupados em responder questões relacionadas sobre a coexistência de Deus e do mal no mundo. Buscando uma explicação ou motivo da prevaência do mal, geralmente a premissa é que

tudo quanto acontece nesse mundo vem de um Deus pessoal que deliberadamente escolhemos para criar o mundo, governar e mantê-lo. Deus faz escolhas dentre todas as possibilidades que Deus mesmo criou. Somente outra criatura é dada a capacidade de escolha: o ser humano. O mal contradiz a vontade criadora do Criador e tenta ganhar o controle sobre os humanos enquanto eles fazem escolhas.⁴⁶²

Considerando a apocalíptica como a literatura de resistência dos oprimidos e a necessidade de resolver um problema histórico a partir da justiça divina, dentro da obra imputada a Enoque “o livro dos Vigilantes tem características marcantes de uma teodiceia”,⁴⁶³ ou, pelo menos, abarca tentativas de enfrentar experiências mal atribuídas a permissão divina,⁴⁶⁴ ou, quem sabe, enfatiza que o evento não nega a origem sobre-humana do mal, mas mantêm os seres humanos responsáveis pelas ações pecaminosas que cometem.⁴⁶⁵ No momento que propõe conciliar Deus e a religião em face do mal ou ser uma tentativa,⁴⁶⁶ a própria teodiceia se torna um problema.

1.2. O “Problema do Mal” e o “Pecado”

O “problema do mal” e o “pecado”, aparentemente, se referem a mesma percepção de uma realidade universal, mesmo “na religiosidade de Qumran”.⁴⁶⁷

⁴⁶¹ Propondo uma discussão filosófica sobre a conformidade da fé com a razão e apresentando ensaios sobre a justiça divina diante da liberdade humana e a origem do mal, sugiro a leitura da obra de LEIBNIZ, Gottfried Wilhelm. *Theodicy: Essays on the Goodness of God, the Freedom of Man and the Origin of Evil*. New York: Cosimo Books, 2009, p. 133-134, 295-296. Obra publicada originalmente em 1.710 E.C.

⁴⁶² AUFFARTH & STUCKENBRUCK, 2004, p. 8.

⁴⁶³ TERRA, 2010, p.48.

⁴⁶⁴ NEUSNER, 2003, p. 87.

⁴⁶⁵ SACCHI e COLLINS apud NEUSNER, 2003, p. 127-128.

⁴⁶⁶ BIRNBAUM, David. *God and Evil: a Unified Theodicy, Theology, Philosophy*. 5th Ed. Hoboken: Ktav Publishing House, 1998, p. XVIII. Também se sugere a leitura dos principais tipos de Teodicéia resumidos por SAYÃO, 2012, p. 36-39.

⁴⁶⁷ BOCACCINI apud TERRA, 2010, p.71.

Todavia, há distinções.⁴⁶⁸ O primeiro é uma designação filosófica e o segundo uma expressão teológica. Aquele é amplamente divulgado como teoria e esse é largamente difundido como doutrina/dogma. Enfim, o primeiro é a explanação enóquica da origem do mal contrastando com os relatos do pecado adâmico do outro. Entre “A” e “B”,

o que o homem chama de mal, às vezes, acaba por ser bom aos olhos de Deus; o sofrimento, a dor e a morte são as consequências da crença ou do comportamento errantes do homem e, portanto, são vistos como punições justas, ou como parte de um grande esquema para o bom final cósmico.⁴⁶⁹

Por fim, se existe algum mal necessário, tanto a apocalíptica como o Livro dos Vigilantes trataram dele. Tanto uma como o outro são subprodutos da “etiologia do pecado e do mal”,⁴⁷⁰ que o Deus de Enoque precisou confrontar para defender seu povo.

2. O DEUS DE ENOQUE E O PROBLEMA DO MAL

O Deus de Enoque é Único, Rei, Poderoso, Protetor, dentre outras qualificações. O *corpus* dedica muitas palavras para enaltecerem o Deus do filho de Jared antes de anunciar o mal coexistente. Os atributos divinos citados pelo texto são como uma pré-teodiceia, o que é natural dentro da apocalíptica. O próprio gênero é caracterizado como resposta às perguntas do povo perseguido. O texto, sem mencionar o mal, já defende Deus estabelecendo a mão do Criador na história, que, de maneira única, soberana e graciosa, a controla até o fim.

A despeito da unicidade do Senhor e Rei (1 Enoque 25.2), do Eterno e Santo, do Glorioso e Vivo (1 Enoque 1.2-6), o Deus enóquico é intermediado por santos anjos (1 Enoque 1.1), que era considerado um tipo de revelação superior.⁴⁷¹ O universo, a Terra e suas leis naturais (1 Enoque 2.1-1 Enoque 5.2) obedecem a Lei do Criador. Não obstante, nem tudo é bom e a própria voz do discurso esclarece

⁴⁶⁸ Mesmo considerando as distinções entre um termo e outro, o capítulo usará ambos como designando um mesmo conceito filosófico-teológico.

⁴⁶⁹ BIRNBAUM, 1998, p. 9.

⁴⁷⁰ NICKELSBURG & VANDERKAM, 2012, p. 81-108.

⁴⁷¹ A busca por uma sabedoria superior através de revelação é bem atestada na era helenística, de acordo com COLLINS, 2010, p. 45. Da mesma maneira que as mulheres são mediadoras entre o santo e o profano, que os santos anjos são mediadores entre o clamor dos homens e Deus, Enoque é o mediador da revelação de Deus aos homens e anjos caídos.

que uma parte da criação, os anjos caídos, contrariam o Deus Todo-Poderoso. Aqueles que eram inicialmente bons, conseguiram se tornar efetivamente maus, o que é uma embaraçosa incógnita.

A junção dos textos do Gênesis canônico e 1 Enoque, portanto, atribuem as raízes do mal no mundo, inicialmente, à rebelião angelical contra Deus, que, por sua vez, se manifestou como opressão e assassinato dos justos.⁴⁷² Diante disso, entre o mal advindo ao mundo e o Deus bondoso da criação, há um paradoxo inescapável e, apesar dos atributos divinos citados, diante da rebelião angelical o Deus de Enoque se revela inicialmente inoperante. A aparência do mal nos anjos rebelados se eleva a uma força potente que só o próprio Deus no texto pode deter. Contudo, onde estaria o Deus de Enoque?

2.1. A Inatividade de Deus Diante do Mal

Já muito se ouviu dizer: “quem cala consente”. É estranho o relato do patriarca, pois o texto se silencia sobre o conhecimento de Deus acerca dos pecados dos Vigilantes descritos em 1 Enoque 6-11. A leitura do mito proporciona um questionamento inevitável: onde estaria Deus? Ora, se o mal deriva de fontes espirituais, deveria ser, igualmente, superado pela intervenção divina. Entretanto, somente quando o leitor chega em 1 Enoque 7.3 (quando a rebelião angélica, união sexual com as mulheres, ensinamentos proibidos e nascimento dos gigantes já se deram, enfim, a grande parte dos males registrados no livro) — o que é repetido em 1 Enoque 8.3 — é que se lê sobre o clamor da Terra que Deus haveria de responder, pois os gritos dos homens chegaram ao céu.

O nono capítulo da obra reforça ainda mais o questionamento anterior, pois o clamor não é ouvido primeiramente por Deus, mas pelos santos anjos. Miguel, Uriel, Raphael e Gabriel olharam do alto do céu e viram a quantidade de sangue derramado sobre a terra e todas as desgraças que sobrevieram, resolvendo agir. A fala entre eles demonstra que os homens não somente veem os anjos caídos como os agentes do mal, como também veem os santos anjos como seus mediadores à presença do Altíssimo (1 Enoque 9.1). Mas, onde está o Deus onipresente, onisciente e onipotente diante do surgimento do mal no mundo? Até esse momento,

⁴⁷² NEUSNER, 2003, p. 91.

não se sabia.

O relato do escriba da justiça continua, demonstrando agora que os santos anjos exaltam e defendem Deus diante dos últimos acontecimentos na Terra. A defesa de Deus no texto provém das elucidações angelicais que o Altíssimo domina sobre tudo (1 Enoque 9.3), vê tudo (1 Enoque 9.3-4) e conhece tudo (1 Enoque 9.7). A justificação, todavia, é como uma faca de dois gumes. Pelos mesmos atributos, Deus se torna inoperante e o leitor atento se surpreende com a próxima declaração dos santos anjos: “Tu vês tudo isso e consentes. Não nos dizes o que devemos fazer”. O Deus de Enoque, mais uma vez, é passível de questionamento. Diante de toda a sua soberania, no que foi perpetrado por Azazel e Semjaza, os santos anjos clamam: onde está tua resposta?

Sabe-se que a literatura apocalíptica se propõe apresentar revelações da parte de Deus, explicar o motivo da origem do mal, bem como prometer um futuro glorioso. Se se reputar que o mito dos anjos caídos no Livro dos Vigilantes seja uma alegoria para alguma crise israelita da era helenística⁴⁷³ (visão religiosa⁴⁷⁴), será natural, ou mesmo determinante, imaginar os tempos de severa perseguição, a suposta ausência do Deus de Israel perceptíveis pelo silêncio inter-testamentário e inexistência dos profetas como num passado glorioso, bem como a expansão do mal no território do povo escolhido por Deus.

Se o povo de Israel se questionava acerca de qualquer evento histórico de sua época, certamente a visão atestada “pseudonimicamente” pelo patriarca Enoque conduziria à resposta da oração do povo perseguido, elevando-o à crença do livramento divino e na erradicação do mal e da injustiça mediante o estabelecimento de uma nova era no porvir. Conforme o texto, os queixumes dos mortos e dos homens na Terra não cessavam, tão menos o de Miguel, Uriel, Raphael e Gabriel se acabariam. O sofrimento dos homens, portanto, não duraria muito tempo. Em algum momento o Deus de Enoque agiria.

⁴⁷³ A sugestão dos principais especialistas é que o pesquisador não ligue demais o texto enoquico a qualquer situação histórica, ainda que haja algo teológico em sua apocalíptica. É suficiente compreender que há um pressuposto alegórico para alguma crise da era helenística, uma maneira de explicar a existência do mal e do sofrimento no mundo sem conflitos com a existência de Deus. Em COLLINS, 2010, p. 87-88, 96; e AUFFARTH & STUCKENBRUCK, 2004, p. 89.

⁴⁷⁴ Se observado o mito como categoria hermenêutica da realidade, ou seja, de proposta de interpretação simbólica do (s) contexto (s) social (ais), de acordo com TERRA, 2010, p. 34.

2.2. A Atividade de Deus Diante do Mal

Lembrando muito o relato mesopotâmico do Utnapishtim e, até mesmo, a Epopeia de Gilgamesh, a atividade divina se concentrou em três atos: (1) primeiramente, Deus anuncia o advento do dilúvio, (2) depois, dá ordens aos Santos anjos e (3), a seguir, convoca o Escriba da Justiça. Assim como Noé, ele seria salvo, pois o desejo de Deus é que não se perdessem todos os filhos dos homens.

2.2.1. O Anuncio do Dilúvio

Pode ser mais fácil explicar a etiologia do mal com a negação de Deus. Porém, no texto o Deus de Enoque é real e resolve agir conforme os relatos do décimo capítulo. O Altíssimo não censura a angústia dos santos anjos e resolve dar a resposta final a um novo personagem, por intermédio de Uriel. O Santo haveria de julgar o mundo inteiro com a destruição por meio de um dilúvio. Surge, portanto, a figura do filho de Lameque, Noé (1 Enoque 10.1-2).

Especificamente, o dilúvio destrói os assustadores gigantes e dá origem aos espíritos demoníacos. Na verdade, segundo a expectativa apocalíptica que predominava entre os essênios, todo o processo de luta contra os invasores e os maus israelitas era a expressão de uma luta espiritual intensa entre Deus e Belial, que seria julgado no tempo devido.⁴⁷⁵

2.2.2. As Ordens aos Santos Anjos

As ordens divinas revelam que Raphael foi incumbido de purificar a Terra, amarrando Azazel e lançando-o nas trevas para sempre. Gabriel, por sua vez, deveria levantar a guerra entre os monstros bastardos, instigando uns contra os outros, para extirpar do meio dos homens esse mal. Finalmente, coube a Miguel a missão de prender Semjaza e os seus seqüezes (1 Enoque 10.3-6). Se tanto o homem como Deus eram defendidos no escrito etíope, até mesmo os guardiães pecadores são defensáveis, pois estiveram arrependidos, com vergonha de seus

⁴⁷⁵ CARNEIRO, Marcelo da Silva. *O Mal na Bíblia: a Personificação do Mal nos Escritos do Período Helênico aos Escritos do Cristianismo Primitivo*. Disponível em: <http://www.revistaancora.com.br/revista_8/CARNEIRO%20OK!.pdf> Acesso em: 09 jul. 2013, p. 11.

delitos (1 Enoque 13.3).

2.2.3. A Convocação de Enoque

Até o final da narrativa do mito dos vigilantes, no capítulo onze, o filho de Jaredé não fora mencionado. Enoque desaparecera, como igualmente descrito no Gênesis canônico. Nenhum dos filhos dos homens sabia onde ele se encontrava, onde se ocultava e o que era feito dele. Os relatos adiante intentam esclarecer o que está oculto. Abruptamente, ele reaparece. O que ocorrera é que ele havia estado junto dos Guardiões e transcorreu os seus dias na companhia dos Santos (1 Enoque 12.1-2). Essa atitude foi parte da atividade divina na execução de seu julgamento sobre os Vigilantes caídos. Enoque agora era o Escriba da Justiça, responsável por anunciar aos Guardiões pecadores a sentença do Altíssimo.

O desaparecimento de Enoque é indispensável na estrutura apocalíptica. Além de a pseudonímia legitimar o discurso de um autor que quer ser ouvido, o abundante e alto nível de simbolismo incrustado nas jornadas cósmicas e visões do patriarca, ao passo que o autorizam como um homem digno de ser ouvido, também enfeita as deficiências do Deus que permitiu o mal entre os anjos e os homens. Não há dúvidas de que o texto final bebeu de muitas outras fontes e tradições, tornando o pseudônimo da obra inigualável. Enoque, se não bastasse a tradição mosaica e/ou bíblica, tornou-se tão especial quanto os sábios sumérios Utuabzu e Enmeduranki, relacionando-se com anjos e ascendendo aos céus como os reis antigos, que voltavam para a companhia dos seus deuses.

Da Terra para o céu e do céu para a Terra, de escriba a sábio, o sétimo depois de Adão é um visionário por excelência e profeta contra o pecado e o mal; homem santo que não viu a morte. A escolha

do patriarca antediluviano Enoque como porta-voz de Deus é significativa: antecedendo ele a Abraão e à escolha de Israel, não se enquadra na lei de Moisés, mas na lei universal que rege o universo inteiro e toda raça humana.⁴⁷⁶

Portanto, o pseudônimo de Enoque tem a piedade necessária para a obra encontrar audiência sobre a relação dos vigilantes caídos com o mal advindo ao homens.

⁴⁷⁶ NOGUEIRA (Ed.), 2000, p. 74.

3. OS HOMENS, OS VIGILANTES E O PROBLEMA DO MAL

O mundo criado para os homens se desenvolve tal como na alegoria das filhas dos homens: bonito e amável. O mal não se origina naquilo que é bonito e amável? Talvez não, a não ser que haja uma intervenção externa que os tente a praticar o mal. É aqui que surge o mal entre os homens; ele veio de anjos caídos do céu. O problema do mal é verificado na rebelião angelical, no sexo entre anjos e mulheres, nos ensinamentos proibidos e na geração profana dos gigantes. Embora esse tema apareça e se desenvolva em outros textos ganhando novas formas,⁴⁷⁷ não se constitui um exagero poético, mas o reflexo do coração da experiência da realidade fenomenal dos apocalípticos.⁴⁷⁸

No Livro dos Vigilantes os homens são, praticamente, impotentes diante da origem do mal no mundo. O pecado é mostrado a eles (1 Enoque 13.1).⁴⁷⁹ Desolados, vivos ou mortos (1 Enoque 9.6), clamam aos santos anjos (1 Enoque 9.1). São pais que até mesmo intercedem pelos filhos bastardos gigantes (1 Enoque 10.5, 7). São maltratados (1 Enoque 10.9). Homens como Enoque e Noé eram justos e honestos (1 Enoque 15.1). Cada um desses testemunhos contraria um conceito geral de teodiceia que responsabiliza o homem pela existência do mal no mundo, afinal,

invariável e inevitável, a imagem divina é sustentada, e a do homem é diminuída. A onisciência, onipotência e benevolência de Deus podem, aparentemente, ser consideradas invioláveis apenas à custa da impotência maldade ou intelecto limitado do homem.⁴⁸⁰

Igualmente, a angelologia é bem desenvolvida no livro. Os anjos, os Vigilantes, são chamados filhos de Deus (1 Enoque 6.1), guardiães, filhos do céus (1 Enoque 14.2). Há santos anjos e também rebeldes. Os chefes dos Vigilantes caídos eram Semjaza, o superior de todos eles, Arakiba, Rameel, Kokabiel, Tamiel, Ramiel, Danei, Ezekeel, Narakijal, Azael, Armaros, Batarel, Ananel, Sakeil, Samsapeel, Satarel, Turel, Jomjael e Sariel (1 Enoque 6.4).

⁴⁷⁷ Ver BOCCACCINI, Gabriele. *Beyond the Essene Hypothesis: The Parting of the Ways between Qumran and Enochic Judaism*. Grand Rapids: William B. Eerdmans, 1998, p. 72.

⁴⁷⁸ NEUSNER, 2003, p. 56.

⁴⁷⁹ Nessa perspectiva, o pecado original não é de inteira responsabilidade dos primeiros seres humanos, afinal, eles foram enganados pelos anjos os quais deviam ser confiáveis, segundo SZÓNYI, 2011, p. 40.

⁴⁸⁰ BIRNBAUM, 1998, p. 9, 16.

Entre a humanidade e os Vigilantes caídos, aparecem os Santos anjos. Vigias que têm suas funções bem definidas. A partir do relato da segunda viagem cósmica de Enoque percebe-se que cabe a Uriel presidir ao mundo e ao tártaro, a Raphael dirigir os espíritos dos homens, a Raguel exercer a vingança no mundo das Luzes, a Miguel estabelecer-se sobre a parte melhor dos homens, sobre o povo de Israel e sobre o Caos; a Sarakael ser vigia dos Espíritos que induzem os outros espíritos ao pecado, a Gabriel presidir ao Paraíso, às Serpentes e aos Querubins e a Remiel presidir aos ressuscitados (1 Enoque 20.1-8).

Também há outra relação interessante. Notadamente, homens e mulheres estão subordinados aos Vigilantes caídos. Com Deus, um único homem tem autoridade sobre todos os Vigilantes caídos. Convidado, Enoque pode se aproximar d'Aquele que nem mesmo os anjos podiam se chegar (1 Enoque 14.12, 14). Portanto,

o livro dos Vigilantes estabelece uma dicotomia entre o gênero humano, as esposas dos Vigilantes, e Enoque. As mulheres são apenas destinatários de mistérios rejeitados, enquanto Enoch aprende o verdadeiro segredo do céu dos anjos reveladores quando ele sobe ao céu vivo.⁴⁸¹

A resposta divina veio por meio de visões em sonhos, mais bem avaliados adiante. Do mesmo modo que Terra desenvolveu três temas relacionados ao mito dos vigilantes,⁴⁸² a seguir se propõe três perspectivas quanto ao problema do mal no Livro dos Vigilantes: a origem, a proliferação e o julgamento do mal.

3.1. A Origem do Mal: a Rebelião Angelical

Limitação humana ou permissão divina? Entre ambas as possibilidades, o texto apocalíptico etíope em estudo fundamenta que a origem do mal é a rebelião angelical, uma posição intermediária entre Deus e os homens. De fato, “a caída dos anjos deu origem a todos os males da terra”.⁴⁸³ É por isso que o mito é tão atraente,⁴⁸⁴ pois oferece uma resposta plausível a uma delicada questão, tornando Deus inculpável pelas misérias da vida humana e os anjos caídos como os

⁴⁸¹ ARBEL, Dphna V. & ORLOV, Andrei A. (Eds.). *With Letters of Light: Studies in the Dead Sea Scrolls, Early Jewish Apocalypticism, Magic, and Mysticism*. New York: Ekstasis, 2011, p. 196, 204.

⁴⁸² A saber: impureza, ensinamentos impróprios e violência. Em TERRA, 2010, p.41-50.

⁴⁸³ NOGUEIRA (Ed.), 2000, p. 73.

⁴⁸⁴ AUFFARTH & STUCKENBRUCK, 2004, p. 1.

responsáveis embrionários da existência do mal na obra criada.⁴⁸⁵

Pensar na origem do mal significa determinar o que precisa ser combatido, com o quê ou contra quem se precisa lutar... o (s) adversário (s). A queda e/ou rebelião angelical consegue tornar o mal no mundo uma realidade independente de Deus e, posteriormente, contra o Criador e a criação. Assim, definitivamente, a apocalíptica cria um mundo oculto de anjos santos e rebeldes, cuja ações são diretamente relevantes para o destino dos homens. Daí o pensamento apocalíptico adaptado da religião persa, “uma luta entre um princípio do bem e um princípio do mal”.⁴⁸⁶

Nem mesmo o fato dos Guardiães tremerem diante do Altíssimo (1 Enoque 1.3) impede a rebelião angelical no cume do Hermon, o lugar sagrado que agora é palco dos rebelados. Nesse texto compilado de lendas sobre eventos e elementos das escrituras judaicas o mal surge pelo desejo. Seres espirituais desejaram unir-se sexualmente a seres carnis e gerarem filhos (1 Enoque 6.1).

Antes de averiguar as atividades angelicais que introduziram o mal no mundo, os Vigilantes já foram denominados caídos e duros de coração (1 Enoque 5.3), malditos, pecadores e pérfidos (1 Enoque 5.5) por não terem perseverado na lei de Deus, violando princípios essenciais visto nas relações espiritual/carnal, perpétuos/transitórios, imortais/mortais, puro/impuro. Assim descreve o sétimo depois de Adão:

Vós éreis santos, seres espirituais, detentores de uma vida eterna, mas depois vos deixastes corromper pelo sangue das mulheres e gerastes filhos com o sangue carnal, e com isso, desejando o sangue humano, e produzindo carne e sangue, vos igualastes àqueles que são mortais e transitórios. 4 Por isso, eu concedi a essas mulheres, que com eles coabitaram, e que com eles geraram filhos, que nada lhes falte sobre a terra. Vós, porém, fostes anteriormente espíritos eternos, destinados a serdes imortais ao longo de todas as gerações do mundo. Por isso eu não criei para vós mulheres, pois os espíritos do céu possuem no céu a sua morada.⁴⁸⁷

O que pode ser visto como um cruzamento ilegítimo de fronteiras entre o divino e o humano,⁴⁸⁸ é ainda traduzido por Terra como

⁴⁸⁵ É justamente nesse contexto que pode ser estudada a personificação do mal em Satanás. Para tanto, recomendo a leitura de CARNEIRO, Marcelo da Silva. *O Mal na Bíblia: a Personificação do Mal nos Escritos do Período Helênico aos Escritos do Cristianismo Primitivo*. Disponível em: <http://www.revistaancora.com.br/revista_8/CARNEIRO%20OK!.pdf> Acesso em: 09 jul. 2013.

⁴⁸⁶ BLANK, 2008, p. 39.

⁴⁸⁷ RODRIGUES, 2004, p. 267.

⁴⁸⁸ ARBEL & ORLOV, 2011, p. 208.

uma transgressão das fronteiras carne-espírito, humano-celeste, mortal-eternidade, como se houvesse uma linha demarcatória organizadora. É tão forte essa imagem, que cada nome tem caráter de ordem cósmica com funções celestes, ao descenderem desorganizam o cosmos organizado por Deus. A própria imagem dos Gigantes como possuidores de naturezas misturadas, carrega peso de impura, pois é resultado de violação e tem caráter híbrido.⁴⁸⁹

O que Terra chama de desestabilização de um sistema pode ser visto abaixo:⁴⁹⁰

MULHERES		VIGILANTES	
Espécie	sangue / carne / mortal	Espécie	espiritual / imortal
Fronteira	mundo humano	Fronteira	mundo celestial
Relação	humano (mortais, perecedores)	Relação	angelical (eternidade)

Assim, o texto cria uma antinomia entre o justo conhecimento que Enoque obteve pela ascensão ao céu e o conhecimento prejudicial que as mulheres e os homens ganharam com a descida dos Vigilantes para a Terra.⁴⁹¹

Essas informações textuais da origem do mal no mito, podem bem representar as circunstâncias desoladoras dos judeus ante a opressão de governantes estrangeiros e, para alguns estudiosos, a transgressão dos sacerdotes ao casarem com mulheres estrangeiras, “maculando o sacerdócio”.⁴⁹² Os Vigilantes caídos podem ser tipos, alegorias ou metáforas de Alexandre, o Grande, Antíoco IV Epífanês, dentre outros. O fato é que aqueles que se autodenominavam deuses foram responsáveis por inúmeros eventos que abalaram o contexto judaico entre o século III a.E.C. e 70 E.C, na nova conjuntura política e cultural, chamada de Helenismo,

processo que apresentou muitas características daquilo que hoje conhecemos pelo nome de “globalização”. A Palestina inteira viveu uma onda de “helenização”. Quem quisesse acompanhar o rumo da história, tinha que entrar nela; e quem não quisesse, era forçado a entrar. [...] A ideologia do helenismo não se interessa muito pela vida religiosa [... o que] provoca uma profunda crise no pensamento religioso e político do judaísmo. [...] O conflito com a nova ordem vem à tona, de maneira gritante, quando

⁴⁸⁹ TERRA, 2010, p. 56.

⁴⁹⁰ Tabela adaptada de TERRA, 2010, p. 56; e ARBEL & ORLOV, 2011, p. 203-204.

⁴⁹¹ ARBEL & ORLOV, 2011, p. 204.

⁴⁹² TERRA, 2010, p. 34.

Antíoco IV Epífanes, depois de já ter saqueado o templo [...] proíbe a prática da antiga religião judaica, assim como os sacrifícios no templo [...].⁴⁹³

Se a Pérsia caíra, a apropriação de seu dualismo pelos judeus tornou o discurso no texto extremamente apocalíptico, explicando suas crises e revoltas, devastações e destruições, a partir do mito. Portanto, qualquer judeu interpelado pelo mal de seu tempo, acontecimentos que tiveram inevitável impacto na configuração da vida, religião e pensamento judaicos, poderia compreendê-lo não em Deus, mas na rebelião angelical.

3.2. A Proliferação do Mal: os Ensinos Angelicais e os Gigantes

O mal se originou na rebelião angelical e se proliferou mediante ensinamentos indevidos dos vigilantes caídos aos filhos dos homens, bem como na união sexual ilícita desses com as filhas dos homens. Aparentemente, os anjos podiam ensinar aos homens o que era permitido por Deus, já que o escriba da justiça inicia suas palavras informando que aprendeu tudo com os anjos, os Vigilantes (1 Enoque 1.1), um destaque apropriado para a epígrafe dessa dissertação. Nesse ínterim, o problema do mal que vitimiza a humanidade pode ser dividido em, pelo menos, dois aspectos. É o que se pretende abordar a seguir.

3.2.1. Os Ensinamentos Proibidos⁴⁹⁴

Os guardiães também se rebelam ao ensinar os chamados “mistérios rejeitados”.⁴⁹⁵ É estranho verificar que os ensinamentos não são maléficos, mas sim o seu ensinamento, pois nem todos os segredos deveriam ser revelados aos homens. Apesar do sentido judaico do termo “apocalipse” referir-se à revelação dos segredos divinos, os anjos caídos são chamados de imprudentes, por ensinarem o segredo que não convinha (1 Enoque 16.2). Entre os mistérios rejeitados ensinados pelos anjos rebeldes às mulheres e os segredos do céu ensinado pelos santos anjos

⁴⁹³ BLANK, 2008, p. 41-42. Como exemplo da relação entre o sincretismo religioso e a apocalíptica no mundo helênico recomendo a leitura de NOGUEIRA (Ed.), 2000, p. 185-203.

⁴⁹⁴ Harmonizo minha opinião com Reed que, acertadamente, percebeu e criticou o fato de poucos estudos em apocalíptica tratarem dos ensinamentos proibidos em primeiro plano, em REED, Volume 1, 2002, p. 34. De fato, a grande maioria dos textos que examinam o Livro dos Vigilantes (ou parte dele) se dedicam ao Mito dos Vigilantes (1 Enoque 6-11) e sua possível releitura (1 Enoque 12-16).

⁴⁹⁵ ARBEL & ORLOV, 2011, p. 204.

a Enoque, o “instruído”, há uma dicotomia interessante.

Parece haver uma proximidade de 1 Enoque 32.4 com esses acontecimentos. O santo anjo Raphael revela a Enoque a visão da Árvore da Sabedoria, da qual o seu antigo pai e sua antiga mãe (Adão e Eva) comeram, antes do seu tempo, vindo conhecer o saber, reconhecer que estavam nus e serem expulsos do Paraíso. Novamente, a transmissão do conhecimento proibido por Deus é passível de julgamento.

Na descrição de 1 Enoque 8.1-3 a transmissão de conhecimentos impróprios à humanidade pelos anjos caídos envolvia bruxarias,⁴⁹⁶ exorcismos, feitiços e a familiarização com ervas e raízes, essa última muito encontrada entre os essênios. Segundo o texto, tudo contribuiu para a propagação da impiedade, prostituição e excessos corruptos em todos os sentidos, seja pela tradição em Semjaza (associada com a deidade Shem e o Monte Hazzi, ou Hermon), seja em Azazel (que relembra o mito grego de Prometheus, que narra a rebelião nessa figura divina).

Em ambas as tradições angelicais,⁴⁹⁷ cada vigilante era um catedrático especializado. Semjaza ensinava os esconjuros e as poções de feitiços. Armaros treinou os homens na dissipação dos esconjuros. Barakijal adestrou os homens na astrologia, Kokabel na ciência das constelações, Ezekeel na observação das nuvens, Arakiel nos sinais da terra, Samsiel nos sinais do sol e Sariel nas fases da lua. Azazel ensinou aos homens a confecção de espadas, facas, escudos e armaduras, abrindo os seus olhos para os metais e para a maneira de trabalhá-los, bem como a feitura dos braceletes, os adornos diversos, o uso dos cosméticos, o

⁴⁹⁶ Um estudo acurado poderá encontrar associações bíblicas e extra-bíblicas da proibição de magia e feitiçaria que, geralmente, envolvia as mulheres. As mulheres estrangeiras são muitas vezes acusadas por esses atos proibidos. Daí muitos atribuírem as proibições mais recentes a uma tradição mais antiga, que conecta as mulheres com bruxaria. Para o estudo da relação entre mulheres e ensinamentos proibidos como a feitiçaria, recomendo a leitura de ARBEL & ORLOV, 2011, p. 211-214; e LESSES, Rebecca. *“They Revealed Secrets to Their Wives: The Transmission of Magical Knowledge in 1 Enoch”* em ARBEL, 2011, p. 196-222.

⁴⁹⁷ É preciso lembrar que a história do Livro dos Vigilantes é entrelaçada por tradições distintas e potencialmente alegóricas a partir de Semjaza (onde o pecado primário é o casamento com humanas e a geração de gigantes) e Azazel (onde o pecado primário é a revelação inapropriada). Mais detalhes em COLLINS, 2010, p. 81-85; e NEUSNER, 2003, p. 63; e TERRA, 2010, p. 33; e COLLINS, 2011, p. 16-20; e BOUSTAN, Ra'anan S. & REED, Annette Yoshiko (Eds). *Heavenly Realms and Earthly Realities in Late Antique Religions*. New York: Cambridge University Press, 2004, p. 50-51. Também é interessante ressaltar que há certas semelhanças de ambas as tradições com o mito do herói-cultural, que postula a aparição de seres sobrenaturais na história primitiva, ensinando as artes da civilização para a humanidade. Na maioria das versões do mito, os heróis-culturais agem como os beneficiários dos seres humanos, conforme HELM, Robert. *Azazel in Early Jewish Tradition*. Disponível em: <http://faculty.gordon.edu/hu/bi/ted_hildebrandt/otesources/03-leviticus/text/articles/helm-azazel-lev1-auss.pdf> Acesso em: 10 jul. 2013, p. 222.

embelezamento das pálpebras, toda sorte de pedras preciosas e a arte das tintas.

A tradição etiológica do mal sob a liderança de Semjaza, focada mais nos pecados dos Vigilantes, lhe atribui o ensino de esconjuros e poções de feitiços, bem como a dissipação dos esconjuros, a astrologia, a ciência das constelações, a observação das nuvens, os sinais da terra, os sinais do sol e as fases da lua por meio de seus subordinados (1 Enoque 8.2). Semelhantemente, lhe concede a consciência de seu ato pecaminoso e convocação dos demais duzentos Vigilantes caídos para jurarem a execução do plano do mal (1 Enoque 6.2-3). Cumprindo o juramento, cada anjo caído uniu-se a uma mulher, profanando-se com elas (1 Enoque 7.1).

A tradição etiológica em Azazel,⁴⁹⁸ realçada em como os Vigilantes levaram os homens ao pecado, lhe confere a responsabilidade pela confecção de espadas, facas, escudos e armaduras, isso é, conhecimento para manufaturar os metais. 1 Enoque 8.1 acrescenta ao *curriculum* de Azazel a feitura dos braceletes, os adornos diversos, o uso dos cosméticos, o embelezamento das pálpebras, toda sorte de pedras preciosas e a arte das tintas. Por isso, o Deus de Enoque declarou: “A ele atribui todos os pecados!” (1 Enoque 10.4). Ao que parece, o relato de Azazel mostra como os progressos “são contrários aos desígnios divinos, e vê com suspeita todo o desenvolvimento urbano, especialmente os aparatos de guerra e o luxo”.⁴⁹⁹

Portanto, com o intuito de aprofundar-se na etiologia do mal, três grupos⁵⁰⁰ de ensinamentos proibidos serão criados a partir dos motivos que levaram ao julgamento do céus. Claramente, esses conhecimentos estão em oposição aos segredos do céu recebidos pelo filho de Jared, por meio de Deus e dos santos anjos. Os conhecimentos impróprios podem assim ser divididos:

⁴⁹⁸ É interessante observar que o nome do espírito maligno Azazel era o mesmo atribuído ao “bode emissário” em Levítico 16.8-10. Para mais detalhes recomendo a leitura do artigo de HELM, Robert. *Azazel in Early Jewish Tradition*. Disponível em: <http://faculty.gordon.edu/hu/bi/ted_hildebrandt/otesources/03-leviticus/text/articles/helm-azazel-lev1-auss.pdf> Acesso em: 10 jul. 2013.

⁴⁹⁹ CARNEIRO, Marcelo da Silva. *O Mal na Bíblia: a Personificação do Mal nos Escritos do Período Helênico aos Escritos do Cristianismo Primitivo*. Disponível em: <http://www.revistaancora.com.br/revista_8/CARNEIRO%20OK!.pdf> Acesso em: 09 jul. 2013, p. 8.

⁵⁰⁰ Reed também sugere três tipos de conhecimento ensinado pelos Vigilantes à humanidade, a saber: artes culturais ligadas à metalurgia (1 Enoque 8.1-2), habilidades mágicas como a feitiçaria e farmacologia (1 Enoque 8.3a-b) e adivinhação a partir de fenômenos cosmológicos (1 Enoque 8.3c-g). Para ela, cada categoria levanta seu próprio complexo de questões, ressoando de diferentes maneiras com a Bíblia, com o judaísmo antigo e com as tradições Greco-Romanas sobre o início da civilização humana, o valor dessas práticas nos dias de hoje, e a relação ideal entre o conhecimento humano e divino. Mais detalhes em REED, Volume 1, 2002, p. 54-64, 72.

VIGILANTE	JULGADOS POR ENSINAR	GRUPOS
Azazel	confeção de espadas, facas, escudos e armaduras, abrindo os seus olhos para os metais e para a maneira de trabalhá-los, bem como a feitura dos braceletes, os adornos diversos, o uso dos cosméticos, o embelezamento das pálpebras, toda sorte de pedras preciosas e a arte das tintas	Manufaturação
Semjaza	esconjuros e as poções de feitiços com ervas e raízes	Feitiçaria
Armaros	dissipação dos esconjuros	Feitiçaria
Barakijal	Astrologia	Adivinhação
Kokabel	ciência das constelações	Adivinhação
Ezekeel	observação das nuvens	Adivinhação
Arakiel	sinais da terra	Adivinhação
Samsiel	sinais do sol	Adivinhação
Sariel	fases da lua	Adivinhação

Para uma averiguação concentrada em cada um dos ensinamentos proibidos a seguir, a tese doutoral de John Jerome Collins é obra fundamental. Para ele, como sugerido anteriormente por Helm, há uma estrita relação dos Vigilantes caídos com a “cultura do herói” sobre-humano, pois, esse último, provia a humanidade com conhecimento essencial para a civilização, uma “tecnogonia”, contrastando apenas com o sentido negativo do mito em 1 Enoque.⁵⁰¹

3.2.1.1. O Mal na Manufaturação

Qual seria o mal na confeção de espadas, facas, escudos, armaduras, braceletes e adornos diversos? Por que a proibição do conhecimento sobre os metais e para a maneira de trabalhá-los? E o uso dos cosméticos, o embelezamento das pálpebras, toda sorte de pedras preciosas e arte das tintas, qual o mal nisso?

⁵⁰¹ COLLINS, 2011, p. 2.

Por ora, para fins didáticos, todos os ensinamentos proibidos atribuídos a Azazel são relacionados à manufatura, a trabalhos manuais para a guerra e embelezamento.⁵⁰²

De maneira similar, Jack Collins denomina como “tecnologia prática” o conjunto de conhecimentos impróprios dados pelos anjos rebeldes acerca da feitura de armas (metalurgia), joias e cosméticos. Quanto à confecção de espadas, facas, escudos e armaduras, etc., enuncia que

notavelmente, de todos os ensinamentos dos Vigilantes, esse é o único com a ligação mais óbvia da história primordial do Gênesis, porque Tubal-Caim, um dos descendentes antediluvianos de Caim, é considerado o primeiro "que fez todos os tipos de bronze e ferramentas de ferro".⁵⁰³

Assim, a partir da sugestão de tradução do nome Azazel (“Deus fez”), ele denota que o mal na manufatura está presente em virtude da produção de meios para a guerra e, conseqüentemente, ao surgimento da violência.

Analisar o problema do mal nos ensinamentos ilícitos com fins estéticos perfaz o entendimento que

as aplicações de instrução metalúrgicas em Azazel vão além o campo de batalha para o quarto, mas os produtos continuam contaminados. Nesse caso, metais e pedras preciosas, além de cosméticos e tinturas, tornam-se instrumentos para incitar a luxúria, e talvez não apenas em outros seres humanos.⁵⁰⁴

A manufatura ilícita, portanto, é um fenômeno onde o mal deriva sucessivamente de outros conhecimentos, fazendo do embelezamento das filhas dos homens uma representação da “luxúria”⁵⁰⁵ e motivo da união sexual dos anjos rebeldes com as filhas dos homens na tradição de Semjaza.

3.2.1.2. O Mal na Feitiçaria

A feitiçaria ofertada pelos rebeldes vigilantes é um conhecimento impróprio.

⁵⁰² No contexto das tradições de Semjaza e Azazel, alguns tomam o embelezamento como luxúria, razão da união sexual dos anjos rebeldes com as filhas dos homens. Mais detalhes em TERRA, 2010, p. 47. Há, também, uma possibilidade da manufatura estar ligada a construção de ídolos. Para mais informações sobre como 1 Enoque influenciou o poeta visionário William Blake ver SZÖNYI, 2011, p. 41-42. Em 1807 Blake descobriu uma nova tecnologia, a litografia, elaborando a seguir uma obra sobre Enoque como o pai-inventor da arte, literatura e música. Há uma possibilidade da manufatura também estar ligada a construção de ídolos.

⁵⁰³ COLLINS, 2011, p. 21. Conforme o relato canônico de Gênesis 4.22, Zilá deu à luz a Tubalcaim, um artífice de todo instrumento cortante, de bronze e de ferro.

⁵⁰⁴ COLLINS, 2011, p. 22.

⁵⁰⁵ Mais detalhes em TERRA, 2010, p. 47; e REED, Volume 1, 2002, p. 55-57.

Intitulada como “arte sobrenatural” por Jack Collins,⁵⁰⁶ tal prática é representada pelo ensinamento de “esconjuros”, “poções de feitiços” (com ervas e raízes) e “dissipação dos esconjuros”. Naturalmente, a obra antevê tais práticas negativamente, atribuindo-as à Semjaza e Armaros. Qual seria o motivo? Há de se considerar possíveis contribuições babilônicas, persas e/ou gregas no *corpus* enóquico, pois

está claro nesses textos a influência e a interferência da mitologia grega, onde deuses e humanos se entrelaçavam em brigas, competições, rivalidades, etc., e da astronomia persa na cultura e religião judaicas, interpretadas e condenadas pelos judeus tradicionais como obras de Satanás.⁵⁰⁷

A observação de tradições bíblicas e extra-bíblicas podem ajudar a compreender a perspectiva maléfica da feitiçaria, das poções de feitiço com ervas e raízes, da magia, do encantamento, de misteriosas práticas ocultas.

A exemplo de 1 Samuel 15.23,⁵⁰⁸ a rebelião do rei Saul quanto a ordenança divina é interpretada pelo profeta como pecado e pecado de feitiçaria. A comparação pode ser inevitável, visto que Semjaza e Armaros são rebeldes vigilantes e ensinam o pecado, a feitiçaria, às filhas dos homens. Rejeitam a palavra do seu Criador e o contrariam. Por certo, o entendimento da obra aponta que o conhecimento sem a permissão divina consiste em grave pecado e mal.

Como resultado, a obra de Atos dos apóstolos se harmoniza com os textos bíblicos e extra-bíblicos no instante que reúne no mesmo lugar uma mulher, um espírito imundo e um conhecimento indevido. Em Atos 16.16, o encontro com uma jovem possesa de espírito adivinhador vislumbra uma situação maléfica que precisa ser repreendida. Assim, subtraindo tal prática em qualquer contexto, o discurso apontará para a dependência da direção divina como a atitude necessária diante do mal da feitiçaria, isso é, de qualquer influência estrangeira.

3.2.1.3. O Mal na Adivinhação

A astrologia, a ciência das constelações, a observação das nuvens e dos

⁵⁰⁶ COLLINS, 2011, p. 21. Mais informações em REED, Volume 1, 2002, p. 57-59.

⁵⁰⁷ NOGUEIRA (Ed.), 2000, p. 74.

⁵⁰⁸ O cânon bíblico descreve ainda que a feiticeira deveria morrer (Êxodo 22.19), sendo apedrejada (Levítico 20.27). Virar-se para feiticeiros era prostituição (Levítico 20.6) e uma prática proibida (Deuteronômio 18.10). Também foi associada com mulheres e cidades estrangeiras (2 Reis 9.22; Naum 3.4; Isaías 47.9, 11-13). Dentre outros, o apocalipse joanino revela que não herdarão o Reino de Deus os feiticeiros (Apocalipse 22.15).

sinais da terra, do sol e da lua também se constituem parte da proliferação do mal no texto examinado. É o mal na adivinhação. Mas, qual é o mal na adivinhação, se o próprio anjo Uriel transmite esse conhecimento a Enoque em 1 Enoque 33.2? O texto assim descreve:

Eu vi as estrelas do céu se aproximarem, contei os portões por onde elas apareciam, anotei a saída de todas, e em relação a todas anotei especialmente o número, o nome, as conexões, as posições, os períodos e meses, tudo segundo me mostrava o Anjo Uriel, que estava comigo. Ele mostrava-me tudo, transcrevendo ao mesmo tempo; transcreveu para mim o nome de cada uma e suas leis, bem como as suas acompanhantes.⁵⁰⁹

Entre a revelação dos vigilantes caídos e dos santos anjos, entre Enoque e o restante dos homens, há um conceito de permissão que legitima e ilegítima, que torna algo lícito ou ilícito.⁵¹⁰ O mal na transmissão da adivinhação à humanidade se dá pelo fato de ser um conhecimento não permitido por Deus. Barakijal, Kokabel, Ezekeel, Arakiel, Samsiel e Sariel são anjos rebeldes, são criaturas que contrariam a vontade do Criador, os grandes responsáveis pela mal derivado de ensinamentos proibidos quanto a adivinhação.

Curiosamente, Jack Collins descreve que

os anjos constituídos com a adivinhação de ensino têm cada um nomes teofóricos correspondentes aos domínios atribuídos a eles: Baraquiel [...] "relâmpago"; Kokabel [...] "estrela", etc. [...] Tal padrão é consistente com a conexão entre o nome de Azazel e seu domínio de instrução também. [...] A sua etimologia é hebraica e aramaica, sugerindo uma onomasiologia que pode ter sido elaborada a partir de uma fonte anterior. [...] "os nomes sugerem que os chefes são elevados anjos no comando da funcionalidade ordenada dos fenômenos celestes e terrenos".⁵¹¹

Assim, quando os homens se sentiram prestes a serem aniquilados levantaram um grande clamor, como no caso envolvendo os gigantes.

3.2.2. O Nascimento e a Violência dos Gigantes

A proliferação do mal se amplifica com o resultado da união sexual ilícita dos anjos caídos com as filhas dos homens. Apesar de receptoras e transmissoras do conhecimento adquirido, mais uma vez, qualquer mal oriundo da humanidade é despido pelo imaginário de mulheres que não agem por conta própria, mas são

⁵⁰⁹ RODRIGUES, 2004, p. 274.

⁵¹⁰ Para uma discussão apropriada sobre tal inversão ver COLLINS, 2011, p. 24-27.

⁵¹¹ COLLINS, 2011, p. 23-24. Ver também REED, Volume 1, 2002, p. 62.

violadas pelos vigilantes rebeldes. Grávidas, as mulheres geraram os megagigantes, “bastardos”,⁵¹² que consumiram todas as provisões de alimentos dos demais homens.

O texto pode estar fundamentado na figura folclórica do mundo antigo acerca dos demônios bebês-assassinos, a guerra dos Diádocos no século IV a.E.C. ou até mesmo as disputas pelo controle da Palestina no século III a.E.C.. Carnívoros, os gigantes atacavam os próprios homens, pássaros, animais selvagens, répteis e peixes. Terra esclarece bem o imaginário nas práticas alimentares dos Gigantes, pois

acabaram infringindo regras de pureza: não comer nada com sangue (Lv 3,17; 7,26.27; 17, 10.12), comer algumas espécies de animais (Lv 11, 1-45). No código de alimentação há especificações para certos animais a serem comidos, sejam répteis, aves ou animais aquáticos, e até o contato com eles tornava o objeto impuro. A punição em Levítico para essas transgressões seria a separação da comunidade, enquanto no Livro dos Vigilantes é a separação da vida física entre os homens.⁵¹³

1 Enoque 15.2-4 reforça a proliferação do mal nessas palavras:

Por que motivo abandonastes o alto do céu, santo e eterno, dormistes com mulheres, vos contaminastes com as filhas dos homens, tomastes a elas por esposas, comportando-vos como os filhos da terra e gerando filhos gigantes? 'Vós éreis santos, seres espirituais, detentores de uma vida eterna, mas depois vos deixastes corromper pelo sangue das mulheres e gerastes filhos com o sangue carnal, e com isso, desejando o sangue humano, e produzindo carne e sangue, vos igualastes àqueles que são mortais e transitórios. Por isso, eu concedi a essas mulheres, que com eles coabitaram, e que com eles geraram filhos, que nada lhes falte sobre a terra. Vós, porém, fostes anteriormente espíritos eternos, destinados a serdes imortais ao longo de todas as gerações do mundo. Por isso eu não criei para vós mulheres, pois os espíritos do céu possuem no céu a sua morada.⁵¹⁴

“Os gigantes são figuras assustadoras por causa de sua violência”.⁵¹⁵ Eles são como Titãs do mito no judaísmo enóquico.⁵¹⁶ Foi nesse instante que a terra clamou contra os monstros (1 Enoque 7.2-8) e a punição divina seria manifestada.

⁵¹² BLACK, Matthew & VANDERKAM, James C. *The Book of Enoch or 1 Enoch*. Leiden: Brill Academic Pub, 1985, p. 14-15. São também conhecidos pelo termo “*nephilim*”, termo tratado principalmente como nome próprio ou designação de uma raça mítica de gigantes. Para tal tema, recomendo o texto de Ronald Hendel em AUFFARTH & STUCKENBRUCK, 2004, p. 11-34.

⁵¹³ TERRA, 2010, p. 57.

⁵¹⁴ RODRIGUES, 2004, p. 267.

⁵¹⁵ TERRA, 2010, p. 60.

⁵¹⁶ A identificação dos gigantes com o termo hebraico “*nephilim*” e o grego “*gigantes*” (LXX) levanta a possibilidade da conexão com o mito grego dos Titãs ou com o mito mesopotâmico Atrahasis, conforme WRIGHT, 2005, p. 23, 60.

Os Vigilantes caídos não encontrariam nem paz, nem clemência, nem perdão (1 Enoque 12.2).

3.2.2.1. O Surgimento dos Espíritos Maus

O relato do sétimo depois de Adão demonstra que, a partir dos dias da matança, do extermínio e da morte dos gigantes, seus espíritos abandonaram o corpo carnal que habitavam sem sofrerem julgamento e condenação, continuando a agir perversamente até o dia do grande Juízo Final, quando então o mundo acabará completamente para os Guardiões e para todos os ímpios. A partir da permissão divina aos espíritos dos gigantes de permanecerem no mundo pós-diluviano, descreve-se não somente o surgimento dos espíritos maus, mas um mal criado (mesmo que indiretamente) pelo Deus de Enoque.

Se o Altíssimo enviou o dilúvio para aniquilar os gigantes, se torna responsável pela presença dos espíritos desses gigantes na Terra pós-dilúvio. O Escriba da Justiça descreve que os gigantes eliminados serão chamados de espíritos maus, espíritos corruptos, tendo a Terra como a sua morada (1 Enoque 15.5). Se entre Deus e o homem há uma esfera intermediária que pode ser responsabilizada pelo mal do mundo, na concepção judaico-cristã tanto o bem como o mal procediam do único Deus existente. Como bem ressaltou Terra,

uma parte do judaísmo encontrou não em Deus, mas em ações angelicais a origem de muitas ações inaceitáveis como a guerra, a magia, o adultério, a sedução e os corolários das práticas imorais ligadas à mulher e à corporeidade.⁵¹⁷

E, conforme 1 Enoque 15.6,

os espíritos do céu, no céu têm a sua morada; mas os espíritos da terra, que na terra foram nascidos, nessa terão a sua morada. Os espíritos dos gigantes são cheios de maldade, cometem atos de violência, destroem, agridem, brigam, promovem a devastação sobre a terra e instauram por toda parte a confusão. Pois, embora famintos, não comem; bebem, e continuam a ter sede. E esses espíritos levantam-se contra os filhos dos homens e contra as mulheres, pois dessas procederam.⁵¹⁸

Se tanto os anjos bons como os maus agem do mundo, as ações dos vigilantes caídos é como “uma paródia repulsiva da missão dos anjos bons”.⁵¹⁹

⁵¹⁷ TERRA, 2010, p.149.

⁵¹⁸ RODRIGUES, 2004, p. 267.

⁵¹⁹ EVANS, 1995, p. 153.

3.3. O Julgamento do Mal: o Resultado das Ações Angelicais

Esse é um dos temas dominantes em 1 Enoque⁵²⁰ e no pensamento apocalíptico,⁵²¹ pois, sem dúvida, o resultado maior das ações angelicais reprovadas por Deus é o julgamento. O triunfo final de Deus sobre o mal virá pelo julgamento.⁵²² Em seu sonho (1 Enoque 13.5), o filho de Jaredê vê imagens de julgamento e advertência. Os dias dos anjos caídos são amaldiçoados até a condenação eterna (1 Enoque 5.4-5). Até mesmo os homens têm seus lugares de julgamento (1 Enoque 27, dentre outros). É preciso observar, porém, que esse julgamento é visto de multi-perspectivas no livro de Enoque.

3.3.1. Um Julgamento Imediato do Mal

O julgamento do mal envolveu a chegada do dilúvio, um evento proléptico. Esse foi um julgamento imediato dos céus. O engravidamento das mulheres pelos Vigilantes caídos foi um dos fatores determinantes para o julgamento divino, em virtude da geração dos gigantes que profanavam ainda mais a Terra criada por Deus (1 Enoque 7.2-3). Como no relato no Gênesis canônico, a terra foi purificada de toda maldade e Deus prometeu nunca mais enviar sobre ela um dilúvio, ao longo de todas as gerações, por toda a eternidade (1 Enoque 10.13).

3.3.2. O Julgamento Escatológico do Mal

Se Enoque alegoriza sobre o problema do mal, também o faz sobre as consequências oriundas das ações angelicais (1 Enoque 1.4, 6), o que pode ser resumido em uma única palavra: julgamento. A partir de 1 Enoque 5.3-5, o Escriba da justiça antevê o que está reservado para os rebeldes. Em 1 Enoque 21.6 Uriel apresenta a prisão eterna das sete estrelas, dos anjos. Seus atos são imperdoáveis (1 Enoque 5.4), contudo, os mais de duzentos Vigilantes caídos que juraram a execução do plano do mal (1 Enoque 6.2-3) suplicaram por perdão (1 Enoque 13.2). A prisão das estrelas celestiais, contudo, durará dez mil anos (1 Enoque 18.6; 1

⁵²⁰ BLACK & VANDERKAM, 1985, p. 12.

⁵²¹ BLANK, 2008, p. 39.

⁵²² AUFFARTH & STUCKENBRUCK, 2004, p. 103-104.

Enoque 21.3).

A visão em sonhos do escriba da justiça revela o teor desse julgamento: ele é imutável e a sentença é definitiva. Os gigantes presenciaram um duplo julgamento. Destruídos pelo dilúvio, seus espíritos (1 Enoque 10.9) agora devem ser amarrados por sete gerações até o dia do seu julgamento, até o dia do juízo final, o julgamento escatológico. Tal visão que se constitui um livro (1 Enoque 14.1, 4) registra a origem dos protótipos demonológicos que se conhece:

daqui por diante nunca mais haveis de subir ao céu; mas foi determinado que sejais acorrentados aqui na terra por todos os tempos [...] Os gigantes, porém, que foram gerados do espírito e da carne, serão chamados na terra de espíritos maus; eles também terão a sua morada na terra. Do corpo delas procederam espíritos maus; pois, embora nascidos de humanos, é dos Guardiões santos o seu princípio e origem primeira. Eles serão espíritos corruptos sobre a terra, e assim chamar-se-ão. Os espíritos do céu, no céu têm a sua morada; mas os espíritos da terra, que na terra foram nascidos, nessa terão a sua morada. Os espíritos dos gigantes são cheios de maldade, cometem atos de violência, destroem, agridem, brigam, promovem a devastação sobre a terra e instauram por toda parte a confusão. Pois, embora famintos, não comem; bebem, e continuam a ter sede. E esses espíritos levantam-se contra os filhos dos homens e contra as mulheres, pois dessas procederam. A partir dos dias da matança, do extermínio e da morte dos gigantes, quando os Espíritos abandonarem seu corpo carnal sem sofrerem julgamento e condenação, eles continuarão a agir daquela maneira perversa, até o dia do grande Juízo Final, quando então o mundo acabará completamente para os Guardiões e para todos os ímpios.⁵²³

A diferença entre o julgamento imediato e escatológico do mal é que o primeiro é temporal e o segundo é eterno. O primeiro refere-se a purificação da Terra, o segundo ao extermínio espiritual dos monstros, pois toda obra má deve ser eliminada (1 Enoque 10.7-9). Assim, se perfaz o pensamento apocalíptico que “haverá um juízo sobre essa história, e esse juízo será um holocausto cósmico”.⁵²⁴

3.3.3. A Bem-Aventura após o Julgamento do Mal

O que é essa bem-aventurança? É, simplesmente a “remoção do mal do mundo”.⁵²⁵ Se o cerne da cosmovisão apocalíptica é a profunda desilusão com a ordem presente maculada, o sentimento dos apocalípticos era de mudança, de

⁵²³ RODRIGUES, 2004, p. 265-268. 1 Enoque 14 a 1 Enoque 16. Com a eliminação do corpo dos Vigilantes, seus espíritos são liberados. Esses, são chamados de espíritos maus, com características demoníacas: oprimem, corrompem, atacam, etc. O texto liga a origem desses seres malignos ao mito primordial dos vigilantes, de acordo com TERRA, 2010, p. 48.

⁵²⁴ BLANK, 2008, p. 39.

⁵²⁵ NEUSNER, 2003, p. 96.

chegada de uma era melhor, de bem-aventurança, sem a presença constrangedora do mal.

Os resultados do julgamento do mal não envolvem apenas a condenação dos réprobos, mas também a bem-aventurança dos justos. Há um sinal evidente da bênção para os justos: vida longa, paz, fertilidade. O final é feliz, pois todos os homens serão justos, todos os povos prestarão honra, glória e adoração a Deus (1 Enoque 10.9-12; 1 Enoque 11.1-2).

A revelação dada ao Escriba da Justiça por Raphael apresenta uma seção na visão das cavernas reservada especialmente para os espíritos dos justos, onde jorra uma fonte de águas límpidas (1 Enoque 22.5). O filho de Jared louva ao “Justo Juiz do Mundo” (1 Enoque 22.8) por ter preparado, criado e assegurado tal bem-aventurança para os justos (1 Enoque 25.5), eliminando o mal para todo o sempre. Esse não é mais um problema a ser resolvido.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS DO CAPÍTULO

O Livro dos Vigilantes é uma resposta à origem do mal. No texto, os anjos rebeldes, os gigantes e os demônios são a causa fatídica do mal no mundo. A humanidade, por sua vez, é vítima do mal advindo dos céus. Portanto, a expansão do conjunto de tradições substanciais existentes na época do escrito resultaram em uma explicação apocalíptica da etiologia e desenvolvimento do mal no meio da humanidade.

Três teorias principais têm sido sugeridas concernente a função do Livro dos Vigilantes no judaísmo antigo. A primeira teoria, oferecida por Nickelsburg, aplica o texto ao período da história israelita em que eles estão face opressão contínua dos reinos helenísticos que os cerca. A segunda, oferecida por Hanson (... e Collins), descreve o Livro dos Vigilantes como uma narrativa que revela nas origens do mal na estória dos gigantes e, em adição, relata os eventos escatológicos no qual o Deus de Israel irá julgar o perverso. A terceira, a teoria mais problemática [...], identifica o Livro dos Vigilantes como uma polêmica contra o sacerdócio em Jerusalém por um grupo apocalíptico em Israel.⁵²⁶

Concordando com Hanson e John Collins e, em parte, com Nickelsburg, a conjunção de elementos que dá origem e vida à apocalíptica, indubitavelmente, envolve o problema do mal como justificativa para o pessimismo, o determinismo, o dualismo, o messianismo, dentre outros. O mito responde “a perguntas pela

⁵²⁶ WRIGHT, 2005, p. 38. As teorias são esmiuçadas adiante, p. 39-47.

existência e problema do mal e dos seres malignos no mundo, dando sentido e servindo de interpretação da história vivida”.⁵²⁷ Naturalmente, o modelo enóquico é um dos três⁵²⁸ agrupamentos de elementos encontrados nos mitos judaicos sobre o advento do mal no mundo, podendo ser assim resumido:⁵²⁹

a humanidade já está presente na Terra. As mulheres nascem entre os mortais. Alguns anjos no céu as veem e desejam possuí-las sexualmente e gerar filhos. Os anjos se unem uns aos outros com juramentos para realizar essa ação. Os anjos descem do céu. Os Anjos realizam o seu desejo: se envolver em atividade sexual e ensinam feitiços mágicos. Resultado: raça bastarda de gigantes engendradas. Esses híbridos se envolvem em violência e ilegalidade contra a humanidade e uns aos outros; sangue derramado. A Terra e a humanidade reclamam ao céu. Arcanjos leais retransmitem as queixas para Deus. Deus envia esses arcanjos para punir os Vigilantes [...] O Dilúvio expurga a terra da corrupção dos gigantes. O espíritos imortais dos gigantes mortos tornam-se a origem dos demônios e continuam a atormentar a humanidade.⁵³⁰

Assim, em tal ciclo “é amplamente aceito que havia, provavelmente, uma ligação entre a tradição apocalíptica do judaísmo rabínico primitivo e correntes do judaísmo do Segundo Templo”.⁵³¹

⁵²⁷ TERRA, 2010, p. 30.

⁵²⁸ Os outros dois modelos são o Adâmico e um modelo de transição. BARRERA, 1999, p. 232.

⁵²⁹ BARRERA, 1999, p. 232.

⁵³⁰ RICHTER, 2010, p.2-3.

⁵³¹ NOGUEIRA, 2005, p. 44. Para um estudo das polaridades que alguns sugerem entre os tradicionalistas e visionários na comunidade do Templo ver BERGANT & KARRIS, 2001, p. 20.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apocalíptica... Que movimento atraente!

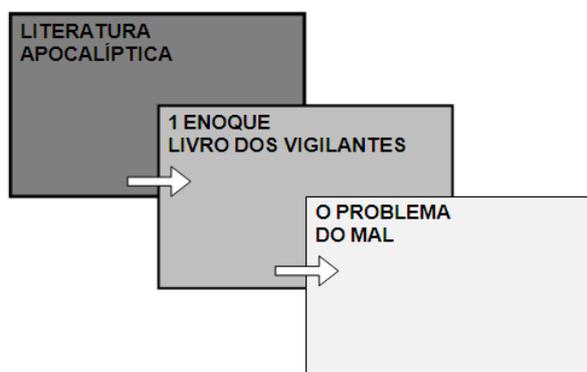
Indubitavelmente, espera-se nas considerações finais dessa dissertação que o desconhecimento dos interlocutores sobre esse campo de conhecimento tenha sido confrontado com as informações exaradas, uma pequena parte dos poucos textos sobre a apocalíptica no vernáculo, incentivando mais pesquisas sobre esse movimento do passado que necessita ser muito mais evidenciado, esclarecido e revelado. Talvez as palavras de György E. Szönyi, professor no Departamento de História no Central European University em Budapest, possam demonstrar essa necessidade, visto que

durante os dois últimos séculos [no exterior], embora especialmente as duas últimas décadas, esses escritos apocalípticos têm inspirado literaturas eruditas por agora, preenchendo uma boa biblioteca.⁵³²

Nesse sentido, o presente texto é um ensaio vigoroso para creditar valor a um tema geralmente desconhecido, esquecido, mal interpretado ou, até mesmo, ignorado.

A relativa habilidade para entender o ambiente afeta a compreensão de qualquer literatura pelo pesquisador. Note que foi apresentada, pelo menos, uma tríade de informações entrelaçadas, extremamente indispensáveis para o entendimento do tema da dissertação. Ela é formada pela literatura, pela história e pela compreensão ideológica. Se a primeira base dessa triunidade é a literatura apocalíptica, a segunda é o Livro dos Vigilantes (1 Enoque) e a terceira é a etiologia e desenvolvimento do problema do mal.

Por conseguinte, seguindo um caminho linear de derivação (figura à direita), situou-se a análise do discurso religioso quanto ao problema do mal no escopo do Livro dos Vigilantes, parte integrante inicial do pseudoepígrafo, escrito etíope atribuído ao pseudoenoque. Tanto o



conceito quanto a obra são situados dentro do arcabouço da literatura apocalíptica,

⁵³² SZÖNYI, 2011, p. 39. Para um detalhamento das pesquisas em apocalíptica no Brasil recomendo a leitura de NOGUEIRA, 2000, p. 227-245.

um movimento estritamente esclarecedor tanto da primeira, como da segunda base da trindade.

Todo discurso possui uma ideologia que o sustenta. A literatura apocalíptica está enraizada na história e é afetada por ela.⁵³³ Dito isso, a apocalíptica necessita ser evidenciada ideologicamente a partir do seu desenvolvimento histórico-literário-social, bem como suas principais características que encorpam o conteúdo do gênero literário. Semelhantemente, é preciso reconhecer que muitas obras apócrifas, deutero-canônicas e pseudoepígrafas têm caráter apocalíptico, a exemplo de 1 Enoque. Basta a pesquisa no Livro dos Vigilantes em perspectivas temáticas gerais para comprovar essa hipótese. Ao que se propõem as Ciências das Religiões, a análise do discurso religioso quanto ao problema do mal pode ser bem fundamentada a partir do mito dos Vigilantes, contribuindo com a teodiceia (além dos campos antropológicos e filosóficos, por exemplo), a origem do pecado, angelologia, demonologia, dentre outros.

O mal é um desafio. É um grande questionamento pintado no plano interno ou externo à pessoa humana.⁵³⁴ O mal mudou os homens tão radicalmente

que eles se tornaram mortais. Ele arruinou os anjos que caíram. Deve ser temido porque distorce as boas criaturas de Deus, deixando soltos no mundo seres prejudicados que são ativamente malevolentes, exercendo suas vontades para o mal com terrível energia, fazendo o negativo parecer positivo pela força de seus desejos. Devemos, portanto, temer, não uma abstração, mas a terrível “treva angélica”, treva personificada, as criaturas mais brilhantes privadas da luz e visando destruição. Nas vontades de seres racionais que se afastaram do bem há poder e substância, que fazem do “nada” do mal um “algo”.⁵³⁵

A partir do contexto político e social, marcado pela opressão estrangeira e tirania, as comunidades respondem pensando todo o mundo, material e espiritual, a partir do embate entre forças opostas, de Deus e de Satanás, que passa a ser um nêmeses divino.⁵³⁶ Tanto o contato com os babilônicos, durante o exílio, passando pelos persas no pós-exílio, e posteriormente os gregos, tiveram uma forte consequência na maneira de entender essa realidade intra e extramundana, que

⁵³³ NICKELSBURG, 2011, p. 32

⁵³⁴ Recomendo a leitura de SCHIAVO, Luigi. *O Mal e suas Representações Simbólicas: o Universo Mítico e Social das Figuras de Satanás na Bíblia*. Revista Estudos de Religião. São Bernardo do Campo: UMESP, Volume XIV, nº 19, 2000, p. 65-83.

⁵³⁵ EVANS, 1995, p. 150.

⁵³⁶ CARNEIRO, Marcelo da Silva. *O Mal na Bíblia: a Personificação do Mal nos Escritos do Período Helênico aos Escritos do Cristianismo Primitivo*. Disponível em: <http://www.revistaancora.com.br/revista_8/CARNEIRO%20OK!.pdf> Acesso em: 09 jul. 2013, p. 13.

acarretou numa mudança na forma de responder à teodiceia.⁵³⁷ Assim, como descreveu Terra, “o mito serve como intérprete da realidade [...], que *ele quer interpretar* na forma de uma conexão com o mundo transcendente dos Deuses”.⁵³⁸

O que fica evidente ao fim da pesquisa, é o quanto o modo de ver e compreender a realidade do mal e suas questões concretas permanecem um mistério.

O que se pensa hoje a respeito do assunto certamente é algo diferente, ainda que ideias tradicionais e vinculadas a conceitos semitas ou gregos permeiem o discurso atual [...]. E, de fato, diante do fenômeno da morte e do mal, muitas vezes as respostas que temos não dão conta do sentido daquilo para as vítimas ou suas famílias; o mal continuará a ser, ao lado da eternidade, um grande mistério que paira sobre a realidade da existência humana.⁵³⁹

Conclui-se, portanto, que a natureza e o conteúdo da literatura apocalíptica com suas particularidades estarão mais acessíveis às comunidades religiosas e ao leitor em geral, à medida que novos textos são publicados. Respalda-se o Livro dos Vigilantes e, conseqüentemente, o primeiro livro de Enoque como importantes literaturas apocalípticas nos círculos acadêmicos. Reintegram-se as discussões sobre o valor da literatura apocalíptica não-canônica como escritos humanos de destaque na história.

⁵³⁷ CARNEIRO, Marcelo da Silva. *O Mal na Bíblia: a Personificação do Mal nos Escritos do Período Helênico aos Escritos do Cristianismo Primitivo*. Disponível em: <http://www.revista.ancora.com.br/revista_8/CARNEIRO%20OK!.pdf> Acesso em: 09 jul. 2013, p. 17.

⁵³⁸ TERRA, 2010, p. 28-29.

⁵³⁹ CARNEIRO, Marcelo da Silva. *O Mal na Bíblia: a Personificação do Mal nos Escritos do Período Helênico aos Escritos do Cristianismo Primitivo*. Disponível em: <http://www.revista.ancora.com.br/revista_8/CARNEIRO%20OK!.pdf> Acesso em: 09 jul. 2013, p. 18.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABEGG Jr., Martin; FLINT, Peter; ULRICH, Eugene. *The Dead Sea Scrolls Bible*. New York: HarperCollins Publisher, 1999;
- ADRIANO FILHO, José (Tr.). *Paulo, Teólogo do Apocalipse*. Revista Estudos de Religião. São Bernardo do Campo: UMESP, Volume XIV, nº 19, 2000;
- ALFARO, Juan Ignacio. *O Apocalipse em Perguntas e Respostas*. 2ª Ed. São Paulo: Loyola, 2002;
- ALMEIDA, João Ferreira de. *Bíblia Sagrada*. 2ª Ed. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil & Cultura Cristã, 1999;
- AMARAL, André Luiz. *Considerações sobre Pesquisa das Origens da Apocalíptica*. Disponível em: <<http://www.oracula.com.br/numeros/022007/Amaral.pdf>>
Acesso em: 31 jul. 2012;
- ANGUS, Joseph. *História, Doutrina e Interpretação da Bíblia*. São Paulo: Hagnos, 2004;
- ARAUJO, Anderson Dias. *O Mito dos Anjos Vigilantes: Etnia e Limite no Sagrado e no Sexo – 1 Enoque 6-16*. Disponível em: <<http://oracula.com.br/numeros/012010/Araujo.pdf>> Acesso em: 31 jul. 2012;
- ARBEL, Dphna V. & ORLOV, Andrei A. (Eds.). *With Letters of Light: Studies in the Dead Sea Scrolls, Early Jewish Apocalypticism, Magic, and Mysticism*. New York: Ekstasis, 2011;
- ARCHER, Gleason. *Enciclopédia de Temas Bíblicos*. São Paulo: Vida, 2002;
- ARENS, Eduardo. *A Bíblia sem Mitos: uma Introdução Crítica*. 3ª Ed. São Paulo: Paulus, 2007;
- ARENS, Eduardo & MATEOS, Manuel Díaz. *Apocalipse, a Força da Esperança: Estudo, Leitura e Comentário*. São Paulo: Loyola, 2004;
- AUFFARTH, Christopher & STUCKENBRUCK, Loren (Eds.). *The Fall of the Angels*. Lieden: Brill Academic Pub, 2004;
- AUNE, David E. *The Westminster Dictionary of New Testament & Early Christian Literature & Rhetoric*. Kentucky: John Knox Press, 2003;

- BARCLAY, William. *Apocalipsis I*. Barcelona: Clie, 1999;
- BARRERA, Julio Treballe. *A Bíblia Judaica e a Bíblia Cristã: Introdução à História da Bíblia*. 2ª Ed. Petrópolis: Vozes, 1999;
- BAUER, Johannes Baptist. *Dicionário Bíblico Teológico*. São Paulo: Loyola, 2000;
- BAUTCH, Kelley Coblentz. *A Study of the Geography of I Enoch 17-19: 'No One Has Seen What I Have Seem'*. Danvers: Brill Academic Pub, 2003;
- BEN-SASSON, H. H (Ed.). *A History of the Jewish People*. Tel Aviv: Dvir Publishing House, 1976;
- BERGANT, Dianne & KARRIS, Robert J. (Orgs.) *Comentário Bíblico*. 3ª Ed. São Paulo: Loyola, 2001;
- BERGER, Klaus. *Formas Literárias do Novo Testamento*. São Paulo: Loyola, 1984;
- _____. *Hermenêutica do Novo Testamento*. 3ª Ed. São Leopoldo: Sinodal, 1999;
- BIBLE WINDOWS 2.1.2 P. Mountain Software Silver, Copyright ©, 1993;
- BIRNBAUM, David. *God and Evil: a Unified Theodicy, Theology, Philosophy*. 5th Ed. Hoboken: Ktav Publishing House, 1998;
- BLACK, Matthew & VANDERKAM, James C. *The Book of Enoch or 1 Enoch*. Leiden: Brill Academic Pub, 1985;
- BLANK, Renold J. *Escatologia do Mundo: o Projeto Cósmico de Deus – Escatologia II*. 4ª Ed. São Paulo: Paulus, 2008;
- BOCCACCINI, Gabriele. *Beyond the Essene Hypothesis: The Parting of the Ways between Qumran and Enochic Judaism*. Michigan: William B. Eerdmans, 1998;
- _____. *Enoch and Qumran Origins: New Light on a Forgotten Connection*. Michigan: Grand Rapids, 2005;
- _____. *Enoch and the Messiah Son of Man: Revisiting the Book of Parables*. Michigan: Grand Rapids, 2007;
- _____ & COLLINS John J. *The Early Enoch Literature*. Danvers: The Brill Academic Pub, 2007;

- _____ & IBBA, Giovanni. *Enoch and the Mosaic Torah: the Evidence of Jubilees*. Michigan: Grand Rapids, 2009;
- BOER, Martinus de. *A Influência da Apocalíptica Judaica sobre as Origens Cristãs: Gênero, Cosmovisão e Movimento social*. Disponível em: <http://editora.metodista.br/textos_disponiveis/er19cap1.pdf> Acesso em: 27 ago. 2012;
- BOOR, Werner. *Cartas de Tiago, Pedro, João e Judas*. Curitiba: Esperança, 2008;
- BOUSTAN, Ra'anan S. & REED, Annette Yoshiko (Eds.). *Heavenly Realms and Earthly Realities in Late Antique Religions*. New York: Cambridge University Press, 2004;
- BRODY, David Eliot & BRODY, Arnold R. *As Sete Maiores Descobertas Científicas da História*. São Paulo: Schwarcz, 2006;
- BRUCE, F. F. *Comentário Bíblico NVI: Antigo e Novo Testamentos*. São Paulo: Vida, 2008;
- BROWN, Raymond E.; FITZMYER, Joseph A.; MURPHY, Roland E. *Comentário Bíblico San Jerônimo – Antigo Testamento – Tomo I*. Madrid: Ediciones Cristiandad, 1971;
- _____. *Comentário Bíblico San Jerônimo – Antigo Testamento – Tomo II*. Madrid: Ediciones Cristiandad, 1971;
- CALVIN, John. *Commentaries on the Epistle of Jude*. Michigan: Grand Rapids, 1979;
- CAREY, Greg. *Ultimate Things: an Introduction to Jewish Christian Apocalyptic Literature*. Danvers: Chalice Press, 2005;
- CARNEIRO, Marcelo da Silva. *O Mal na Bíblia: a Personificação do Mal nos Escritos do Período Helênico aos Escritos do Cristianismo Primitivo*. Disponível em: <[http://www.revistaancora.com.br/revista_8/CARNEIRO% 20OK!.pdf](http://www.revistaancora.com.br/revista_8/CARNEIRO%20OK!.pdf)> Acesso em: 09 jul. 2013;
- CARRETERO, Carlos Santos. *James Bruce, Tireless Traveler and Revitalizer of Jewish Apocalyptic*. Gaceta de Estudios del Siglo. Salamanca: Editorial Delirio, XVIII, Vol. 1, 2013;

- CAVALCANTE FILHO, Jairo Paes. *Judas e Enoque*. Disponível em: <<http://www.oracula.com.br/numeros/201201/cavalcantefilho.pdf>> Acesso em 31 jul. 2012;
- CERESKO, Anthony R. *Introdução ao Antigo Testamento numa Perspectiva Libertadora*. São Paulo: Paulus, 1996;
- CHAMPLIM, Norman. *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia – Volume 1 – A-C*. 10ª Ed. São Paulo: Hagnos, 2011;
- _____. *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia – Volume 6 – S-Z*. 10ª Ed. São Paulo: Hagnos, 2011;
- CHARLES, R. H. *Book of Enoch: Together with a Reprint of the Greek Fragments*. Montana: Kessinger Publishing, 1995;
- CHARLESWORTH, James H. *The Old Testament Pseudepigrapha – Volume 1: Apocalyptic Literature and Testaments*. 2ª Ed. Peabody: Hendrickson Publishers Marketing, 2011;
- CHARLES, R. H. *The Book of Enoch*. Forgotten Books, 1917;
- COLLINS, Adela Yarbro. *Cosmology and Eschatology in Jewish and Christian Apocalypticism*. Boston: Brill Academic Pub, 2000;
- _____ & COLLINS, John J. *King and Messiah as Son of God: Divine, Human, and Angelic Figures in Biblical and Related Literatures*. Michigan: Eerdmans Publishing, 2008;
- COLLINS, John. J. *Apocalypticism in the Dead Sea Scrolls*. New York: Routledge, 1997;
- _____. *A Imaginação Apocalíptica: uma Introdução à Literatura Apocalíptica Judaica*. São Paulo: Paulus, 2010;
- _____. *Between Athens and Jerusalem: Jewish Identity in the Hellenistic Diaspora*. 2nd. Michigan: Eerdmans Publishing, 2000;
- _____. *Daniel with Introduction to Apocalyptic Literature*. Michigan: FOTL, Volume XX, 1999;

- _____ (Ed.). *Apocalypse: The Morphology of a Genre*. Semeia: an Experimental Journal for Biblical Criticism, Atlanta: The Society of Biblical Literature, n° 14, 1979;
- _____. *Temporalidade e Política na Literatura Apocalíptica Judaica*. Disponível em <<http://www.oracula.com.br/numeros/022005/artigos/04collins.pdf>>. Acesso em: 29 jan. 2012;
- COLLINS, John Jerome (ou COLLINS, Jack). *Worthless Mysteries: Forbidden Knowledge, Culture Heroes, and Enochic Motif of Angelic Instruction*. Michigan: UMI Dissertation Publishing, 2011;
- COSTA, Hermisten Maia Pereira. *A Literatura Apocalíptico-Judaica*. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1992;
- CRIM, Keith (Ed.). *The Interpreter's Dictionary of the Bible – Supplementary Volume*. Nashville: Abingdon Press, 1976;
- CROATTO, José Severino. *As Linguagens da Experiência Religiosa*. São Paulo: Paulinas, 2001;
- CULLMANN, Oscar. *A Formação do Novo Testamento*. 11ª Ed. São Leopoldo: Sinodal, 2001;
- DAVIDSON, F. *O Novo Comentário da Bíblia*. São Paulo: Vida Nova, 1997;
- DAVILA, James R. *The Provenance of the Pseudepigrapha: Jewish, Christian, or Other?* Danvers: Brill Academic Pub, 2005;
- DAVIS, John D. *Dicionário da Bíblia*. 5ª Ed. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1977;
- DEANE, Willian John. *Pseudepigrapha: an Account of Certain Apocryphal Sacred Writings of the Jews and Early Christians*. Michigan: T. & T. Clark, 1891;
- DeCONICK, April D. (Ed.). *Paradise Now: Essays on Early Jewish and Christian Mysticism – Symposium Series*. Atlanta: Society of Biblical Literature, 2006;
- DIAS, Geraldo J. A. Coelho. *As Religiões da nossa Vizinhança: História, Crença e Espiritualidade*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Departamento de História e de Ciências e Técnicas do Patrimônio, 2006;
- DICIONÁRIO BÍBLICO-TEOLÓGICO. São Paulo: Loyola, 2000;

- DITOMMASO, Lorenzo & TURCESCU, Lucian (Ed.). *The Reception and Interpretation of the Bible in Late Antiquity*. Danvers: Brill Academic Pub, 2008;
- DITOMMASO, Lorenzo. *The Dead Sea New Jerusalem Text: Texts and Studies in Ancient Judaism*. Tubingen: Mohr Siebeck, 2005;
- DREHER, Martin N. *Bíblia: suas Leituras e Interpretações na História do Cristianismo*. São Leopoldo: Sinodal, 2006;
- DOBROUKA, Vicente. *Autoria Espiritual de Livros Religiosos do Período do Segundo Templo, Experiência Visionária, Possessão e Apocalíptica*. Disponível em: <<http://www.oracula.com.br/numeros/022007/Dobroruka.pdf>> Acesso em: 31 jul. 2012;
- DUE, Willian J. La. *O Guia Trinitário para a Escatologia*. São Paulo: Loyola, 2007;
- EATON, John. *Misteriosos Mensageiros: Curso de Profecia Hebraica*. São Paulo: Loyola, 2000;
- ELIADE, Mircea. *Mito e Realidade*. São Paulo: Perspectiva, 1972;
- ENNS, Peter & LONGMAN III, Tremper (Ed.). *Dictionary of the Old Testament: Wisdom, Poetry & Writings*. Madison: Inter Varsity Press, 2008;
- ERICKSON, Millard J. *Escatologia*. São Paulo: Vida Nova, 2010;
- ESTRADA, Juan Antonio. *Imagens de Deus: a Filosofia ante a Linguagem Religiosa*. São Paulo: Paulinas, 2007;
- EUSÉBIO DE CESARÉIA. *História Eclesiástica*. São Paulo: Fonte Editorial, 2005;
- EVANS, G. R. *Agostinho sobre o Mal*. São Paulo: Paulus, 1995;
- FABRIS, Rinaldo (Org.). *Problemas e Perspectivas das Ciências Bíblicas*. São Paulo: Loyola, 1993;
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Dicionário Aurélio Século XXI 3.0*. São Paulo: Nova Fronteira & Lexikon Informática Ltda., 1999;
- FITZMYER, Joseph A. *101 Perguntas sobre os Manuscritos do mar Morto*. São Paulo, SP: Loyola, 1997;
- FREEDMAN, David Noel (Ed.). *Eerdmans Dictionary of the Bible*. Michigan: Eerdmans Publishing, 2000;

- GABEL, J. B. & WHEELER, Charles B. *A Bíblia como Literatura*. 2ª Ed. São Paulo: Loyola, 1990;
- GADAMER, Hans-George. *Hermenêutica em Retrospectiva – Volume 4*. São Paulo: Vozes, 2007;
- GOMES, Geziel. *Enoque: o Homem que andou com Deus*. Rio de Janeiro: Centro de Evangelismo Continental, 1986;
- GONZALES, Justo L. *Uma História do Pensamento Cristão: da Reforma Protestante ao Século XX, Volume III*. São Paulo: Cultura Cristã, 2004;
- _____. *Uma História do Pensamento Cristão: de Agostinho às Vésperas da Reforma, Volume II*. São Paulo: Cultura Cristã, 2004;
- _____. *Uma História do Pensamento Cristão: do Início até o Concílio de Calcedônia, Volume I*. São Paulo: Cultura Cristã, 2004;
- GOTTWALD, Norman K. *Introdução Socioliterária à Bíblia Hebraica*. São Paulo: Paulinas, 1988;
- GRABBE, Lester L. & HAAK, Robert D. *Knowing the End from the Beginning: the Prophetic, the Apocalyptic and their Relationships*. London: T & T Clark International, 2003;
- GRADL Felix & Franz Josef Stendebach. *Israel e Seu Deus*. São Paulo: Loyola, 2001;
- GREEN, Michael. *2 Pedro e Judas: Introdução e Comentário*. São Paulo: Vida Nova, 1983;
- GUIMARÃES, Filipe de Oliveira. *Enoque: nos Bastidores de Crenças Angelológicas do Cristianismo Primitivo*. João Pessoa, PB: Universidade Federal da Paraíba, Dissertação de Pós-Graduação, 2011;
- GUNDRY, Robert H. *Panorama do Novo Testamento*. 2ª Ed. São Paulo: Vida Nova, 1998;
- GUNNEWEG, Antonius H. *Hermenêutica do Antigo Testamento*. São Leopoldo: Sinodal, 2003;

- GUNNEWEG, Antonius H. J. *Teologia Bíblica do Antigo Testamento: uma História da Religião de Israel na Perspectiva Bíblico-Teológica*. São Paulo: Teológica e Loyola, 2005;
- HALE, Broadus David. *Introdução ao Estudo do Novo Testamento*. Rio de Janeiro: JUERP, 1983;
- HALPERN, Baruch & LEVENSON, John D. *Traditions in Transformation Turning Points in Biblical Faith*. Winona Lake: Eisenbraus, 1981;
- HANSON, Paul D. *Apocalypse, Genre; Apocalypticism*. In: CRIM, Keith (Ed.). *The Interpreter's Dictionary of the Bible – Supplementary Volume*. Nashville: Abingdon Press, 1976;
- _____. *The Dawn of Apocalyptic: the Historical and Sociological Roots of Jewish Apocalyptic Eschatology*. Revised Edition. Philadelphia: Fortress Press, 1989;
- _____. *The People Called: the Growth of Community in the Bible – With a New Introduction*. Louisville: Westminster John Knox Press, 2001;
- HARLOW, Daniel C.; HOGAN, Karina Martin; GOFF, Matthew; Kaminsky, Joel (Eds.). *The “Other” in Second Temple Judaism: Essays in Honor of John J. Collins*. Michigan: Eerdmans Publishing, 2011;
- HELM, David R. *An Approach to Apocalyptic Literature: a Primer for Preachers*. Chicago: The Simeon Trust, 2009;
- HELM, Robert. *Azazel in Early Jewish Tradition*. Disponível em: <http://faculty.gordon.edu/hu/bi/ted_hildebrandt/otesources/03-leviticus/text/articles/helm-azazel-lev1-auss.pdf> Acesso em: 10 jul. 2013;
- HELYER, Larry R. *Exploring Jewish Literature in the Second Temple Period: a Guide for New Testament Students*. Madison: Inter Varsity Press, 2002;
- HORSTER, Gerhard. *Introdução e Síntese do Novo Testamento*. Curitiba: Esperança, 2008;
- JENSEN, Irving L. *Apocalipse*. 2ª Ed. São Paulo: Mundo Cristão, 1987;

- JONGE, Marinus de. *Pseudepigrapha of the Old Testament as Part of Christian Literature: the Case of the Testaments of the Twelve Patriarchs and the Greek Life of Adam and Eve*. Danvers: Brill Academic Pub, 2003;
- KÁSERNANN, Ernst. *Ensayos Exegéticos*. Salamanca: Ediciones Sígueme, 1978;
- KISTEMAKER, Simon. *Comentário do Novo Testamento: Apocalipse*. São Paulo: Cultura Cristã, 2004;
- KNIBB, Michael Anthony. *Essays of the Book of Enoch and Other Early Jewish Texts and Traditions*. Danvers: Brill Academic Pub, 2009;
- KONINGS, Johan & KRULL, Waltraud. *Cartas de Tiago, Pedro, João e Judas – A Bíblia Passo-a-Passo*. São Paulo: Loyola, 1995;
- KOCH, Klaus. *The Rediscovery of Apocalyptic*. Naperville: Alec R. Anderson, 1972;
- LABORATÓRIO DE HISTÓRIA ANTIGA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO. Rio de Janeiro: UFRJ, Revista Phoinix, nº 8, 2002;
- LADD, George Eldon. *Apocalipse*. 7ª Ed. São Paulo: Vida Nova, 1999;
- _____. *A Commentary on the Revelation of John*. Michigan: Eerdmans Publishing, 1972;
- _____. *A Theology of New Testament – Revised Edition*. Michigan: Eerdmans Publishing, 1974;
- LADD, John D. *Commentary on the Book of Enoch: Commentary and Paraphrase*. Flórida: Xulon Press, 2008;
- LAURENCE, Richard. *The Book of Enoch, the Prophet*. Oxford: S. Collingwood, 1838;
- LEITE, Edgard. *A Tradição Apocalíptica e as Origens da Cosmologia Rabínica*. Disponível em: <<http://www.oracula.com.br/numeros/022010/01-leite.pdf>>
- Acesso em: 31 jul. 2012;
- LEONEL, João. *Aquele que Ouve, Diga: Vem: uma Leitura do Apocalipse*. Santo André: Academia Cristã, 2012;
- LEXICON – DICIONÁRIO TEOLÓGICO ENCICLOPÉDICO. São Paulo: Loyola, 2003;

- LEIBNIZ, Gottfried Wilhelm. *Theodicy: Essays on the Goodness of God, the Freedom of Man and the Origin of Evil*. New York: Cosimo Books, 2009;
- LOADER, Willian. *Enoch, Levi and Jubilees on Sexuality: Atittudes Towards in the Early Literature, the Aramaic Levi Document, and the Book of Jubilees*. Michigan: Eerdmans Publishing, 2007;
- LUMPKIN, Joseph B. *Banned from the Bible: Books Banned, Rejected and Forbidden*. Alabama: Fifth State Publishers, 2008;
- MARTINEZ, Florentino Garcia. *The Dead Sea Scrolls Translated: The Qumran Texts in English*. 2nd Ed.. Michigan: Brill Academic Pub, 1996;
- McGINN, Bernard; COLLINS, John J.; STEIN, Sthepen J. *The Continuum History of Apocalypticism*. New York: Continuum, 2003;
- METZGER, Bruce M. & COOGAN, Michael D. (Org.). *Dicionário da Bíblia – Volume 1: As Pessoas e os Lugares*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda., 2002;
- MILIK, J. T. *The Books of Enoch: Aramaic Fragments of Qumram Cave 4*. Oxford: Clarendon Press, 1970;
- MOLTMANN, J. *Teologia da Esperança: Estudos sobre os Fundamentos e as Conseqüências de uma Escatologia Cristã*. São Paulo: Teológica, 2005;
- MORRIS, Leon. *Apocalyptic*. 2nd Ed.. London: Inter-Varsity Press, 1973;
- MOUNCE, Robert H. *The Book of Revelation*. Michigan: Grand Rapids, 1984;
- MURRAY, Edward. *Enoch Restitutus*. London: J. G. & F. Rivington, 1836;
- NETO, Antonio Lazarini. *O Mal: Transformações do Conceito na Tradição Judaico-Cristã*. Disponível em: <[http://www.revistatheos.com.br/Artigos% 20Anteriores/Artigo_02_03.pdf](http://www.revistatheos.com.br/Artigos%20Anteriores/Artigo_02_03.pdf)> Acesso em: 29 abr. 2013;
- NEUSNER, Jacob & AVERY-PECK, Alan J. (Ed.). *George W. E. Nickelsburg in Perspective: An Ongoing Dialogue of Learning – Volume Two*. Danvers: Brill Academic Pub, 2003;
- NICHOLAS Jr., Willian C. *I Saw the World End: an Introduction to the Bible's Apocalyptic Literature*. New Jersey: Paulist Press, 2007;
- NICKELSBURG, George W. E. & VANDERKAM, James C. *1 Enoch: the Hermeneia Translation*. Minneapolis: Fortpress Press, 2012;

- _____. *Literatura Judaica, entre a Bíblia e a Mixná: uma Introdução histórica e literária*. São Paulo: Paulus, 2011;
- NOGUEIRA, Paulo Augusto de S.. *Apocalipse e Literatura*. Revista SócioPoética: Literatura e Sagrado. Campina Grande: Eduepb, Volume I, nº 08, jul. a dez., 2011, p. 93-104;
- _____. (Ed.) *Apocalíptica e as Origens Cristãs*. Revista Estudos da Religião. São Bernardo do Campo: UMESP, Volume XIV, nº 19, 2000;
- _____. *O que é Apocalipse*. São Paulo: Brasiliense, 2008;
- _____. (Org.). *Religião de Visionários: Apocalíptica e Misticismo no Cristianismo Primitivo*. São Paulo: Loyola, 2005;
- NOGUEIRA SILVA, Sebastiana Maria. *Viagens Celestiais: da Apocalíptica à Literatura Hekhalot*. Revista Oracula. São Paulo: UMESP, 7.12, 2011;
- O LIVRO DE ENOCH: O PROFETA. São Paulo: Madras, 2005;
- ORLOV, Andrei A. *From Apocalypticism to Merkabah Mysticism: Studies in the Slavonic Pseudepigrapha*. Sanvers: Brill Academic Pub, 2007;
- _____. *The Enoch-Metraton Tradition: Texts and Studies in Ancient Judaism*. Tubingen: Mohr Siebeck, 2005.
- OTZEN, Benedikt. *O Judaísmo na Antiguidade: a História Política e as Correntes Religiosas de Alexandre Magno até o Imperador Adriano*. São Paulo: Paulinas, 2003;
- POHL, Adolf. *Apocalipse de João II – Comentário Esperança*. Curitiba: Esperança, 2001;
- _____. *O Evangelho de Marcos – Comentário Esperança*. Curitiba: Esperança, 1998;
- PROPHET, Elizabeth Clare. *Fallen Angels and the Origins of Evil: Why Church Fathers Supressed the Book of Enoch and its Starling Revelations*. Gardiner: Summer University Press, 2000;
- PRIGENT, Pierre. *O Apocalipse*. 2ª Ed. São Paulo: Loyola, 2002;

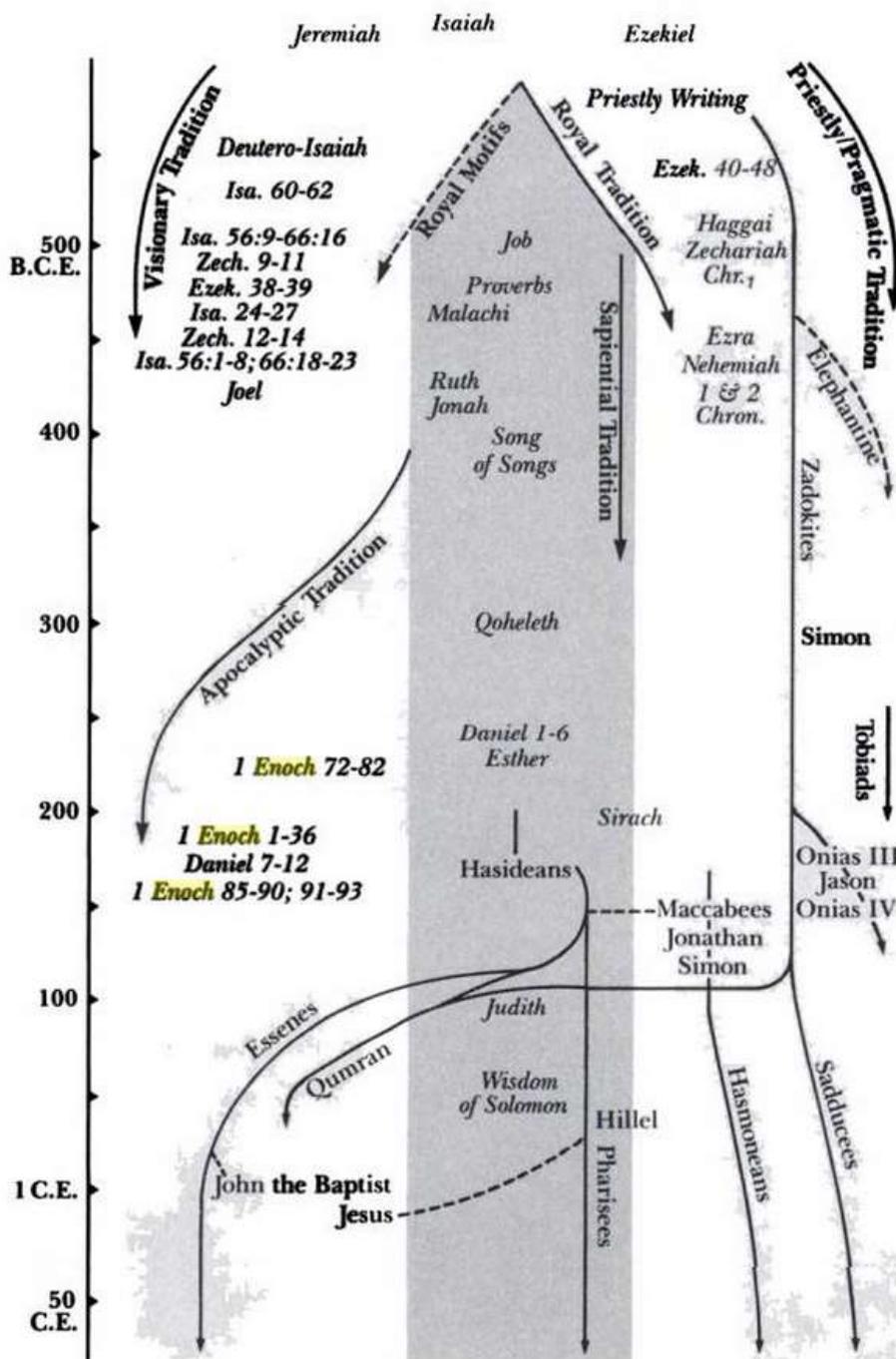
- PUGLIESI, Márcio & LIMA, Norberto de Paula (Trs.). *O Livro de Enoch: o Livro das Origens da Cabala*. Curitiba: Hemus, 2003.
- QUEIROZ, Antonio Celso. *A Leitura Profética da História*. São Paulo: Loyola, 1994;
- REED, Annette Yoshiko. *What the Fallen Angels Taught: the Reception-History of the "Book of the Watchers" in Judaism and Christianity – Volume One*. Michigan: UMI Dissertation Publishing, 2002;
- _____. *Fallen Angels and History of Judaism and Christianity: the Reception of Enochic Literature*. New York: Cambridge University Press, 2005;
- REVISTA CONCILIUM. *O Mal Hoje as Lutas para ser Humano*. Petrópolis: Vozes, Volume 45, nº 329-2009/1, jan.-mar., 2008;
- REVISTA CONCILIUM. *Deus, onde estás? O Grito de Miséria Humana*. Petrópolis: Vozes, Volume 28, nº 242-1992/4: Espiritualidade, 1992;
- RICHTER, Amy E. *The Enochic Watcher's Template and the Gospel of Matthew*. Milwaukee: UMI Dissertation Publishing, 2010;
- RODRIGUES, Cláudio J. A.. *Apócrifos da Bíblia e Pseudoepígrafos*. São Paulo: Cristã Novo Século, 2004;
- ROLDAN, Alberto Fernando. *Escatología: uma Vision Integral desde América Latina*. Buenos Aires: Kairós, 2002;
- _____. *Do Terror à Esperança: Paradigmas para uma Escatologia Integral*. Londrina: Descoberta, 2001;
- MARTIN, Rosel. *Panorama do Antigo Testamento: História, Contexto e Teologia*. São Leopoldo: Sinodal, 2011;
- ROST, L. *Introdução aos Livros Apócrifos e Pseudoepígrafos do Antigo Testamento e aos Manuscritos de Qumran*. 2ª Ed. São Paulo: Paulinas, 1980;
- ROWLEY, H. H. *Jewish Apocalyptic and the Dead Sea Scrolls*. London: The Athlone Press, 1957;
- RUSSELL, David Syme. *Apocalyptic: Ancient and Modern*. Filadelfia: Fortress Press, 1978;
- _____. *Daniel*. Philadelphia: Westminster Press, 1981;

- _____. *Desvelamento Divino*. São Paulo, SP: Paulus, 1997;
- _____. *The Method and Message of Jewish Apocalyptic*. Philadelphia: Westminster Press, 1964;
- SACCHI, Paolo. *Jewish Apocalyptic and its History*. Sheffield: Sheffield Academic Press, 1990;
- _____. *The History of the Second Temple Period*. New York: T & T Clark, 2004;
- SANDY, D. Brent & O'HARE, Daniel M. *Prophecy and Apocalyptic: an Annotated Bibliography*. Michigan: Baker Academic, 2007;
- SAYÃO, Luiz. *Agora Sim! Teologia na Prática, do Começo ao Fim*. São Paulo: Hagnos, 2012;
- SCHAFF, Philip. *Nicene and Post-Nicene Fathers – Series II – Volume 3*. Michigan: Christian Classics Ethereal Library, 1892;
- SCHIFFMAN, Lawrence H. *Texts and Traditions: a Source Reader for the Study of Second Temple and Rabbinic Judaism*. Hoboken: KTAV Publishing House, 1998;
- SCHMIDT, Werner H. *A Fé do Antigo Testamento*. São Leopoldo: Sinodal, 2004;
- SCHOEDD, George H. *The Book of Enoch: Translated of Ethiopic with Introduction and Notes*. Ohio, 1881;
- SHANOKSI JR., Getúlio Elias. *O Livro de Enoch, o Profeta*. São Paulo: Madras, 2005;
- SHREINER, J. & DAUTZENBERG, G. *Forma e Exigências do Novo Testamento*. 2ª Ed. São Paulo: Teológica, 2004;
- SOARES, Dionísio Oliveira. *A Literatura Apocalíptica: o Gênero como Expressão*. Revista Horizonte. Belo Horizonte: PUC Minas, volume 7, nº 13, 2008;
- _____. *As Influências Persas no Chamado Judaísmo Pós-Exílico*. 6ª Ed. Campinas: Revista Theos, Volume V, nº 2, 2009;
- SPARKS, H. F. D. (Ed.). *The Apocryphal Old Testament*. New York: Oxford University Press, 1984;

- STEGEMANN, Ekkehard W. & STEGEMANN, Wolfgang. *História Social do Proto-Cristianismo: os Primórdios no Judaísmo e as Comunidades de Crisso no Mundo Mediterrâneo*. São Paulo e São Leopoldo: Paulus e Sinodal, 2004;
- STONE, Michael E. *Select Studies in Pseudepigrapha & Apocripha with Special Reference to the Armenian Tradition*. Leiden: Brill Academic Pub, 1991;
- STRONG, James. *Dicionário Bíblico Strong: Léxico Hebraico, Aramaico e Grego de Strong*. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2002;
- SZÖNYI, GYÖRGY E.. *Promiscuous Angels: Enoch, Blake, and a Curious Case of Romantic Orientalism*. Romanian Journal of English Studies. Timisoara: Universitatea de Vest, Vol. 8, 2011;
- TERRA, Kenner Roger Cazotto. *De Guardiões a Demônios: a História do Imaginário do Pneuma Akatharton e sua Relação com o Mito dos Vigilantes*. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista, Dissertação de Mestrado em Ciências da Religião, 2010;
- _____. *Os Anjos que Caíram do Céu: o Livro de Enoque e o Demoníaco no Mundo Judaico-Cristão*. São Paulo, SP: Fonte Editorial, 2012;
- TERTULIANO; *The Apparel of Women*. Whitefish: Kessinger Publishing, 2004;
- VANDERKAM, James C. & ADLER, Willian (Eds.). *The Jewish Apocalyptic Heritage in Early Christianity*. Minneapolis: Fortress Press, 1996;
- _____. & FLINT, Peter. *The Meaning of the Dead Sea Scrolls*. New York: T&T Clark International, 2002;
- VON RAD, Gerhard. *Old Testament Theology – Volume 1*. Kentucky: Westminster John Knox Press, 2001;
- WILCOOK, Michael. *A Mensagem de Apocalipse*. São Paulo: ABU, 1986;
- WILKINSON, Bruce & BOA, Kenneth. *Descobrendo a Bíblia*. 2ª Ed. São Paulo: Arte Editorial e Candeia, 2007;
- WRIGHT, Archie T. *The Origin of Evil Spirits*. Tubingen: Mohr Siebeck, 2005;
- YADIN, Azzan (Tr.). *Judaism of the Second Temple Period – Volume 1 – Qumran and Apocalypticism*. Michigan: Eerdmans Publishing, 2007.

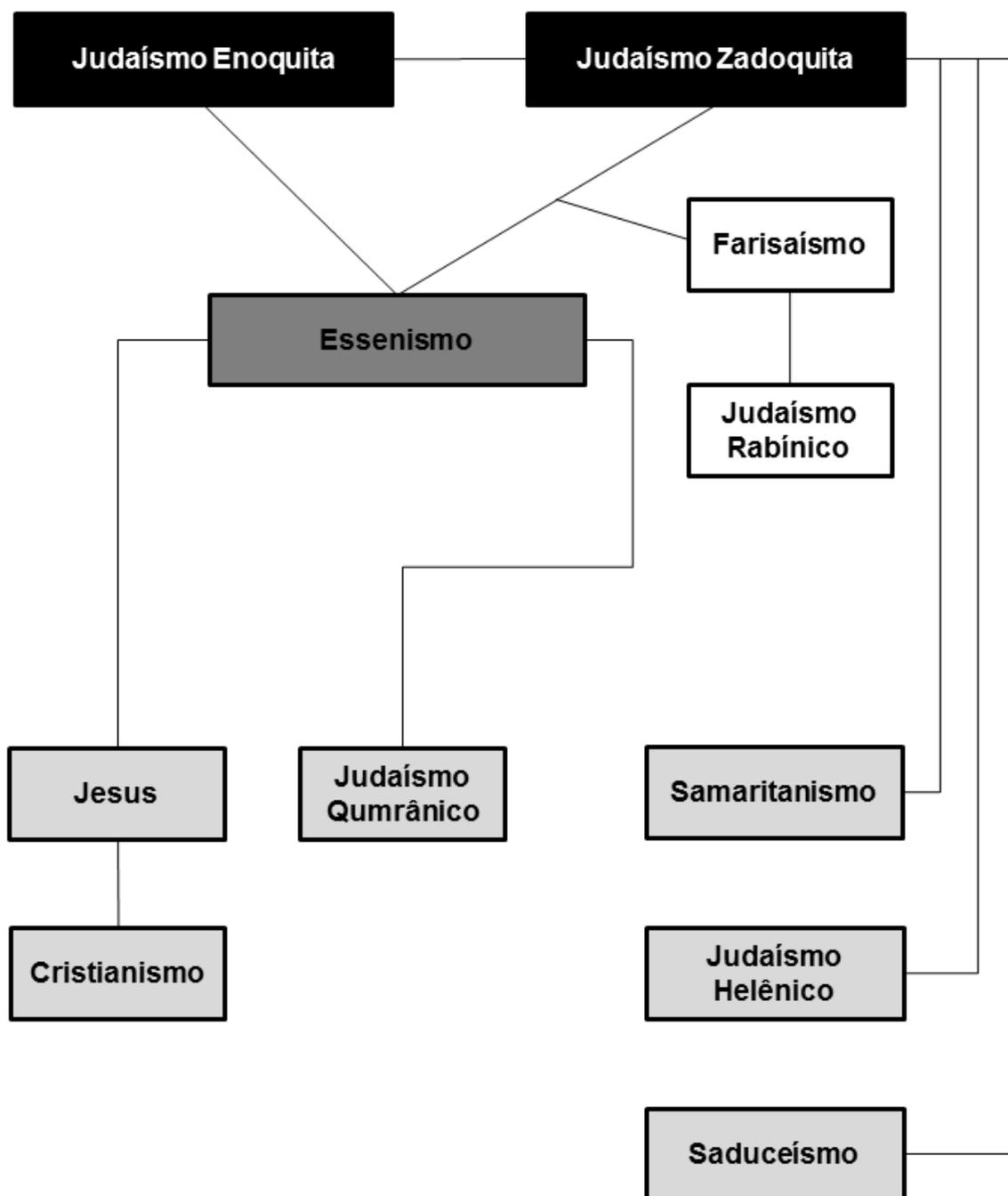
ANEXO A – CORRENTES DE TRADIÇÃO NO PERÍODO DO SEGUNDO TEMPLO.⁵⁴⁰

STREAMS OF TRADITION IN THE SECOND TEMPLE PERIOD



⁵⁴⁰ HANSON, Paul D. *The People Called: the Growth of Community in the Bible – With a New Introduction*. Louisville: Westminster John Knox Press, 2001, p. 252.

ANEXO B – ESQUEMATIZAÇÃO DA HIPÓTESE ESSÊNIA⁵⁴¹



⁵⁴¹ Esquemática adaptada conforme informações de TERRA, 2012, 67. Mais detalhes na obra de KNIBB, 2009, p. 29-35; e BOCCACCINI, 2005, p. 422, 396, 356, 389, 269; e BOCCACCINI, 1998; e DAVILA, 2005, p. 17.